

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Faculdade de Letras – FALE
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Pós-Lit

WILKER PINHEIRO CORDEIRO

Tópoi elegíacos nas Heroides de Ovídio

Belo Horizonte

2013

Wilker Pinheiro Cordeiro

Tópoi elegíacos nas Heroides de Ovídio

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. Matheus Trevizam (UFMG)

Belo Horizonte

2013

Banca examinadora:

Prof. Dr. Matheus Trevizam (FALE-UFMG) – orientador

Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso (IEL-UNICAMP)

Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção (FALE-UFMG)

Profa. Dra. Heloísa Maria Moreira Penna (FALE-UFMG) – suplente

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Matheus Trevizam, pela generosa orientação, pela paciência, compreensão e profissionalismo.

Ao corpo docente de línguas clássicas da Faculdade de Letras da UFMG, que tanto contribuiu com minha formação, sempre disponíveis e atenciosos.

Aos colegas Sérgio Freitas e Angelli Castro, pelas revisões.

Aos colegas de trabalho da SCGE/SEPLAG, ACS/Hemominas e SCPD/CGE, que me ajudaram a contornar as barreiras burocráticas para a realização deste trabalho.

Aos amigos e parentes, pela companhia.

Aos meus pais, Murilo e Rosalina e meus irmãos, Ramon e Isabel, pelo afeto e apoio.

À minha esposa Angelli, que está sempre ao meu lado.

Resumo

O poeta Públio Ovídio Nasão (43 a. C. - 17 d. C.) iniciou cedo sua carreira literária, cantando temas caros aos jovens, como o amor, a conquista e o bem viver. E o estilo que melhor recepcionava esses temas era a elegia amorosa, inspirada nos autores alexandrinos, como Calímaco e na geração anterior de poetas latinos, notadamente Tibulo, Propércio, Cornélio Galo e Catulo. Mais adiante, Ovídio expandiu tanto a temática quanto a variedade de gêneros em que escrevia. O objetivo deste trabalho é verificar a presença de motivos (*tópoi*) tipicamente elegíacos nos poemas IV, V, VI, IX, XI e XII das *Heroides*, uma obra ovidiana composta de dezoito cartas ficcionais de heroínas épicas a seus amados ausentes e as correspondentes respostas a três delas. Propõe-se também a tradução comentada de tais poemas e um estudo geral sobre elegia amorosa e seus *tópoi* mais recorrentes.

Palavras-chave: Ovídio, *Heroides*, elegia amorosa, elegia romana, *tópoi*.

Abstract

The poet Publius Ovidius Naso (43 b. C. - 17 a. D.) began his literary career early, singing themes highly appreciated by the youth, such as love, seduction and good living. And the style that best conveyed those themes was the love elegy, inspired from Alexandrian writers such as Callimachus and the previous generation of Latin poets, especially Tibullus, Propertius, Cornelius Gallus, and Catullus. Later, Ovid expanded both the theme and variety of the genres he wrote. The goal of this work is to verify the presence of motifs (*tópoi*) typically elegiac in the poems IV, V, VI, IX, XI and XII of the *Heroides*, an Ovid work comprising eighteen fictional letters from epic heroines to their absent beloved ones and the corresponding responses to three of them. Finally, it is also proposed a commented translation of such poems, a general study on love elegy, and their most recurring *tópoi*.

Keywords: Ovid, *Heroides*, love elegy, Roman elegy, *tópoi*.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	1
2	Elegia erótica romana.....	1
2.1	Catulo.....	4
2.2	Tibulo.....	6
2.3	Propércio.....	9
2.4	Ovídio	11
2.4.1	<i>Amores</i>	13
2.4.2	<i>Ars Amatoria</i>	14
2.4.3	<i>Medicamina Faciei Femineae</i>	16
2.4.4	<i>Remedia Amoris</i>	16
2.4.5	<i>Heroides</i>	17
2.4.6	<i>Metamorphoseon</i>	18
2.4.7	<i>Fasti</i>	19
2.4.8	<i>Tristia</i>	20
2.4.9	<i>Epistolae ex Ponto</i>	21
2.4.10	<i>Ibis</i>	21
3	<i>Tópoi</i> recorrentes na elegia romana	22
3.1	<i>Diues amator</i>	24
3.2	Παρακλαυσιθύρον ou <i>exclusus amator</i>	25
3.3	Ἐρωτοδιδάσκαλος ou <i>praeceptor amoris</i>	26
3.4	<i>Renuntiatio amoris</i>	27
3.5	<i>Seruitium amoris</i>	28
3.6	<i>Militia amoris</i>	28
3.7	<i>Recusatio</i>	30
3.8	O amor como doença	31

4	<i>Tópoi</i> elegíacos no <i>corpus</i> estudado.....	32
4.1	Fedra a Hipólito	32
4.2	Enone a Páris	36
4.3	Hipsípila a Jasão	39
4.4	Dejanira a Hércules.....	40
4.5	Cânace a Macareu	42
4.6	Medeia a Jasão	43
5	Conclusão.....	47
6	Tradução de cartas seleccionadas d' <i>As Heroïdes</i>	51
6.1	Phaedra Hippolyto	52
6.2	Oenone Paridi	64
6.3	Hypsipyle Iasoni	76
6.4	Deianira Herculi.....	87
6.5	Canace Macareo.....	99
6.6	Medea Iasoni.....	108
7	Bibliografia.....	122

1 INTRODUÇÃO

No final do último século antes de Cristo floresceu em Roma um gênero literário que ficou conhecido como elegia amorosa (ou erótica) latina. Consistia de poesia em versos elegíacos (dístico elegíaco), escrita por jovens, a respeito do amor, episódios amorosos e os alvos deste sentimento. Ovídio foi um dos maiores expoentes dessa forma literária. Uma de suas obras, *Heroides*, não é tipicamente elegíaca, mas carrega fortes influências do gênero, a começar pelo metro empregado. O objetivo da presente dissertação é apontar traços típicos da poesia elegíaca em recortes selecionados das *Heroides*, identificar se há suficientes evidências para confirmar o termo “elegia feminina”, usado por alguns autores¹. As metas intermediárias são: traduzir seis das vinte e uma cartas que compõem a obra; definir "elegia amorosa" nos termos da poesia latina clássica; verificar a presença ou não de *tópoi* elegíacos no *corpus* estudado.

2 ELEGIA ERÓTICA ROMANA

A “elegia” tem origem na literatura grega. O termo designava poemas escritos no metro chamado dístico elegíaco². Eram textos cantados em eventos públicos, possivelmente ao som do *aulós*³. A partir da Jônia, a elegia espalhou-se entre os séculos VII e VI a. C. e estava presente tanto em ocasiões públicas quanto privadas. Expandiu-se na Grécia durante toda a Idade Arcaica como uma das principais manifestações da poesia monódica (em uníssono). Passou a englobar temas bélicos, louvando feitos militares (Calino, Tirteu), exortatórios, dedicatórios e polemistas (Tirteu, Arquíloco), políticos, moralistas (Solon, Teógnis, Focílides, Xenófanes), usados em epitáfios, religiosos e eróticos, com Mimnermo⁴,

¹ Laurel Fulkerson, por exemplo, intitula um texto de apresentação geral das *Heroides* de "The Heroides: Female Elegy?" (in KNOX, Peter E. {org.}. *A Companion to Ovid*. Chichester: Blackwell, 2009), mas não explora especificamente este tema. Outros, como Gian Biagio Conte (CONTE, 1994) falam dos elementos elegíacos nas cartas como se fora um caráter banal do estilo ovidiano, sem dedicar-lhe maior reflexão. Gianpiero Rosati caracteriza as *Heroides* como uma elegia "ao contrário", ou seja, feminina. (ROSATI, 1998, p. 5-63)

² O dístico elegíaco consiste em dois versos, sendo um hexâmetro e um pentâmetro (mais precisamente chamado "hexâmetro duplamente cataléctico"). O primeiro verso compõe-se de seis pés dáctilos (sílabo longa-sílabo breve-sílabo breve ou sílabo longa-sílabo longa), ao passo que o segundo verso é como o primeiro, exceto pela falta das duas breves no terceiro e sexto pés.

³ BOWIE, 1986, p. 15.

⁴ Fontes indiretas contam que Mimnermo amava uma flautista chamada Nanno e teria batizado uma coletânea de poemas

em que o amor se relaciona com o lamento pela fugaz juventude e a implacável velhice.

Os poemas escritos em metro elegíaco não tinham unidade de tema nem de tom. Incluía tipos diversos de texto, mas não o que mais tarde se convencionaria chamar “elegia”⁵.

Perdeu importância no século V até recuperá-la no período alexandrino, quando o modelo ainda é Mimnermo⁶, por meio de autores como Calímaco, Euforião, Antímaco⁷ e Fílitis, tornando-se uma das formas literárias mais difundidas, prestando-se à exposição de lendas mitológicas, sobretudo das que continham elementos eróticos. Nesses poemas há uma crescente preocupação com a forma. A temática amorosa era muito ligada a heróis e heroínas mitológicos. Foi justamente essa “fase” da elegia que influenciou os poetas romanos. Durante o período helenístico foram produzidos muitos textos em dísticos elegíacos de temática amorosa, mas a maior parte do que sobreviveu é de epigramas ou textos muito curtos. Nesse conjunto de textos, rapazes e moças aparecem com a mesma frequência como alvos desse amor. Desse período podemos citar Meleagro, Árquias, Asclepiades de Samos, dentre outros:

*Νύξ μακρὴ καὶ χεῖμα, μέσην δ' ἐπὶ Πλειάδα δύνει,
κάγῳ πάρ προθύροις νίσσομαι ὑόμενος,
τρωθείς τῆς δολίης κείνης πόθῳ οὐ γὰρ ἔρωτα
Κύπρις, ἀνιηρόν δ' ἐκ πυρὸς ἦκε βέλος.*⁸ (ASCLEPIADES, AP 5:189)⁹

Também houve poemas em dísticos elegíacos de maior extensão, como os *Aitia*¹⁰ de Calímaco.

Uma vez introduzida em Roma, assumiu identidade própria, colocando-se a serviço do

com o nome dela. (BOOTH, 1995, p. xiii)

⁵ *These poets' best known poems, or fragments of poems, are short pieces of exhortation, personal comment and reflection. (...) There is much overlap of theme with both lyric and iambic poetry: but elegy's tone never falls so low as iambic's sometimes does. This may stem partly from its relation to hexameter epic, but also from its more formal manner of delivery.* (BOWIE, 1986, p. 14)

⁶ MARMORALE, 1974, p. 243.

⁷ Antímaco de Colófon publicou um poema elegíaco chamado *Lyde*, em homenagem a uma suposta amada. No entanto, o conteúdo do poema é exclusivamente mitológico. (BOOTH, 1995, p. xiii)

⁸ “A noite é longa e tempestuosa e cai quando a Plêiade está pelo meio do céu; e eu, encharcado, ando diante das portas, ferido de desejo por aquela traiçoeira; pois Cípris não me lançou o amor, mas uma dolorosa seta do fogo.” (tradução minha)

⁹ Fonte do texto grego: COPLEY, 1956, p. 15.

¹⁰ *Aitia* (“Origens”), nome dado por Calímaco ao conjunto de narrativas escritas em versos elegíacos. Dividida em quatro livros, a coletânea trata da origem ou causa (*aition*) de costumes, práticas religiosas, acontecimentos históricos, fundação de cidades, leis, bem como da origem de seres e divindades. Embora nessas elegias a “ciência” e a poesia estejam presentes, o objetivo do poema não é didático, mas visa a proporcionar prazer juntamente com a informação. (ONELLEY e PEÇANHA, 2010, p. 4)

amor subjetivo ou retomando o caráter patriótico. Pouco restou dos primeiros autores elegíacos romanos. Há pequenos fragmentos da obra de Licínio Calvo, Varrão de Átax e Cornélio Galo. Eles eram provavelmente jovens, cantavam na primeira pessoa, com o próprio nome, sobre episódios amorosos, relacionados a uma única heroína – supostamente uma mulher real, designada por um nome mítico.¹¹

No entanto, vale ressaltar que a transição da poesia elegíaca helenística para aquela escrita em latim é incerta e matéria de debate dentro da filologia¹². A teoria do alemão F. Leo é de que semelhanças entre a Comédia Nova e a elegia amorosa latina mostram que elas podem ter derivado de uma hipotética elegia erótico-subjetiva helenística, agora perdida. A ideia de que a elegia latina derivou diretamente da elegia helenística é geralmente rejeitada hoje em dia¹³. Argumenta-se que o distinto caráter subjetivo e autobiográfico¹⁴ da elegia latina não teria tido precedente em nenhum poeta elegíaco helenístico. A outra teoria é de F. Jacoby, que considera a elegia latina um desenvolvimento do epigrama grego, de que extraiu o caráter subjetivo, as situações e os motivos. A influência dos epigramas é evidente em muitas elegias, mas não pode ser considerada uma característica de todo o gênero em si.¹⁵

*Elegia quoque Graecos prouocamus, cuius mihi tersus atque elegans maxime uidetur auctor Tibullus. Sunt qui Propertium malint. Ouidius utroque lasciuior, sicut durior Gallus.*¹⁶ (QUINTILIANO, *Institutio Oratoria* 10:1.93)

Quanto ao contexto histórico, o século I a.C. foi um período marcado por guerras civis em Roma e em sua esfera de influência. Contudo, após a vitória de Augusto (27 a. C.),

¹¹ VEYNE, 1988, p. 1.

¹² CONTE, 1994, p. 322.

¹³ CONTE, 1994, p. 322.

¹⁴ Paul Veyne considera que a elegia amorosa latina era baseada mais em convenções literárias ficcionais do que na própria vida pessoal dos poetas: “A genuine biography of any one of these elegists would hardly resemble such fiction. Tibullus, who plays at being languid, started out as a general and was decorated for his role in repressing a rebellion in southwest of Gaul. In fact, their emotional life must have been something like the following.” (VEYNE, 1988, p. 65)

¹⁵ Acerca da dificuldade de se afirmar com precisão a extensão da herança da elegia amorosa latina com relação à tradição elegíaca grega, uma vez que pouco restara dos supostos modelos helenísticos para ratificar qualquer hipótese, Archibald Day ressaltou: “Propertius and Ovid admit an indebtedness to the Greek elegists, notably to Philetas and Callimachus, and regard themselves as continuing the Greek elegiac tradition. Tibullus does not mention his sources but certainly imitated Greek models, especially New Comedy and the Epigram, (...) the extant fragments of Alexandrian elegy, however, are without exception of a narrative or mythological character; but since Propertius, Tibullus, and, to a less extent, Ovid, wrote personal amatory poetry, it must follow that the Greek erotic elegies have disappeared, together with all mention of such subjective Hellenistic elegy in the works of subsequent grammarians or literary historians. (DAY, 1938, p. 37)

¹⁶ “Desafiamos os gregos também na elegia, cujo autor Tibulo parece-me, ao máximo, refinado e elegante. Existem os que preferem Propércio. Ovídio é mais lascivo que ambos, assim como Galo é mais áspero.” (tradução minha)

começará um período de paz, propício ao *otium* contemplativo, terreno fértil para o surgimento de expressões artísticas como uma poesia subjetiva e, no caso da elegia, amorosa. Apesar da crescente preocupação do imperador em restaurar os valores morais e civis do povo romano, há relativa tolerância com práticas comumente narradas na poesia elegíaca. Se, por um lado, o homem romano das ordens mais favorecidas tinha deveres militares e políticos para com o império, deveria casar-se com uma mulher de ordem semelhante para gerar descendentes, por outro lado ele também poderia, se assim desejasse, manter sua vida privada livre de muitas dessas convenções¹⁷. Um homem livre romano deveria, nas suas relações pessoais, ser sempre o ente dominante. Seja no seu casamento ou perante suas (e seus) amantes, o convencional era a posição ativa, condizente com o forte paternalismo da sociedade. Porém, a poesia elegíaca invertia esses papéis. O *poeta* colocava-se em posição de *seruus* da *puella*, que passava a ser, então, *domina*. Fosse ela uma mulher livre e rica, uma mera *meretrix* ou um jovem escravo, o amante sempre se colocava (ou se dizia) em posição de submissão, tentando conquistar ou manter sua conquista por meio da bajulação subserviente. E é essa inversão de papéis que mais se choca com o ambiente moral da época.¹⁸

2.1 Catulo

Gaius (ou *Quintus*) *Valerius Catullus* nasceu em Verona, de uma família equestre¹⁹, ligada a César, e morreu trinta anos depois. Estipula-se que viveu entre 84 e 54 a. C. Começou a escrever ainda adolescente, na sua cidade natal. Quando em Roma, conviveu com a elite da cidade, como políticos e literatos. Segundo Apuleio (em *Apologia*, 10), teve um relacionamento amoroso com Clódia, a que chamou de Lésbia em seus poemas, e que provavelmente foi meia-irmã do tribuno *Publius Clodius Pulcher* e esposa de *Quintus Caecilius Metellus*, cônsul no ano 60 a. C. (segundo Cícero em *Pro Caelio*, 14). Cícero a

¹⁷ BOOTH, 1995, p. xx.

¹⁸ Com relação ao desafio às convenções sociais presente em textos elegíacos, Alessandro Barchiesi destaca: “*The elegiac Self addresses the woman he loves as his domina, opening up the entire semantic field that we now associate with the label seruitium amoris. It is important for modern readers to appreciate the violent divergence of these images from social norms. In order to devise a new rapport with a woman, one calls into question the most settled of social assumptions, the distinction between free and slave, and employs metaphorically to represent the subjection of a freeborn man to a woman, who is herself, moreover, not infrequently a freed slave.*” (BARCHIESI, 2001, p. 37)

¹⁹ Originalmente, um *eques* (cavaleiro) era um membro da prestigiosa divisão de cavalaria do exército romano, cuja membresia requeria a posse de um *equus* (cavalo). Os *equites* preferiam ter sua própria vida financeira, ao contrário da classe senatorial, que tendia à vida política. Eram “fazendeiros” e comerciantes que muitas vezes eram tão ricos quanto os senadores. Formavam uma aristocracia latifundiária ou comercial. Uma família equestre poderia, se assim desejasse, até ser elevada à ordem senatorial. Os escritores da elegia amorosa romana eram predominantemente desta ordem [*equites*]. (LEONARD, 2004, p. 1-2)

descreveu como elegante e culta (*Pro Caelio*,13).

Há 116 poemas atribuídos a Catulo, organizados em um único livro, geralmente dividido em três grupos. O primeiro conjunto (poemas nº 1 ao nº 60) é composto de textos curtos e alegres, conhecidos como *nugae* ("frugalidades") e escritos em diversos metros. O segundo (nº 61 ao nº 68) compõe-se de poemas maiores, com intenção de serem estilisticamente mais sérios. Também são em metros diversos. São os chamados *carmina docta* ("poemas sábios"). O terceiro grupo (nº 69 ao nº 116) é composto, em sua maioria, por poemas curtos em dísticos elegíacos, os epigramas. Acredita-se que a edição deste livro seja póstuma.²⁰

O poema 68 é considerado por Gian Biagio Conte um precursor da elegia erótica romana²¹ devido ao grande espaço que dedica às recordações, bem como pela projeção mitológica da vida real, além de apresentar uma extensão bem superior aos epigramas elegíacos, muito comuns em sua obra. É um poema particularmente complexo. Aborda vários temas caros a Catulo: amizade, amor, a atividade poética e sua conexão com a cidade de Roma, além do luto pela morte do irmão. A recordação dos primeiros episódios amorosos com Lésbia evanesce no mito, na história de Protesilau e Laodâmia, que se uniram antes do casamento e foram punidos com a morte de Protesilau assim que desembarcou em Troia. É o arquétipo da relação entre Catulo e Lésbia, também imperfeita e precária:

*Is clausum lato patefecit limite campum,
isque domum nobis isque dedit dominam,
atque ubi communes exerceremus amores.
Quo mea se molli candida diua pede
intulit et trio fulgentem in limine plantam
innixa arguta constituit solea,
coniugis ut quondam flagrans aduenit amore
Protesilaeam Laodamia domum
inceptam frustra, nondum cum sanguine sacro*

²⁰ CONTE, 1994, p. 143.

²¹ CONTE, 1994, p. 150.

*hostia caelestis pacificasset eros.*²² (CATULO, 68:67-76)

A obra de Catulo é considerada rica e complexa. Além da elegância advinda da literatura alexandrina, ele pode ter sido influenciado também pela emotividade presente nos gregos arcaicos, como Arquíloco e Safo. A linguagem utilizada, inovadora para a época, é uma combinação de jargão literário com a fala cotidiana. Retém a expressividade desta, mas com a fineza aristocrática daquela. O estilo é composto por um vasto arsenal de recursos expressivos que vão do desdém jocoso e irônico à ternura das palavras amorosas, da autoconfiança juvenil à calma melancolia dos poemas mais recentes. A distinção mais genérica que se faz dentro do *corpus* de Catulo é entre a maior expressividade, emotividade e teor autobiográfico dos poemas curtos e o maior esmero estilístico dos textos maiores, que claramente lançavam mão de elementos que à época lhes conferiam *status* mais elevado, como arcaísmos, palavras compostas, aliterações, etc.²³

*Illa, atque alia, uiderunt luce marinas
mortales oculis nudato corpore Nymphas
nutricum tenuis exstantes e gurgite cano.
Tum Thetidis Peleus incensus fertur amore,
tum Thetis humanos non despexit hymenaeos,
tum Thetidi pater ipse iugandum Pelea sensit.*²⁴ (CATULO, 64:16-21)

Catulo foi muito admirado tanto em vida como postumamente e exerceu grande influência sobre os elegistas do tempo de Augusto.

2.2 Tibulo

Não há informações precisas sobre *Albius Tibullus*. Nasceu entre 55 e 50 a. C., provavelmente no Lácio. Morreu entre 19 e 18 a. C. Era de uma rica família equestre, apesar

²² “Ele as vias me abriu largas em campo ocluso, me deu morada e deu-me à sua dona, e lá comuns nós praticávamos amores e clara minha deusa em passo manso entrou e os pés sobre alisado umbral luzentes deteve entre sandálias sonoras, qual Laodâmia outrora ardendo pelo esposo à casa veio de Protesilau, de mau começo até que os celestes senhores sacro aplacasse o sangue de uma vítima.” (texto latino: CATULLE, 1949; tradução de OLIVA NETO, 1996, p. 141)

²³ CONTE, 1994, p. 151.

²⁴ “Naquele dia, e <não> em outro, os mortais viram com seus olhos as Nymphae marinhas em corpo nu, mostrando-se até os seios, a partir do branco turbilhão. Então, conta-se, Peleus foi incendiado pelo amor de Thetis. Então, Thetis não desprezou um himeneu humano. Então, o próprio pai decidiu que Peleus deveria unir-se a Thetis.” (tradução: LAGES, 2003, p. 4)

de ter explorado nas suas obras o tema da pobreza e dos revezes econômicos, assim como o fizeram outros poetas elegíacos.²⁵ Frequentava o círculo de Messala Corvino²⁶, um importante político republicano, que conseguiu manter o prestígio mesmo durante o regime de Augusto. Participou de campanhas militares²⁷ junto a Messala até que uma doença o forçou a retornar à Itália. Nos seus textos, caracterizou-se como um dos jovens típicos da Roma de Augusto, sem maiores interesses políticos ou profissionais. Cultivou (ou fez parecer) o amor livre, a bucólica vida rural, a paz e o *otium*, preconizado pelo epicurismo, que propicia a meditação e a contemplação. Passou os últimos dias no campo, no Lácio, onde Horácio o descreveu como isolado e melancólico.²⁸

Atribuído a Tibulo, sobreviveu até os nossos dias um conjunto heterogêneo de elegias, o *Corpus Tibullianum*, organizado em três livros (ou quatro, de acordo com uma divisão renascentista do terceiro livro em dois). Hoje em dia, somente os dois primeiros são atribuídos a ele com certa convicção. Com relação aos demais livros, apenas alguns poemas são considerados, de fato, de sua autoria.

O primeiro livro, escrito possivelmente entre 32 e 25 a. C., é dominado pela figura de Délia. Cinco (I, II, III, V e VI) das dez elegias do livro são dedicadas a ela. Esses poemas, conforme as convenções do gênero elegíaco, descrevem uma mulher volúvel, caprichosa e apreciadora de luxo e de prazeres mundanos. A relação entre eles não é tranquila, sempre ameaçada pelo risco de traição. Além das elegias sobre Délia, há outras três (VIII, IX e IV, que ilustram a arte de conquistar os *pueri*) dedicadas ao jovem Márato, escritas num tom menos sofrido, mais irônico e lúdico. Para completar o primeiro livro, há uma elegia (VII) sobre o aniversário de Messala e outra (X) que celebra a paz e a vida no campo.

Três (III, IV e VI) das seis elegias do segundo livro, supostamente inacabado, são devotadas a Nemesis, sua nova protagonista. Cortesã gananciosa e sem escrúpulos, é uma figura mais amarga que a musa anterior. A primeira elegia do livro descreve uma festa rural, as *Ambarualia*, a segunda, o aniversário do amigo Cornuto e a quinta louva uma passagem da vida do primogênito de Messala.

²⁵ CONTE, 1994, p. 326.

²⁶ *Marcus Valerius Messalla Corvinus* (64 a. C. – 8 d. C.) foi militar, político e patrono das artes. Lutou, ao lado dos republicanos, contra César e mais tarde foi aliado de Marco Antônio. Porém, em certo momento torna-se favorável a Otaviano. Sabemos que foi figura influente durante o reinado de Augusto, embora não haja informações sobre sua proximidade com o imperador. Seu interesse pelas artes ficou célebre por ter sido o protetor de Tibulo, embora ele próprio tenha sido um orador famoso, além de autor de trabalhos de gramática e retórica. (CONTE, 1994, p. 260)

²⁷“(…) he was (like Cornelius Gallus) apparently a professional soldier (…)” (BOOTH, 1995, p. xxx.)

²⁸ CONTE, 1994, p. 326.

Segundo seus poemas, Tibulo tinha forte apreço pela serenidade da vida rural²⁹, pelo *locus amoenus* representado pelo campo. Apesar disso, sua poesia segue os principais aspectos da elegia romana, como a vida citadina servindo de fundo para amores, intrigas, encontros secretos e traições. A relação entre esses dois mundos reside na tendência de os poetas elegíacos criarem um mundo ideal, livre de todos os tormentos do mundo real, exceto pelas decepções causadas por amores não inteiramente correspondidos. Para escapar das tensões da vida cotidiana³⁰, dos desejos insatisfeitos e das relações conturbadas, o poeta busca refúgio no mundo do mito, da idealização nos paradigmas heroicos³¹. Em Tibulo, no entanto, o mito está ausente, o que o distingue dos outros elegistas, e este papel de local de fuga é ocupado pelo mundo rural, simples, sereno, de idílica felicidade e religiosidade ancestral. Isso se relaciona a outro tema caro a Tibulo: a oposição à guerra e ao militarismo. A paz do campo, desta forma, também serve de evidente contraponto aos horrores da guerra.

Abaixo um trecho tibuliano que exemplifica bem a poesia amorosa latina: o eu-lírico dirige-se à amada, ensinando-lhe artimanhas para alcançar furtivos encontros amorosos, citando a típica situação da porta fechada, que veremos adiante, no capítulo 3.2:

*Tu quoque ne timide custodes, Delia, falle,
audendum est: fortes adiuuat ipsa Venus.
Illa fauet, seu quis iuuenis noua limina temptat,
seu reserat fixo dente puella fores;
illa docet molli furtim derepere lecto,
illa pedem nullo ponere posse sono,
illa uiro coram nutus conferre loquaces
blandaque conpositis abdere uerba notis*³². (TIBULO, I.2:15-22)

²⁹ Horácio o descreve como um morador do campo, inclinado a passeios tranquilos, um filósofo “que se importa com o que quer que valha a pena a um homem bom e sábio”. (PUTNAM, 1982, p. 164)

³⁰ Conforme analisa Paul Veyne, “*The aesthetic pleasure of a playful triumph over weightiness, over the taste for sentimentality and human interest, Roman erotic elegy retains from our reality just a few banal and vague givens (a noble libertine, an irregular) and then transforms them into fictional beings who lead a dream life. The internal logic of this world, which is not our world, is that one lives in it only to sing of and suffer from love. Not being in the country, these shepherds without a cloak sigh over not being there. Elegy sings not of passion but of the fiction of a life that is exclusively poetic and amorous.*” (VEYNE, 1988, p. 101)

³¹ CONTE, 1994, p. 327.

³² “Também tu, Délia, não enganes os guardas timidamente, é preciso ousar: a própria Vênus auxilia os bravos. Ela favorece ou um jovem que ensaia uma nova soleira, ou uma moça que abre a porta introduzindo a chave; ela ensina a descer furtivamente de um leito macio, ensina a poder pisar sem barulho, ensina a trocar sinais expressivos perante o marido e a

2.3 Propércio

Sexto Propércio nasceu na Úmbria entre 49 e 47 a. C., de uma rica família equestre que acabou perdendo terras e poder após a Guerra de Perúsia, entre 41 e 40 a. C., vencida por Augusto. Seu pai morreu cedo, quando jovem foi para Roma tentar carreira política e jurídica. Já em 29, portanto tendo apenas entre 18 e 20 anos, fazia parte de círculos literários e convivia com Cíntia, uma mulher elegante e inescrupulosa que, segundo Apuleio (*De Magia*, 10), tinha o nome verdadeiro de Hóstia³³ e era de boa família. Segundo os poemas, era culta e mais velha que ele, guardando certa semelhança com a Lésbia de Catulo, o que sugere que eram muito mais personagens convencionalizadas do que retratos fiéis de mulheres de carne e osso³⁴. Além disso, Propércio era ligado – provavelmente desde a publicação do seu primeiro livro de poemas, em 28 a. C – a Mecenas e a seu grupo, incluindo Virgílio e, possivelmente, também Horácio³⁵. Também era próximo de Ovídio, que por sua vez era do círculo de Messala. Morreu jovem, provavelmente em 15 a. C.

Conhecemos hoje quatro livros de elegias de Propércio. O primeiro, publicado em 28 a. C., é conhecido pelo nome grego *Monobiblos* ("livro único") ou *Cynthia*. O segundo e o terceiro podem ter sido publicados entre 25 e 22 a. C., mas não há consenso sobre isso, nem mesmo se não formariam um só. O quarto é diferente dos demais e não trata de fatos posteriores a 16 a. C., o que sugere que ele tenha falecido nessa época e que a publicação seja póstuma³⁶.

O primeiro livro tem vinte e duas elegias. Todas versam de forma mais ou menos direta sobre o amor de um jovem apaixonado por uma mulher fina e elegante (Cíntia). É um texto centrado nas relações amorosas, sem qualquer referência ao conturbado cenário político da época.

O segundo tem trinta e quatro elegias e também está centrado na relação com Cíntia. Quase todo o livro versa sobre os caprichos, paixões e rejeições da amada. Já na primeira elegia, há uma *recusatio*³⁷ de outra poesia que não a amorosa:

ocultar lisonjeiras palavras sob modestos sinais.” (original latino: TIBULLE, 1955; tradução minha)

³³ CONTE, 1994, p. 331.

³⁴ Sobre a convencionalidade dos motivos literários da elegia, Veyne destaca: “*Roman erotic elegy is a pleasing falsehood, where everything is a humorous simulacrum with no trace of irony or harshness, including the vexations of love and evil company.*” (VEYNE, 1988, p. 86)

³⁵ MARMORALE, 1974, p. 249.

³⁶ MARMORALE, 1974, p. 249.

³⁷ Sobre a *recusatio*, ver item 3.7.

*Quaeritis unde mihi totiens scribantur amores,
unde meus ueniat mollis in ore liber;
non haec Calliope, non haec mihi cantat Apollo*³⁸;
*ingenium nobis ipsa puella facit*³⁹. (PROPÉRCIO, II.1:1-4)

Há ainda uma homenagem aos triunfos de Augusto no décimo poema. O livro seguinte traz vinte e cinco elegias, ainda com Cíntia como figura central. Enquanto a exorta a abandonar um outro amante para ficar com ele, chega a prever o *discidium* entre ela e o rival mas, na verdade é a “relação” deles que está próxima do fim:

*Iam tibi de timidis iste proteruus erit,
qui nunc se in tumidum iactando uenit honorem;
discidium uobis proximus annus erit*⁴⁰. (PROPÉRCIO, II.24:30-32)

Tornam-se mais numerosos os temas políticos, sempre favoráveis ao imperador.

No quarto livro há onze elegias, porém mais longas que aquelas dos livros anteriores. Somente duas tratam de Cíntia, retratada como agressiva e amarga, mesmo quando aparece apenas num sonho do poeta, como uma sombra no mundo dos mortos. A drástica redução da presença da personagem Cíntia e a referência ao mundo do mortos levou os autores que defendem que ela existiu de fato a suporem que esse foi o momento de sua morte⁴¹:

*Sunt aliquid Manes: letum non omnia finit
luridaque euictos effugit umbra rogos.
Cynthia namque meo uisa est incumbere fulcro,
murmur ad extremae nuper humata uiae,
cum mihi somnus ab exsequiis penderet amoris*

³⁸ Segundo GRIMAL (1993, p. 34), “Apolo era representado sobre o monte Parnasso como deus da música e da poesia, onde presidia os jogos das Musas. Os seus oráculos eram geralmente expressos em fórmulas versificadas, e passava por inspirar tanto os advinhos quanto os poetas. Partilha esta função inspiradora com Dioniso, mas a inspiração apolínea distingue-se da inspiração dionisíaca, pelo seu caráter mais equilibrado.”

³⁹ “Perguntas de onde tantas vezes as paixões me eram escritas, de onde vem meu livro suave à boca. Nem Calíope, nem Apolo os cantam para mim. A própria garota mos inspira.” (original latino, PROPERCE, 1964; tradução minha)

⁴⁰ “(...) então este atrevido será um dos covardes para ti, ele que agora vem a jactar-se em soberbo orgulho: no ano que vem, haverá separação entre vós.” (original latino: PROPERCE, 1964; tradução minha)

⁴¹ Segundo MARMORALE, 1974, ela morreu talvez em 20 a. C.

*et quererer lecti frigida regna mei*⁴². (PROPÉRCIO, IV.7:1-6)

Os outros textos são predominantemente de concessão ao que preconizava o regime político vigente, notadamente sobre mitos e rituais da tradição religiosa itálica.

Propércio lançava mão de fábulas mitológicas, ao modo alexandrino⁴³, para engrandecer seu amor, que também está ligado à nobreza, poder e riqueza.

2.4 Ovídio

Públio Ovídio Nasão nasceu em Sulmona, atual Abruzzo, de uma próspera família equestre, em 20 de março de 43 a. C. Em Roma, frequentou escolas de retórica, tentando seguir carreira jurídica e política.⁴⁴ Como parte da formação de jovens de altas classes, viajou à Grécia. No entanto a carreira política não foi à frente. Fez parte do círculo literário de Messala Corvino e conviveu com os literatos da época. Atingiu sucesso como escritor e foi feliz no seu terceiro casamento. Mas em 8 d. C. foi inesperadamente punido por Augusto com o relegamento⁴⁵ na distante Tomos (hoje Constanza), na costa do Mar Negro. A causa dessa punição é motivo de debate até hoje. Suspeita-se que pode ter sido uma reação de Augusto à imoralidade de seus poemas, sobretudo do livro *Ars Amatoria*⁴⁶. Essa seria a explicação

⁴² “Têm existência os espíritos: a morte não acaba com tudo, escapa-se a sombra pálida da pira apagada. O fato é que Cíntia, enterrada há pouco junto ao ruído da longínqua via, pareceu deitar-se sobre minha cama quando me era atrapalhado o sono pelo funeral do amor, e eu me queixava dos frios reinos de meu leito.” (original latino: PROPERCE, 1964; tradução minha)

⁴³ A poesia alexandrina floresceu no mundo helênico a partir do século III a. C. e era caracterizada por grande esmero formal e valorização da erudição, como destacam Glória Braga Onelley e Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha: “Desenvolvida sob a tutela interessada dos monarcas das cortes helenísticas, a literatura é cultivada em círculos sociais restritos, destinando-se, pois, a uma minoria letrada, o que a afasta do grande público, muito embora alguns gêneros, sobretudo o dramático, tenham conservado sua popularidade. O fazer poético é, então, regulamentado por regras artísticas, baseadas em um profundo conhecimento da literatura precedente, com base na qual os poetas alexandrinos selecionavam seus modelos – Homero e Hesíodo, de um lado, e a lírica coral e a comédia antiga, de outro, parecem ter sido preferidos – sem serem, entretanto, servís imitadores dessa tradição literária. Para os poetas alexandrinos, a criação poética é, na verdade, um complexo processo de elaboração objetiva, interessando-lhes, principalmente, o aspecto formal e técnico de sua obra. Apresentando, assim, uma concepção distinta da dos poetas do período arcaico, os poetas alexandrinos consideram a poesia o resultado de uma *téchne*, ou seja, um conjunto de regras práticas, que reflete tanto o progresso científico quanto a pesquisa histórico-literária, realizada nas grandes bibliotecas. A palavra-chave da nova estética literária é, pois, a erudição. Trata-se de uma poesia dirigida a destinatários também eruditos. Sendo assim, a arte devia ser difícil e, ao mesmo tempo, primar pela perfeição técnica.” (ONELLEY e PEÇANHA, 2010, p. 2)

⁴⁴ CONTE, 1994, p. 340.

⁴⁵ Diferente do exílio, que incluía também a perda da cidadania e das posses. (CONTE, 1994, p. 340)

⁴⁶ Alessandro Barchiesi, em seu *Speaking Volumes – Narrative and Intertext in Ovid and other Latin poets* (Cap. 4. *Teaching Augustus through Allusion*) estuda a defesa que Ovídio promove de si mesmo e da *Ars Amatoria*, texto que teria sido parcialmente culpado pela sua condenação, a qual ele atribui a um *carmen et error*. Quanto ao *error*, o poeta não pode referir-se diretamente, recorrendo à alusão só acessível a quem conhecia, de fato, de que se tratava, incluindo o próprio Augusto, destinatário do texto. Com relação ao *carmen*, Ovídio tenta argumentar que é um texto “inocente”, pois moldado não sobre a realidade objetiva de relações sexuais ilícitas, mas sobre toda uma tradição de textos elegíacos em que foi baseado, nominalmente Tibulo, que ele não apenas cita, mas cujos versos reproduz para mostrar que, se há crime de imoralidade em *Ars*, então também haveria em toda herança literária que a inspirou: “*Ovid reveals, in the body of evidence provided by Tibullus, an old trick of elegiac poets. These poems about real love affairs are constantly playing a game of*

oficial, para esconder o suposto verdadeiro motivo, o envolvimento de Ovídio no adultério de *Iulia Minor*,⁴⁷ neta de Augusto, com Décimo Júnio Silano, um grande escândalo na época. Morreu em Tomos em 17 ou 18 d. C.

As primeiras obras de Ovídio são difíceis de se datar com precisão. *Amores* foi primeiro publicado em algum momento após 20 a. C., mas a edição que originou os manuscritos que chegaram até os dias de hoje é de bem mais tarde, talvez no ano 1 de nossa Era. Compõe-se de 49 elegias. Acredita-se que *Amores* possa ser contemporâneo das quinze primeiras cartas de *Heroides*, algo em torno de 15 a. C., embora muitos acreditem que estas são do período entre 10 e 3 a. C. As cartas XVI a XXI são datadas, provavelmente, de 4 a 8 d. C. As vinte e uma cartas foram escritas em dísticos elegíacos.

Ovídio escreveu também uma tragédia, agora perdida, chamada *Medea*, entre 12 e 8 a. C. Entre 1 a. C. e 1 d. C., foram publicados os dois primeiros livros que compunham *Ars Amatoria*. Um pouco mais tarde saiu o terceiro e também *Remedia Amoris*. Os dois primeiros livros de *Ars Amatoria* ensinavam aos homens sobre o amor e, o terceiro, às mulheres. O metro empregado tanto em *Ars* quanto em *Remedia* foi o dístico elegíaco. Do mesmo período temos *Medicamina Faciei Femineae*, também escrito em dísticos elegíacos, do quais somente cerca de cem versos sobreviveram.

Do ano 2 até 8 d. C. foi composto *Metamorphoses* (ou *Metamorphoseon Libri*), um grande poema, de 15 livros, totalizando cerca de doze mil hexâmetros e *Fasti*, um calendário escrito em dísticos elegíacos, mas que foi interrompido na metade (mês de junho) pelo castigo de Augusto.

Do relegamento temos *Tristia*, composto de cinco livros, escritos entre o ano 9 e o 12 e *Epistulae ex Ponto*, que tem quatro livros, sendo o último publicado postumamente. *Tristia* e *Epistulae* são em versos elegíacos. O poema *Ibis* é do período entre 11 e 12 d. C. Há ainda poemas de autoria duvidosa atribuídos a Ovídio, como um fragmento de um poema didático sobre pescaria chamado *Halieutica*, ou um outro chamado *Consolatio ad Liuiam* ou a elegia *Nux*. Outras peças, como a supracitada *Medea*, foram perdidas, assim como dois poemas sobre a morte e apoteose de Augusto.⁴⁸

marginality and reticence. The puella is a free woman, maybe married, or perhaps a courtesan; the uir is sometimes the fiancé, other times the panderer, still others the husband. If the Ars is under accusation, so too is the entire elegiac tradition from which the Ars has learned (well before the Julian laws) to play with fire without being burned. Literary allusion, at this point, is no longer a game without consequences." (BARCHIESI, 2001, p. 96)

⁴⁷ CONTE, 1994, p. 340.

⁴⁸ CONTE, 1994, p. 341.

2.4.1 *Amores*

Ovídio escreveu esta série de elegias sobre o amor muito jovem, possivelmente antes dos 20 anos de idade. Tem claras influências do grandes elegíacos que o precederam, Tibulo e, sobretudo, Propércio. Escreve em primeira pessoa sobre temas tipicamente elegíacos, mas também há poemas sobre assuntos diversos, como cantos fúnebres sobre Tibulo ou sobre um pássaro da amante. Além de aventuras e desventuras amorosas, brigas com a amante, ciúmes, conquistas, flertes e todo arsenal de situações-padrão da elegia erótica, há elementos particulares de Ovídio. A primeira peculiaridade é que não há a figura central de uma única mulher em torno de quem giram todas as histórias amorosas. Catulo tinha Lésbia, Propércio tinha Cíntia, Tibulo tinha Délia e, a seu tempo, Nêmesis. A Corina⁴⁹ ovidiana aparece algumas vezes, mas é uma personagem ocasional. O poeta deixa claro, por exemplo, que gosta de “todas elas”:

Denique quas tota quisquam probet urbe puellas,

*noster in has omnis ambitiosus amor*⁵⁰. (OVÍDIO, *Amores*, II.4:47-48)

Outra diferença da elegia de Ovídio em relação a seus antecessores é a perda da dramaticidade, do *páthos* característico deste gênero, como ressalta Gian Biaggio Conte:

(...) the pathos typical of the great Latin love poetry also dissolves into banality in Ovid. The drama of Catulus or Propertius, the intense adventure of their existence, becomes in Ovid little more than a *lusus*, and the experience of eros is examined by the poet with irony and intellectual detachment. (CONTE, 1994, p. 343)

Em *Amores*, a poesia de Ovídio busca a elevação e a imortalização do poeta, portanto não se prende aos anseios da vida cotidiana, como a busca pelo sucesso político, material ou militar:

Mortale est, quod quaeris, opus. Mihi fama perennis

*quaeritur, in toto semper ut orbe canar*⁵¹. (OVÍDIO, *Amores* I.15:7-8)

⁴⁹ Nas palavras de Victoria Rimell (RIMELL, 2009, p. 4), “For although in the *Amores*, Ovid’s first published work, erotic relations appear more straightforwardly formulated (at least, in parts) as lover/beloved, and Corinna appears to be little more than elegiac subject-matter, with no voice of her own (...)”

⁵⁰ “Em suma, em toda a cidade, as mulheres que alguém aprova, por todas estas há meu ambicioso amor.” (tradução minha)

Uma característica de *Amores*, compartilhada com as obras cronologicamente próximas, *Ars Amatoria*, *Remedia Amoris* e *Medicamina Faciei Femineae*, é o caráter didático-amoroso⁵², que pode ser constatado nos seus antecessores Propércio (I.10 e IV.5) e Tibulo (I.4)⁵³. No exemplo a seguir, uma mostra do *praeceptor* Ovídio em ação:

Saepe mihi dominaeque meae properata uoluptas

ueste sub iniecta dulce peregit opus.

Hoc tu non facies; sed, ne fecisse puteris,

conscia de tergo pallia deme tuo.

Vir bibat usque roga — precibus tamen oscula desint! —

*dumque bibit, furtim si potes, adde merum*⁵⁴. (OVÍDIO, *Amores* I.4:47-52)

2.4.2 *Ars Amatoria*

Compõe-se de três livros, o primeiro ensinando a conquistar as mulheres, o segundo, a conservá-las apaixonadas e o terceiro ensinando-as a seduzir os homens. Também foi escrito em metro elegíaco. É um poema didático, entrecortado por narrativas históricas ou míticas como exemplos para reforçar os ensinamentos trazidos no texto.

Ovídio usa como modelo a ser seguido um amante ousado, jovem, determinado a conquistar seus objetivos, mesmo que tenha que lançar mão de meios incomuns. Ensina os lugares e situações propícios à conquista, dá conselhos sobre abordagens e estratégias de sedução:

Dum licet et loris passim potes ire solutis,

elige cui dicas 'tu mihi sola places.'

Haec tibi non tenues ueniet delapsa per auras;

⁵¹ “Mortal é a empresa que buscas; para mim busco fama perene; que eu seja cantado sempre em todo o orbe.” (tradução: BEM, 2007, p. 241)

⁵² A respeito do aspecto didático do trabalho de Ovídio, observa Matheus Trevizam: “*Pode-se dizer sem hesitação que a ‘Ars amatoria’ apresenta os traços compositivos necessários para que se considere como exemplo de um texto em que a tradição didascálica da literatura greco-latina se faz presente: a par das convenções elegíacas, oriundas da produção de Propércio, Tibulo e da própria lavra de Ovídio em sua juventude (fase da trajetória de criação artística do poeta representada pelos ‘Amores’), esta obra se encontra intrinsecamente marcada pelo influxo de elementos didáticos (...).*” (TREVIZAM, 2003, p. 55)

⁵³ CONTE, 1994, p. 344.

⁵⁴ “Muitas vezes a mim e a minha senhora, a volúpia acelerada, sob a veste, docemente consumou o ato. Isto tu não farás; mas para que não se julgue que o fizeste, tira os confidentes pálios de tuas costas. Pede ao teu marido que beba muito (mas que falem beijos às tuas súplicas) e, enquanto bebe, furtivamente, se podes, serve mais vinho.” (tradução: BEM, 2007, p. 127-129)

*quaerenda est oculis apta puella tuis*⁵⁵. (OVÍDIO, *Ars Amatoria* I:41-44)

Nec te nobilium fugiat certamen equorum:

multa capax populi commoda circus habet.

Nil opus est digitis, per quos arcana loquaris,

nec tibi per nutus accipienda nota est;

proximus a domina, nullo prohibente, sedeto,

*iunge tuum lateri, qua potes usque, latus*⁵⁶. (OVÍDIO, *Ars Amatoria* I:135-140)

A poesia do jovem Ovídio desafia os valores morais preconizados por Augusto, que tinha uma agenda de recuperação das tradições ancestrais do povo romano, calcadas no *mos maiorum*. No entanto, Ovídio não quer parecer que se dissocia totalmente desses valores, na medida em que – não se sabe se de forma sincera⁵⁷ – tenta mostrar que está ciente deles e que não almeja seduzir matronas respeitáveis, mas cortesãs, mulheres que se apresentam, mesmo que casadas, disponíveis:

Vera canam; coeptis, mater Amoris, ades.

Este procul, uittae tenues, insigne pudoris,

quaeque tegis medios instita longa pedes.

Nos uenerem tutam concessaque furta canemus,

*inque meo nullum carmine crimen erit*⁵⁸. (OVÍDIO, *Ars Amatoria* I:30-34)

⁵⁵ “Enquanto é lícito e de rédeas soltas ao acaso podes ir, escolhe a quem dizer: ‘Só tu me agradas’. Ela a ti não tombará pela leve brisa: é preciso buscar com os olhos a melhor moça.” (tradução: TREVIZAM, 2003, p. 208; texto latino: OVIDE, 1951, p. 4)

⁵⁶ “Também não te furtos ao páreo dos cavalos de escol: o circo, que comporta multidões, muita oportunidade oferece. Nada se requer de dedos com que comunique segredos, nem deves receber o sinal oferecido por um aceno; próximo de tua dona, se ninguém o impedir, assenta-te, cola o quanto puderes o teu flanco ao flanco dela.” (tradução: TREVIZAM, 2003, p. 211; texto latino: OVIDE, 1951, p. 7)

⁵⁷ A respeito da adequação de Ovídio e outros elegíacos às políticas de Augusto, Matheus Trevizam esclarece, citando Mario Labate (LABATE, M. *L'arte di farsi amare. Modelli culturali e progetto didascalico nell'elegia ovidiana*. Pisa: Giardini Editori, 1984): “Labate, pois, opta por considerar o posicionamento de Ovídio no tocante a realidades como o amor e os prazeres como uma atitude que não se identifica com a iconoclastia completa em relação ao *mos maiorum*. Ao contrário dos demais elegíacos, o poeta não se enclausura num mundo pretensamente particular (o amor absoluto) que se pretende o único caminho de vida possível: o amante ovidiano, conforme se depreende da leitura das obras eróticas do autor, parece capaz de transitar igualmente bem por outros ambientes e níveis da vida social não mais se confundindo com um “irresponsável” completo.” (TREVIZAM, 2003, p. 167)

⁵⁸ “Verdades cantarei; ó mãe do Amor, favorece-me o intento! Ficai ao longe, ó fitas tênues, insígnias do pudor, e tu, ó veste longa, a roçar o meio dos pés. Nós Vênus segura e os furtos permitidos cantaremos, e em meu poema nenhum crime haverá.” (tradução TREVIZAM, 2003, p. 208; texto latino: OVIDE, 1951, p. 3) [N. A.: as fitas no cabelo e o vestido cumprido eram característicos das matronas, as respeitáveis esposas dos cidadãos livres, portanto elementos centrais da moralidade

2.4.3 *Medicamina Faciei Femineae*

Restaram-nos cerca de cem versos (elegíacos) desse poema sobre cosméticos para as mulheres. Está inserido na obra ovidiana da época no que concerne ao culto da beleza e do bem viver. A seguir, um pequeno trecho da obra a título de exemplo:

*Discite quae faciem commendet cura, puellae,
et quo sit uobis forma tuenda modo.*

*Cultus humum sterilem Cerealia pendere iussit
munera, mordaces interiere rubi;*

*cultus et in pomis sucos emendat acerbos,
fissaque adoptivas accipit arbor opes.*

*Culta placent: auro sublimia tecta linuntur*⁵⁹; (OVÍDIO, *Medicamina Faciei Femineae* 1-7)

2.4.4 *Remedia Amoris*

Fechando o ciclo didático-amoroso, *Remedia* traz, como o nome sugere, a cura para a enfermidade de estar apaixonado. Em outras palavras, ensina como livrar-se do amor, em contraponto aos ensinamentos dos livros anteriores. Se o amor é uma enfermidade da alma, Ovídio apresenta a cura: encontrar outro amor.

*Hortor et ut pariter binas habeatis amicas;
fortior est, plures siquis habere potest.*

*Secta bipartito cum mens discurrit utroque,
alterius uires subtrahit alter amor*⁶⁰. (OVÍDIO, *Remedia Amoris* 441-444)

Ou, ainda, ensinando a usar o vinho, tão importante na arte da conquista:

*Vina parant animum Veneri, nisi plurima sumas
et stupeant multo corda sepulta mero;*

nutritur uento, uento restinguitur ignis;

augustana.]

⁵⁹ “Aprendeí, meninas, que cuidado embeleza a face e como deve ser protegida por vós a beleza. O cultivo levou o solo estéril a restituir os dons de Ceres, morreram as amoreiras espinhentas. O cultivo também corrige nos frutos os sumos ácidos, e a árvore enxertada aceita adotivos recursos. O que se cultiva apraz: os altos tetos são dourados.” (tradução minha)

⁶⁰ “Exorto igualmente a que tenhas duas amantes (se alguém pode ter mais, mais se fortalece): quando o coração repartido se divide entre duas direções, um amor subtrai a força do outro.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1961, p. 25)

lenis alit flammis, grandior aura necat.

At nulla ebrietas, aut tanta sit ut tibi curas

*eripiat; si qua est inter utrumque, nocet*⁶¹. (OVÍDIO, *Remedia Amoris* 805-810)

2.4.5 *Heroides*

Heroides, ou *Epistulae Heroidum*, remete a dois temas centrais na trajetória literária de Ovídio: o amor e a mitologia. Trata-se de um conjunto de cartas em verso de mulheres famosas (míticas, na maioria⁶²), as "heroides" (heroínas), para seus amados ilustres. As quinze primeiras cartas não têm resposta dos destinatários, ao contrário das três últimas, totalizando vinte e uma cartas. Os dois grupos (as quinze primeiras e os outros três pares) são distintos, apesar de sempre virem juntos na tradição. A carta XV, de Safo, não era encontrada em alguns manuscritos e sua autenticidade era até posta em questão. Hoje já não há mais esta dúvida.⁶³ E a principal diferença pode ser consequência de diversas épocas de composição. O primeiro grupo é possivelmente da época de *Amores* (antes de 15 a. C.), embora alguns acreditem ser de mais tarde (entre 10 e 3 a. C.). Já o segundo grupo é datado de um período imediatamente anterior ao exílio, entre 4 e 8 d. C.. Entre os dois conjuntos há diferenças estilísticas, e as cartas do segundo não foram citadas em obras do próprio Ovídio⁶⁴.

Ovídio proclamava seu orgulho em ter criado uma nova tipologia literária (*Ars Amatoria* 3:345), ou seja, cartas em verso de tema amoroso. A ideia de cartas em verso foi tirada de uma elegia de Propércio, de Aretusa para seu marido ausente, Lycotas⁶⁵.

O texto das cartas tem elementos da tradição épica e trágica grega, mas também há traços de Calímaco, poesia helenística, Catulo e Virgílio. Apesar de o cenário ser de herança mitológica, muitos aspectos foram extraídos da elegia latina, como o sofrimento pelo amor distante, recriminações, lamentos, intrigas, suspeitas de infidelidade, *furtivus amor*, entre outros⁶⁶. Diversos autores⁶⁷ falam *en passant* do acento elegíaco presente nas *Heroides*, mas

⁶¹ “Os vinhos preparam o espírito para Vênus se não beberes demais e embriagarem o coração, sepulto por muita bebida. O fogo é alimentado pelo vento, pelo vento é extinto: brisa leve fomenta as chamas, uma mais forte apaga. Ou nenhuma ebriedade haja, ou tamanha seja que te destrua os cuidados amorosos; se há alguma entre esses extremos, prejudica.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1961, p. 38)

⁶² Safo, a autora da carta XV, é uma personagem real.

⁶³ CONTE, 1994, p. 346.

⁶⁴ Em *Amores* II.18:21-38, Ovídio cita pelo menos nove cartas, garantido-lhes a autenticidade: Penélope, Fílis, Enone, Cânace, Hipsípila, Ariadne, Fedra, Dido e Safo.

⁶⁵ CONTE, 1994, p. 347.

⁶⁶ Segundo Gianpiero Rosati, a abordagem do mito por Ovídio é diversa de, por exemplo, Propércio: “*Contrariamente a Propertio, che ricorre al mito per nobilitare la sua esperienza amorosa elevandola a una dimensione eroica, Ovidio umanizza le vicende mitiche avvicinandole alla realtà dei suoi tempi e selezionando nell’universo eroico-mitico le situazioni e i*

sem explorar melhor o fato ou, tampouco, considerar com mais atenção a atípica existência de elegias "escritas" por um eu-lírico feminino.

2.4.6 *Metamorphoseon*

Esta é a grande obra de Ovídio. A poesia elegíaca amorosa tornou-o um escritor de sucesso. Mas o gênero de maior prestígio na época era o épico, escrito em hexâmetros e de conteúdo mitológico⁶⁸. Consiste em quinze livros que trazem um apanhado de histórias unidas pelo tema da transformação (μεταμόρφωσις). A ideia de Ovídio era claramente a de fazer um poema de valor universal e extemporâneo:

*In noua fert animus mutatas dicere formas
corpora; di, coeptis (nam uos mutastis et illas)
adspirate meis primaque ab origine mundi
ad mea perpetuum deducite tempora carmen!*⁶⁹ (OVÍDIO, *Metamorphoseon* I:1-4)

A obra reúne mais de duzentas estórias mitológicas cuja consequência ou a relação com as demais é sempre uma transformação. Segue uma ordem cronológica, com os primeiros mitos contando a formação do mundo, e os últimos a apoteose de César e uma celebração a Augusto. Pretende-se, portanto, contar a história universal, ilustrada pelas metamorfoses tendo a elevação de Roma e dos imperadores como desdobramento. A seguir, um trecho retratando uma transformação:

*Naidas his uenam, quae numquam arescere posset,
supposuisse ferunt; quid enim dare maius habebant?
Protinus, ut secto piceae de cortice guttae,
utue tenax grauida manat tellure bitumen,*

sentimenti umani e quotidiani. Se Properzio idealizza la donna – umana, molto umana – della realtà proiettandola nel mito, Ovidio umanizza le eroine mitiche esplorando la loro psiche di donne, analizzandone i tratti specificamente femminili. (ROSATI, 2008, p. 34)

⁶⁷ Ver nota 1.

⁶⁸ Horácio, em sua *Ars Poética* (vv. 323-326) – escrita provavelmente entre 13 e 10 a. C., portanto contemporaneamente à produção poética de Ovídio, – dizia: “A Musa deu aos gregos o talento e a possibilidade de falar com grande elevação, a eles que eram ambiciosos, mas só de alto renome. Os jovens romanos, por seu lado, aprendem a reduzir, com grandes contas, um asse em cem partes.” (HORÁCIO, 1984, p. 103)

⁶⁹ É meu intento contar como os seres assumiram novas formas. Ó deuses – eis que fostes vós que os mudastes – favorecei o meu intuito e conduzi, ininterruptamente, o meu poema, desde a origem do mundo até o meu tempo. (tradução de David Jardim Júnior in OVÍDIO, 1983, p. 11)

*utue sub aduentu spirantis lene fauoni
sole remollescit, quae frigore constitit, unda,
sic lacrimis consumpta suis Phoebeia Byblis
uertitur in fontem*⁷⁰ (...) (OVÍDIO, *Metamorphoseon* IX:657-664)

Metamorphoseon é o exemplo máximo da utilização do mito como motivo literário. Ovídio fez uso de narrativas mitológicas desde seus primeiros poemas, com diferentes objetivos, como exemplificar situações amorosas ou dar credibilidade a conselhos e ensinamentos. No entanto, Conte afirma que, em Ovídio, essas funções nunca ultrapassaram o limite do decorativo:

The mythic dimension (...) is not matched by an idealizing ethos, a grandness or solemnity of values. For Ovid myth does not have the religious value or the profundity that it has for Virgil; in this respect, he accentuates a tendency already present in Hellenistic culture and turns myth, along with the figures that populate it, into an ornament of daily life, a decorative backdrop. (CONTE, 1994, p. 354)

2.4.7 *Fasti*

É um compêndio de mitos e costumes do povo latino narrados a partir dos dias do calendário. Tinha um viés cívico bem claro. Assim como os *Aetia* de Calímaco, buscava identificar as causas ancestrais dos aspectos da vida atual. Neste caso, Ovídio pesquisou as minúcias do passado romano, a religião, os costumes, a astronomia, as tradições, para forjar um documento que valorizasse a identidade cultural e moral da cidade, bem de acordo com a política de Augusto. Há indícios de que o poeta estava apenas cumprindo um dever cívico, se persarmos no ceticismo que dispensava ao mito. Ou seja, Ovídio lançava mão do mito mais como fórmula literária e política do que como objeto de veneração factual. A seguir um pequeno trecho de exemplo em que o autor não esconde um tom de irônico questionamento em relação ao divino:

Principio mensis Phrygiae contermina Matri

⁷⁰ “As náiades, dizem, aproveitaram aquele veio, que jamais iria secar-se. Que poderiam, realmente, fazer de melhor? E, sem demora, como as gotas de resina escorrem do córtex cortado, como o viscoso betume emana das entranhas da terra, assim como se liquefaz, ao chegar o leve sopro do Favônio, a água que o frio congelou, assim Bíblis, descendente de Febo, consumida por suas lágrimas, transformou-se em uma fonte (...)” (tradução: David Jardim Júnior in OVÍDIO, 1983, p. 178; texto latino: OVIDE, 1955, pp. 114-115)

*Sospita delubris dicitur aucta nouis.
Nunc ubi sunt illis quae sunt sacrata Kalendis
templa deae? Longa procubuere die.
Cetera ne simili caderent labefacta ruina
cauit sacrati prouida cura ducis,
sub quo delubris sentitur nulla senectus*⁷¹; (OVÍDIO, *Fasti* II.55-61)

A confecção da obra foi interrompida pela condenação de Ovídio na altura do sexto livro, correspondente ao mês de junho. Não se sabe se Ovídio chegou a escrever outros seis livros relativos à segunda metade do ano, apesar de ele os mencionar em *Tristia* II:549-552⁷².

2.4.8 *Tristia*

Uma vez no exílio, Ovídio escreveu este compêndio de cinco livros de elegias cujo tema é, basicamente, o lamento pela sua condição de degredado, a infelicidade de seus dias longe de casa e o quanto a vida era inóspita naquele lugar, distante da civilização e cercado por bárbaros. O primeiro livro conta sobre sua viagem de Roma a Tomos. O segundo é endereçado a Augusto, numa espécie de defesa contra a acusação de imoralidade. Os demais livros trazem elegias supostamente endereçadas a destinatários diversos, não identificados por nomes ou referências diretas. A seguir, um pequeno trecho da obra. Curiosamente, o autor comenta sobre o encontro entre o lamento da obra literária com a infelicidade real do eu-lírico exilado:

*Flebilis ut noster status est, ita flebile carmen,
materiae scripto conueniente suae.
Integer et laetus laeta et iuuenalia lusi:
illa tamen nunc me composuisse piget.
ut cecidi, subiti perago praeconia casus,*

⁷¹“No começo do mês, Juno Sópita, vizinha da Mãe Frígia, dizem, foi agraciada com um templo novo. Agora onde estão os sagrados templos da deusa que são sagrados nas Calendas? Os longos dias os fizeram jazer por terra; para que os demais não caíssem desmoronando em semelhante ruína, cuidou o providencial zelo do sagrado soberano, sob o qual nenhuma deterioração foi sentida nos templos.” (tradução de SOARES, 2007, p. 46; texto latino OVIDE, 2003, p. 31)

⁷² SOARES, 2007, p. 7.

*sumque argumenti conditor ipse mei*⁷³. (OVÍDIO, *Tristia* V.1:5-10)

2.4.9 *Epistolae ex Ponto*

Conjunto de quatro livros de elegias epistolares, desta vez com os destinatários identificados. Várias dessas elegias supostamente são respostas a cartas recebidas no exílio. Tanto em *Tristia* quanto em *Epistolae*, a elegia de Ovídio reencontra um dos principais temas elegíacos: o lamento. Podemos dizer que o eu-lírico, que se identifica como o próprio autor, experimenta agora a dor que imaginou vivenciarem as personagens das *Heroides* ao escreverem suas epístolas.

A seguir um trecho em que o eu-lírico demonstra manter aceso, mesmo no exílio, o amor pela esposa:

*Cumque ego deficiam nec possim ducere currum,
fac tu sustineas debile sola iugum.*

Ad medicum specto uenis fugientibus aeger:

*ultima pars animae dum mihi restat, ades,
quodque ego praestarem, si te magis ipse ualerem,
id mihi, cum ualeas fortius ipsa, refer.*

Exigit hoc socialis amor foedusque maritum.

*Moribus hoc, coniunx, exigis ipsa tuis*⁷⁴. (OVÍDIO, *Epistulae ex Ponto* III.1:67-74)

2.4.10 *Ibis*

É um poema escrito em dísticos elegíacos com o objetivo de atacar um adversário. O nome vem da ave, que se alimenta de crustáceos que vivem na lama e foi inspirado num poema homônimo de Calímaco, hoje perdido. O poema é uma longa coletânea de pragas e xingamentos:

Diripiantque tuos insanis unguibus artus

⁷³ “Assim como minha situação é chorosa, meu verso é choroso, combinam-se os escritos a seu tema. Intocado e alegre, compus coisas alegres e juvenis: agora, contudo, contraria-me ter escrito sobre elas. Como caí, percorro os relatos do súbito acidente, e eu mesmo sou cantor de minha história.” (tradução minha)

⁷⁴ “Visto que me faltam forças para poder puxar o carro, esforça-te por susteres só o jugo vacilante. Enfermo e falhando-me o pulso, volto-me ao médico que me socorre enquanto me sobejar um último sopro de vida. O que faria eu por ti, se estivesse com mais vigor, dá-mo tu a mim, já que estás mais forte. Assim o exigem o amor conjugal e a lei matrimonial. Teus próprios princípios, ó esposa, o reclamam.” (tradução: ALBINO, 2009, pp. 83-84)

Strymoniae matres, Orpheos esse ratae.
Natus ut Althaeae flammis absentibus arsit,
*sic tuus ardescat stipitis igne rogas*⁷⁵. (OVÍDIO, *Ibis* 599-602)

3 TÓPOI RECORRENTES NA ELEGIA ROMANA

Não é fácil conceituar com precisão o termo *tópos* como usado nos estudos literários. A tradução mais direta para a linguagem cotidiana é “lugar-comum”, ou seja, uma situação convencionalizada que é repetida por diversos autores ao longo dos anos, como fórmulas. Também é comum os termos “motivo”, “tema”, entre outros.

Francisco Achcar⁷⁶, citando Francis Cairns (*Generic Composition in Greek and Roman Poetry*), define *tópoi* como lugares-comuns – “as menores divisões do material de qualquer gênero, úteis para fins analíticos”. Ainda de acordo com o autor, os *tópoi* “servem também, paradoxalmente, para apontar instâncias de particularidade. De fato, ao contrário do que à primeira vista pode parecer, é sobretudo na utilização dos *tópoi* que se revela a originalidade do poeta”. Exemplos desta abordagem particular que cada poeta faz dos *tópoi* foram encontrados em diversos trechos das cartas estudadas neste trabalho (capítulo 4), quando Ovídio lança mão de uma situação tópica, mas com as personagens tendo papéis trocados⁷⁷.

Segundo Giuseppe Giangrande⁷⁸, os poetas elegíacos romanos construíram seus poemas lançando mão de um procedimento reminiscente aos mosaicos, em que cada *tópos* helenístico era empregado como um fragmento, criando uma “elegante estrutura harmônica” e não um “informe conglomerado de *tópoi*”.

A elegia romana é, em toda sua extensão, repleta desses motivos, que muitas vezes já eram comuns nos epigramas alexandrinos. As histórias tendem a gravitar em torno de algumas situações e personagens padrões, recorrentes. Estas personagens-chave são o amante

⁷⁵ “Que as mães Estrimônias [Trácias] despedacem teus membros com insanas unhas, pensando que és Orfeu. Assim como o filho de Altea ardeu estando as chamas ausentes, que tua pira se acenda pelo fogo de uma estaca.” (tradução minha)

⁷⁶ ACHCAR, 1994, p. 10.

⁷⁷ Por exemplo, no *tópos* do *diues amator*, o poeta exorta sua amada a não se deixar seduzir pelos presentes do rival rico. Nas *Heroides*, há situações em que a autora da carta é quem tenta conquistar usando a riqueza como artifício. Em outro caso, a heroína argumenta com o amado que os favores que prestou a ele são mais valiosos que a riqueza da rival. Enfim, uma mesma situação prototípica foi reconfigurada pelo poeta de diversas formas dentro da mesma obra.

⁷⁸ GIANGRANDE, 1991, p. 61.

(*amator*), geralmente nomeado como o próprio eu-lírico, e a mulher⁷⁹ amada (*puella*), que quase sempre é apresentada por um “pseudônimo”. O amante é relativamente pobre e não pertence às famílias mais poderosas (ao contrário de alguns dos autores), mas é sensível e talentoso e confia na sua poesia para conquistar a amada. Ele tolera a falta de reciprocidade por parte dela, mas se abate diante da infidelidade crônica e tem forte ciúme de qualquer possível rival. Segundo Joan Booth⁸⁰:

Ele adota uma visão romântica do amor, procurando na amada qualidades espirituais e morais como se fossem atrativos sexuais e professa, por conta própria, absoluta fidelidade e devoção infalível e subserviente (o amante ovidiano é uma exceção).

As mulheres, por sua vez, são retratadas como invariavelmente belas, inteligentes, realizadas e bem-vestidas. São infiéis para com o *amator*, autoritárias e até mesmo rudes. Na maior parte do tempo não estão disponíveis a ele, seja por serem casadas, por estarem envolvidas com algum outro homem ou controladas por um cafetina. O casamento entre ela e o poeta está totalmente fora de questão. Raramente fica claro se ela é uma mulher casada, uma cortesã ou uma mera prostituta. Aos poetas elegíacos só interessa o fato de ela ser pouco acessível, difícil a ponto de gerar o *pathos* necessário às lamúrias que compõem o texto.⁸¹

A situação-padrão é o permanente triângulo amoroso composto pelo *amator*, a *puella* e um rival. Este pode ter várias origens e características, mas na maior parte do tempo é um admirador que rouba a atenção da amada. Muitas vezes nada é dito a respeito dele, mas é comum que seja descrito como rico (*diues amator*) e, com muita ênfase, não é poeta, ou seja, possui riquezas, mas não pode competir em talento artístico com o eu-lírico. Em outros cenários, o rival é um marido traído, geralmente velho e feio, por quem a amada não nutre maior afeição. Neste caso, ele precisa ser despistado para que haja o encontro entre o poeta e a esposa.

Poderíamos citar personagens subsidiárias muito comuns: a garota (escrava, empregada, prostituta, cortesã) com quem o poeta se diverte ocasionalmente, sem comprometimento emocional; o guarda (porteiro), a ama ou qualquer empregado da amada que sirva de intermediário entre os dois; a velha que conhece poções e magias para o amor; a

⁷⁹ Como tratado no item 2.2, Tibulo acrescentou um jovem rapaz às suas duas amantes.

⁸⁰ BOOTH, 1995, p. ix.

⁸¹ BOOTH, 1995, p. ix.

cafetina inescrupulosa (*lena*); o amigo do *amator*, confidente para quem ele endereça vários dos poemas, relatando suas desventuras.⁸²

Das diversas variações possíveis do triângulo acima referido, temos os principais *tópoi* elegíacos:

3.1 *Diues amator*

O terceiro integrante do triângulo amoroso paradigmático da elegia é o rival do poeta, que muitas vezes é rico e, portanto, está sempre na iminência de roubar a atenção da *puella* com presentes caros. O poeta, por sua vez, só pode competir lançando mão de *carmina* e exorta a moça a dar mais valor às poesias a ela dedicadas do que aos mimos que recebe. Segundo Giuseppe Giangrande, “o poeta conquista a mulher amada porque esta quer ser imortalizada nos versos que ele lhe dedicará e, em todo caso, será atraída pelo sucesso profissional que ele obterá por causa dos belos versos que escreve⁸³”.

*haec nocuere mihi. Quod adest huic diues amator,
uenit in exitium callida lena meum*⁸⁴. (TIBULO I.5:47-48)

*Iam tener adsueuit munera uelle puer.
At tu, qui uenerem docuisti uendere primus,
quisquis es, infelix urgeat ossa lapis.
Pieridas, pueri, doctos et amate poetas,
aurea nec superent munera Pieridas*⁸⁵. (TIBULO I.4:58-62)

*Munera ne poscas: det munera canus amator,
ut foueat molli frigida membra sinu.
Carior est auro iuuenis, cui leuia fulgent
ora nec amplexus aspera barba terit.*

⁸² BOOTH, 1995, p. x.

⁸³ GIANGRANDE, 1991, p. 65.

⁸⁴ “Estas coisas foram-me funestas. Pois eis que o amante rico está junto dela, e uma esperta alcoviteira chegou para minha ruína.” (original latino: TIBULLE, 1955; tradução minha)

⁸⁵ “Agora o tenro garoto habituou-se a querer presentes. Mas tu, que primeiro ensinaste a vender Vênus, quem quer que sejas, que uma sinistra pedra te esmague os ossos. Garotos, amai as Piérides e os sábios poetas, e que presentes dourados não vençam as Piérides.” (tradução minha)

*Huic tu candentes umero subpone lacertos,
et regum magnae despiciantur opes*⁸⁶. (TIBULO I.8:29-34)

*Cynthia non sequitur fascis nec curat honores,
semper amatorum ponderat una sinus.
(...) ergo muneribus quiuis mercatur amorem?
Iuppiter, indigna merce puella perit*⁸⁷. (PROPÉRCIO II.16:11-12 e 15-16)

3.2 Παρακλαυσίθυρον ou *exclusus amator*

A relação-tema da elegia consiste, para o poeta, de prazer ocasional e muito sofrimento: a *puella* o trai e provoca ciúmes, mas só cede aos seus desejos com muito custo. Essa é uma típica situação de παρακλαυσίθυρον, em que o amante rejeitado lamenta a crueldade da amada defronte à porta fechada dela. Muitas vezes foi o próprio marido traído que trancou a porta para evitar o contato do poeta com a esposa.

Lamentar junto à soleira de uma porta é consequência natural de um *furtiuus amor*, ou seja, amor clandestino, secreto, ilegal. Como já exposto em outros capítulos, as relações cantadas pelos elegíacos ocorrem fora dos casamentos convencionais, fora da legalidade e moralidade da família tradicional:

*Heu! canimus frustra nec uerbis uicta patescit
ianua sed plena est percutienda manu*⁸⁸. (TIBULO I.5:67-68)

*An tua quod peperit nobis iniuria curas,
quae solum tacitis cognita sunt foribus?*⁸⁹ (PROPÉRCIO I.18:23-24)

et sine me ante tuos proiectum in limine postis

⁸⁶ “Não peças presentes: que um grisalho amante dê presentes, para que contra o peito carinhoso aqueça gélidos membros. É mais precioso que ouro um jovem cuja face lisa reluz e o abraço não arranha com uma áspera barba. Põe os claros braços sob este ombro e que as grandes riquezas dos reis sejam desdenhadas.” (tradução minha)

⁸⁷ “Cíntia não persegue poder nem se preocupa com honras, só ela sempre pesa os bolsos dos amantes. (...) Então qualquer um compra o amor com presentes? Júpiter, a indigna garota se perde por um pagamento.” (tradução minha)

⁸⁸ “Ó, canto em vão e a porta não se abre vencida por palavras, mas deve ser atravessada a golpes de um punho fechado.” (original latino: TIBULLE, 1955; tradução minha)

⁸⁹ “Acaso te ocupas do que nos causou tua ofensa, coisas apenas conhecidas da porta silenciosa?” (original latino: PROPERCE, 1964; tradução minha)

*longa pruinosa frigora nocte pati*⁹⁰. (OVÍDIO, *Amores* II.19:21-22)

3.3 Ἐρωτοδιδάσκαλος ou *praeceptor amoris*

Se, por um lado, a relação do poeta com sua amada é cheia de percalços e dúvidas, o autor assume uma postura, diante do leitor, de quem tem muita experiência amorosa, atuando como um *praeceptor amoris*, num discurso capaz de atrair e ensinar o público jovem. Ele quer relatar o que se deve ou não fazer com relação à *puella* em particular ou ao amor de modo geral. Por vezes ele ensina à própria amada o que deve fazer para que fiquem juntos:

*Me dolor et lacrimae merito facere peritum*⁹¹. (PROPÉRCIO I.9:5-7)

O tema do “professor do amor” está atestado em todos os elegistas e é a base da *Ars Amatoria*, de Ovídio. Em Propércio, aparece diversas vezes enquanto o assunto dos poemas é o amor, mas vai desaparecendo na medida em que a temática se diversifica (MALTBY, 2006, p. 148).

*Me legat assidue post haec neglectus amator,
et prosint illi cognita nostra mala*⁹². (PROPÉRCIO I.7:13-14)

O motivo literário que envolve ensinar aos outros sobre o amor pode ter sua origem na *lena* da Comédia Grega. Ela é uma mulher mais velha, experiente, e serve de intermediária de encontros amorosos, além de ensinar às moças como agir em relação ao homem. O dinheiro e os presentes eram quase sempre a única meta e a dissimulação e mentira eram os meios de atingi-la. O principal ensinamento da *lena* é como a *puella* pode aproveitar seus encantos para conseguir o máximo de mimos dos seus admiradores masculinos. Ela é a ancestral do poeta didático ou do *praeceptor amoris*⁹³.

Propércio escreveu a elegia IV.5 amaldiçoando a *lena* por seu papel na transformação da *puella* em uma exigente arrecadadora de presentes, como exposto no item 3.1, sobre *diues*

⁹⁰ “E deixa-me, jogado na soleira diante de tua porta, sofrer pela longa e fria noite glacial.” (texto latino: OVIDE, 1952; tradução minha)

⁹¹ “A dor e as lágrimas fizeram-me, por mérito, perito.” (tradução minha)

⁹² “Depois disto, que o amante desdenhado leia-me assiduamente e que meus males conhecidos sejam úteis a ele.” (tradução minha; texto latino: MALTBY, 2006, p. 149)

⁹³ CONTE, 1994, p. 344.

amator.

Uma forma de expressar o caráter didático da elegia é o uso de aforismos envolvendo o amor e suas regras, muitas vezes utilizando a figura do Amor personificado ou o próprio Cupido⁹⁴. Por exemplo, Propércio declara, em seu primeiro livro de elegias, que o Amor aprecia a beleza natural (I.2:8), zomba de imagens ancestrais (I.5:24) e da riqueza (I.14:8).

3.4 *Renuntiatio amoris*

“Se é o amor que gera o canto (ou vice-versa), cessar o canto é, logicamente, sinônimo de cessar o amor” (NOBRE, 2001, p. 51). Não suportando mais sofrer as consequências do conflito amoroso, o poeta pode optar pela renúncia ao amor, já que a amada se mostra insensível, irredutível:

Nil moueor lacrimis: ista sum captus ab arte;

semper ab insidiis, Cynthia, flere soles.

Flebo ego discedens, sed fletum iniuria uincit:

tu bene conueniens non sinis ire iugum.

Limina iam nostris ualeant lacrimantia uerbis,

nec tamen irata ianua fracta manu.

At te celatis aetas grauis urgeat annis,

*et ueniat formae ruga sinistra tuae!*⁹⁵ (PROPÉRCIO, III.25:5-12)

Quaere nouum uatem, tenerorum mater Amorum;

raditur hic elegis ultima meta meis;

quos ego composui, Paeligni ruris alumnus

(nec me deliciae dedecuerunt meae),

siquid id est, usque a proauis uetus ordinis heres,

*non modo militiae turbine factus eques*⁹⁶. (OVÍDIO, *Amores* III.15:1-6)

⁹⁴ MALTBY, 2006, p. 148.

⁹⁵ “Não me comovo por lágrimas: fui cativado por este artifício; costumas sempre, Cíntia, chorar com ardis. Chorarei eu mesmo ao partir, mas a ofensa supera o choro: tu não deixas a parilha andar em boa harmonia. Adeus soleiras já regadas de lágrimas por minhas queixas, portas, entretanto, não rompidas por irada mão. Mas que a severa idade te ameace com os anos que guardas em segredo, e que surja sinistra ruga em tua beleza!” (tradução minha)

⁹⁶ “Procura um novo vate, Mãe de tenros amores! Aqui, a meta derradeira é tocada por minhas elegias; versos que compus eu

3.5 *Seruitium amoris*

A devoção ao amor é o chamado *seruitium*, servidão à caprichosa e infiel amada. O poeta se declara escravo da *puella* e de suas vontades. Por causa disso, ele se refere a ela como *domina*. A ideia de o amor de um homem por uma mulher ser tratado como uma servidão voluntária é peculiar à poesia latina e não tem equivalência na literatura grega⁹⁷. A subserviência masculina é o reverso das convenções cotidianas e pode ter sua origem nas Saturnálias e sua influência na antiga comédia itálica. Incompatível com a *libertas* de um cidadão romano, a servidão amorosa é vista pelos poetas elegíacos como condição para o sucesso no amor⁹⁸:

*Vnius hic quondam seruus amoris erat*⁹⁹ (PROPÉRCIO II.13:36)

Ovídio dedica, por exemplo, toda a elegia *Amores* II.17 à servidão a Corina:

Siquis erit qui turpe putet seruire puellae,

*illo conuincar iudice turpis ego*¹⁰⁰; (OVÍDIO, *Amores*, II.17:1-2)

Quanto mais o amante é submisso, maiores são as chances de sucesso.

At quo sis humilis magis et subiectus amori,

hoc magis effectu saepe fruare bono.

Is poterit felix una remanere puella,

*qui numquam uacuo pectore liber erit*¹⁰¹. (PROPÉRCIO I.10:27-30)

3.6 *Militia amoris*

O tema da *militia amoris* tem uma longa tradição tanto na literatura grega quanto na

mesmo, cria do campo peligno – nem me desonraram meus prazeres –, e, se vale alguma coisa, velho herdeiro de minha ordem desde os ancestrais, não há pouco tornado cavaleiro no rebuliço da batalha.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1952, p. 100)

⁹⁷ MALTBY, 2006, p. 156.

⁹⁸ MALTBY, 2006, p. 156.

⁹⁹ “Certo dia ele era escravo de um único amor.” (tradução minha)

¹⁰⁰ “Se houver alguém que considere torpe servir a uma moça, eu mesmo serei, por seu julgamento, declarado torpe.” (texto latino: OVIDE, 1952; tradução minha)

¹⁰¹ “Mas quanto mais humilde e subserviente ao amor és, mais vezes desfrutarás de um bom resultado. Poderá permanecer feliz com uma mulher aquele que nunca estiver livre e de coração vazio.” (tradução minha)

romana. A ocorrência mais antiga de que temos registro é na lírica grega, em Safo¹⁰². Mais tarde aparece na elegia (Teógnis) e na tragédia (Sófocles), mas só se torna frequente nos epigramas alexandrinos. Na literatura latina, está presente na comédia (Plauto) e em Catulo, atingindo o ápice na elegia romana¹⁰³. Pode ser considerada um elemento da *recusatio*¹⁰⁴ elegíaca, pois “através dela os amantes podem negar as ocupações tradicionais”¹⁰⁵. O poeta repudia seus deveres como *ciuis*, os gloriosos valores de cidadão-soldado, contrastando a doçura do amor com a dureza da guerra e com outras formas de degradação associadas a ela, como inveja e ambição. Então, transfere para a esfera amorosa toda a sua energia moral, ao ponto de absoluta devoção: torna-se não um herói de guerra, mas um herói do amor. A elegia amorosa é repleta de metáforas bélicas. O jovem amante apresenta-se como soldado e a conquista amorosa é como uma batalha. Sua vida de amante “exige tanto engenho e esforço quanto as táticas e atividades militares (seja para fazer amor ou para fazer poemas de amor), não há necessidade de o poeta se entregar ao exército e às suas recompensas, pois o que ele deseja, amar a *puella*, consegue através de seus versos”¹⁰⁶:

Non ego sum laudi, non natus idoneus armis:

*hanc me militiam fata subire uolunt*¹⁰⁷. (PROPÉRCIO, I.6:29-30)

O numquam pro me satis indignate Cupido,

o in corde meo desidiose puer,

quid me, qui miles numquam tua signa reliqui,

laedis, et in castris uulneror ipse meis?

Cur tua fax urit, figit tuus arcus amicos?

*Gloria pugnantes uincere maior erat.*¹⁰⁸ (OVÍDIO, *Amores*, II.9:1-6)

¹⁰² No último verso do *Hino a Afrodite*, de Safo, a poetisa exorta a deusa a ser sua aliada militar (σύμμαχος, “aliado de guerra”, “aliado de combate”) em prol da conquista da amada: ἔλθε μοι καὶ νῦν, χαλέπαν δὲ λῦσον / ἐκ μερίμναν, ὅσσα δέ μοι τέλεσσαι / θῦμος ἡμέρρει, τέλεσον, σὺ δ’ αὖτα / σύμμαχος ἔσσο. “Vem-me agora, pois, desfazer essa árdua / Aflição. Perfaz-me o que minha alma / Sonha ver perfeito, e sê tu mesma / Minha aliada”. (original grego e tradução: ANTUNES, 2009, p. 143-144)

¹⁰³ MALTBY, 2006, p. 158.

¹⁰⁴ Vide capítulo 3.7.

¹⁰⁵ BEM, 2007, p. 251.

¹⁰⁶ BEM, 2007, p. 251.

¹⁰⁷ “Eu não nasci apto para a glória nem para as armas: o destino quer que eu me submeta a esta guerra [a guerra do amor, citada no contexto do poema].” (tradução minha)

¹⁰⁸ “Ó Cupido, nunca indignado comigo o bastante, ó menino, indolentemente em meu peito, por que lesas a mim que,

3.7 *Recusatio*

É a postura de recusar os gêneros considerados “maiores” (épica, tragédia) e suas temáticas. Também eram recusadas as profissões tradicionais, como direito e comércio, bem como a vida política, em favor do ἄριστος βίος (vida perfeita), diferente dos outros modelos éticos correntes¹⁰⁹, solenemente ignorados pelos poetas, que proclamavam a autossuficiência do modo de viver poeticamente construído¹¹⁰. O tema tem origem nos *Aitia* de Calímaco¹¹¹ e entre os elegíacos pode ser encontrado, por exemplo, em Tibulo I.1, Propércio III.4:19-22 e em Ovídio *Amores* I.15:

*Dum tibi Cadmeae dicuntur, Pontice, Thebae
armaque fraternae tristia militiae
atque, ita sim felix! primo contendis Homero,
(sint modo fata tuis mollia carminibus!)
nos, ut consuemus, nostros agitamus amores
atque aliquid duram quaerimus in dominam;
nec tantum ingenio quantum seruire dolori
cogor et aetatis tempora dura queri*¹¹². (PROPÉRCIO, I.7:1-8)

*Ite procul, Musae, si non prodestis amanti:
non ego uos, ut sint bella canenda, colo,
nec refero Solisque uias et qualis, ubi orbem
compleuit, uersis Luna recurrit equis.
Ad dominam faciles aditus per carmina quaero:
ite procul, Musae, si nihil ista ualent*¹¹³. (TIBULO II.4:15-20)

soldado, nunca abandonei tuas insígnias e, em meu acampamento, eu próprio me firo? Por que tua tocha queima e teu arco traspasa os amantes? Maior glória seria vencer combatentes.” (texto latino: OVIDE, 1952; tradução minha)

¹⁰⁹ Nas palavras de Matheus Trevizam: “Retirando-se para a esfera privada da existência, os amantes elegíacos não podem, evidentemente, aspirar ao mesmo grau de dignificação social que lhes caberia caso se empenhassem pelas grandes causas estatais, como seria recomendável em se tratando de homens de sua categoria.” (TREVIZAM, 2003, p. 112)

¹¹⁰ “Although societal norms urged on them a career in business or politics, these writers participated fully in neither realm, electing to live a life of otium, or leisure, devoted to the pursuit of literary fame.” (LEONARD, 2004, p. 2)

¹¹¹ BEM, 2007, p. 65.

¹¹² “Enquanto fãlas da Tebas de Cadmo, Pôntico, do triste combate de uma guerra fratricida, e, felicito-me, rivalizas com o primevo Homero (apenas seja fácil o destino a teus poemas!), eu, como de costume, trato de meus amores e procuro algo para minha cruel senhora; sou mais forçado a servir à dor do que à inspiração, e a lamentar os duros tempos de minha vida.” (original latino: PROPERCE, 1964; tradução minha)

¹¹³ “Para longe, Musas, se não favoreceis um amante: eu não vos cultivo para que se devam cantar guerras, eu não menciono as trilhas do Sol nem por quais volta a Lua virando os corcéis, quando completou sua órbita. Busco, pelos poemas, fácil

Plus in amore ualet Mimnermi uersus Homero:

*carmina mansuetus lenia quaerit Amor*¹¹⁴. (PROPÉRCIO I.9:11-12)

3.8 O amor como doença

Apresentar o amor como uma ferida ou uma doença física ou mental é um lugar-comum da elegia, mas já o havia sido em fases anteriores da literatura. Teócrito já falava de “cura” e “tratamento” dessa enfermidade¹¹⁵. Vejamos alguns exemplos em Propércio:

*Et mihi iam toto furor hic non deficit anno*¹¹⁶ (PROPÉRCIO I.1:7)

*Quaerite non sani pectoris auxilia*¹¹⁷ (PROPÉRCIO I.1:26)

Havia uma difundida associação entre a palidez do amante e a intensidade de sua paixão.

At uos, deductae quibus est fallacia lunae

et labor in magicis sacra piare focus,

en agedum dominae mentem conuertite nostrae,

*et facite illa meo palleat ore magis!*¹¹⁸ (PROPÉRCIO I.1:19-22)

O amor também pode ser retratado como uma patologia mental. Neste caso, o *furor*¹¹⁹ é um vocábulo comumente escolhido:

Non ego complexus potui diducere uestros:

passagem para minha senhora: para longe, Musas, se valor algum isso tem.” (tradução minha)

¹¹⁴ “No amor o verso de Mimnermo vale mais que o de Homero: o calmo Amor demanda poemas agradáveis.” (tradução minha; texto latino: MALTBY, 2006, p. 150)

¹¹⁵ MALTBY, 2006, p. 153.

¹¹⁶ “E este furor ainda não me abandonou por um ano inteiro.” (tradução minha)

¹¹⁷ “Procurem remédios para um coração doente.” (tradução minha)

¹¹⁸ “Mas vós, por cujos embustes a lua foi desviada e cuja tarefa é, com fogos mágicos, fazer sacrifícios expiatórios, eia, vamos! virai a mente de minha senhora e fazei com que ela fique mais pálida que minha face!” (tradução minha)

¹¹⁹ Segundo o *Oxford Latin Dictionary* (1968, p. 750), *furor* pode significar “loucura violenta, delírio, possessão por um deus, êxtase profético ou poético, inspiração, uma divindade vingadora, frenesi, fúria, ódio, desejo apaixonado, comportamento violento, etc.”

*tantus erat demens inter utrosque furor*¹²⁰. (PROPÉRCIO I.13:19-20)

4 TÓPOI ELEGÍACOS NO CORPUS ESTUDADO

4.1 Fedra a Hipólito

Fedra é filha de Minos, rei de Creta. Foi dada em casamento a Teseu quando ele reinava em Atenas, apesar de ele ser casado com a Amazona Antíope. Apaixonou-se pelo enteado Hipólito, mas este não lhe correspondeu. Temendo ser denunciada por Hipólito, Fedra se antecipou e acusou o enteado de tentar violá-la. Teseu então pediu a Posídon que matasse seu filho. O deus fez com que Hipólito morresse arrastado pelos próprios cavalos. Ao saber do que provocou, Fedra enforcou-se¹²¹.

Esta carta é uma variação escrita da cena de juramento de Fedra a Hipólito, presente também na *Fedra* de Sêneca¹²², mas ausente no *Hipólito* de Eurípedes. Teseu, em Eurípedes, partiu em peregrinação. Já em Ovídio ele está na Tessália com seu amigo Piritoo, o que diverge também da versão de Sêneca¹²³.

Fedra declara, no início de sua carta a Hipólito, a supremacia do Amor, que afeta até os deuses. O amor deve ser obedecido e essa obediência é total (*quidquid amor iussit...*), como um servo deve obedecer ao senhor. Trata-se de um caso de *seruitium amoris*:

(...) *Dicere quae pudit, scribere iussit amor.*

Quidquid amor iussit, non est contemnere tutum:

*regnat et in dominos ius habet ille deos*¹²⁴. (OVÍDIO, *Heroides* IV:10-12)

Neste mesmo trecho, temos um aforismo envolvendo o amor personificado (“*tudo o*

¹²⁰ “Eu não pude separar vossos abraços: tamanho era o furor insano entre um e outro.” (tradução minha)

¹²¹ GRIMAL, 1993, p. 168 e 232.

¹²² Com relação ao teor da *Fedra* de Sêneca, destaca Leyla Thays Brito da Silva: “*O jogo trágico desenvolvido por Sêneca, ao longo da trama erótica da Fedra, se dá, sobretudo, na articulação da linguagem poético-retórica com a matéria mítica. As estratégias linguísticas que o poeta utiliza para marcar seu estilo elevado, próprio dos poetas latinos do séc. I, ao passo que modulam os tons da forma poética, delineiam a matéria trágica ali desenvolvida. A eloquência e poder dos discursos da Fedra carregam o conflito trágico da trama que se dá na a relação entre vontade e não-vontade, a propósito de Schopenhauer. Desse modo a protagonista Fedra, em sua condição trágica de extremo desejo pelo enteado, fomenta suas falas nesse plano entre o querer e o não-querer.*” (SILVA, 2011, p. 4) No entanto, na quarta Heroide de Ovídio, Fedra não hesita em expor seus desejos (cf. tradução a partir da p. 52), como convém a uma elegia amorosa romana.

¹²³ OVÍDIO, 2003, p. 65 e BRANDÃO, 1993, Vol. I, p. 433.

¹²⁴ “(...) O que envergonhou dizer, o amor ordenou escrever. Tudo o que o amor ordena, não é seguro desdenhar: ele reina e tem autoridade sobre os deuses soberanos.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

que o amor ordena, não é seguro desdenhar: ele reina e tem autoridade sobre os deuses soberanos”), o que, conforme vimos no capítulo 3.3, é considerado por Robert Maltby¹²⁵ uma reminiscência do *praeceptor amoris*.

Logo adiante, usa uma linguagem que remete ao mundo militar: “mãos vencidas”, “defenda” e “traspasse o teu peito”. A associação do *páthos* amoroso ao mundo bélico perfaz o *tópos* da *militia amoris*:

Ille mihi primo dubitanti scribere, dixit:

“scribe; dabit **uictas** ferreus ille manus.”

Adsit et, ut nostras auido fouet igne medullas,

*figat sic animos in mea uota tuos*¹²⁶. (OVÍDIO, *Heroides* IV:13-16) [grifos meus]

O **amor como doença ou ferida** é uma das características mais marcantes da elegia. Ao relatar a intensidade de seu amor, Fedra lança mão deste recurso:

Venit amor grauius, quo serius: urimur intus,

*urimur, et caecum pectora uulnus habent*¹²⁷. (OVÍDIO, *Heroides* IV:19-20) [grifo meu]

No verso 19, supra, mais um aforismo referente ao amor, ou seja, resquício de *praeceptor amoris*. Da mesma forma, há sentenças diversas que podemos assumir como ensinamentos, regras gerais sobre as relações amorosas, como se o poeta da *Ars Amatoria* estivesse ensinando, porém por meio das palavras da heroína:

Ars fit, ubi a teneris crimen condiscitur annis:

*quae uenit exacto tempore, peius amat*¹²⁸. (OVÍDIO, *Heroides* IV:25-26)

¹²⁵ “One characteristic feature of the use of this theme [praeceptor amoris] deserves more attention. This is the use of aphorisms involving the personified Amor to back up the didactic points he [Propércio, objeto de estudo do texto em lide] makes. (MALTBY, 2006, p. 148)

¹²⁶ “Ele disse a mim, que no início hesitava em escrever: ‘Escreve; aquele insensível estenderá as mãos vencidas.’ Que ele me defenda e, assim como queima minhas entranhas com fogo devorador, traspasse o teu peito por meu desejo.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹²⁷ “O amor vem tanto mais forte quanto mais tarde: queimo por dentro, queimo, e meu coração mantém oculta chaga.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹²⁸ “Quando um crime é aprendido desde tenros anos, torna-se uma arte: quem se acerca tarde, ama mais forte.” (tradução

Também há máximas que não mencionam diretamente o amor, apesar de estarem relacionadas ao tema, como no verso 89 (“o que carece de revezado descanso, durável não é”) ou no 92 (“[o arco] ...se nunca cessares de esticar, ficará frouxo”).

Ao longo da carta Fedra faz muitas referências às origens amazônicas de Hipólito, portanto ressalta a natureza selvagem do enteado, citando animais, caçadas e aventuras. Também lembra seu passado conturbado em Creta. Não é em vão, portanto, que mais uma vez estejam presente as referências bélicas, mais um caso de *militia*:

Et pugnare diu nec me submittere culpae

certa fui; certi si quid haberet amor!

Victa precor, genibusque tuis regalia tendo

bracchia. Quid deceat non uidet ullus amans.

*Depudit, profugusque Pudor sua signa reliquit.*¹²⁹ (OVÍDIO, *Heroides* IV:151-155) [grifos meus]

Ao apresentar a Hipólito uma proposta de viverem, em segredo, uma relação amorosa, Fedra faz uma referência à situação do amante diante de portas cerradas e de guardas, o que pode ser interpretado como uma referência ao **παρακαυσίθυρον**:

Non tibi per tenebras duri reseranda mariti

*ianua, non custos decipiendus erit*¹³⁰. (OVÍDIO, *Heroides* IV:141-142)

Recusar a uma honraria ou valor político, social e religioso em nome do amor é chamado *recusatio amoris*:

Si mihi concedat Iuno fratremque uirumque,

*Hippolytum uideor praepositura Ioui*¹³¹. (OVÍDIO, *Heroides* IV:35-36)

minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹²⁹ “Eu estive certa de lutar por muito tempo e de não ceder à culpa; se algo de certo houvesse no amor! Vencida, suplico e estendo meus braços reisa teus joelhos. O que convém, nenhum amante vê. Não teve vergonha, e abandonou suas insígnias o fugitivo Pudor.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹³⁰ “Não há de ser aberta por ti, nas sombras, a porta de um cruel marido, não haverá um guarda a enganar.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹³¹ “Se Juno me entregasse o irmão e marido, parece-me que preferiria Hipólito a Júpiter.” (tradução minha; texto latino:

No próximo exemplo, o amor faz Fedra preterir a própria pátria. O que seria apenas mais uma forma de mostrar o quanto ela o ama, na verdade apresenta semelhanças com o aspecto anticívico da *recusatio*, ou seja, Fedra pretere a pátria por amor, do mesmo modo que os poetas elegíacos o fazem com os deveres civis e militares de um cidadão romano:

Hic tecum Troezena colam, Pittheia regna;

*iam nunc est patria gratior illa mea*¹³². (OVÍDIO, *Heroides* IV:107-108)

E, como numa escalada de sacrifício e renúncia, abriria mão da própria vida por causa da paixão:

O utinam nocitura tibi, pulcherrime rerum,

*in medio nisu uiscera rupta forent!*¹³³ (OVÍDIO, *Heroides* IV:125-126)

Adiante, Fedra argumenta que até mesmo a nobreza de sua ascendência sucumbe ao amor. Quando, para o eu-lírico, o amor triunfa sobre a nobreza, a riqueza ou qualquer coisa cara à sociedade, a ponto de ele fazer uma escolha consciente por aquele, temos mais um caso de *recusatio*:

Quod mihi sit genitor, qui possidet aequora, Minos,

quod ueniant proaui fulmina torta manu,

quod sit auus radiis frontem uallatus acutis,

purpureo tepidum qui mouet axe diem,

*nobilitas sub amore iacet;*¹³⁴ (OVÍDIO, *Heroides* IV.157-161a)

A lembrança que Fedra faz do seu dote nos versos 163-164 sugere uma reminiscência ao tema do *diues amator*. No *tópos* do rival rico, o poeta elegíaco exorta a *puella* a não se deixar seduzir pela riqueza e presentes do rival. Aqui, Fedra inverte os papéis, usando sua

OVIDE, 1965)

¹³² “Ali, contigo habitarei Trezena, reinos de Piteu; agora mesmo ela me é mais cara que minha pátria.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹³³ “Ó belíssimo, pudessem minhas entranhas, por perder-te, rasgar-se em meio aos partos!” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹³⁴ “Que me serve Minos, que possuí os mares, ser meu pai? Ou que venham os sinuosos raios das mãos de meu bisavô? Ou que tenha a fronte cingida por agudos raios meu avô, que move o tépido dia no flâmeco carro? A nobreza jaz sob o amor.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

própria riqueza para influenciar Hipólito. Ovídio, dessa forma, lança mão do tema da sedução pela riqueza, tão comum nas elegias, no contexto do mito:

Est mihi dotalis tellus Iouis insula, Crete;

*seruiat Hippolyto regia tota meo*¹³⁵. (OVÍDIO, *Heroides* IV.163-164)

4.2 Enone a Páris

Páris é o filho mais novo do rei Príamo, de Troia, e da rainha Hécuba. Quando estava grávida dele, a mãe sonhou que daria à luz uma tocha que incendiaria a cidade. Um advinho confirmou que o nascituro causaria a ruína de Troia. Ao saber disso, o rei mandou eliminar o menino. Então ele é escondido no monte Ida (por Hécuba, segundo algumas versões), onde passa a ser criado por pastores e se enamora de Enone, com quem teve um filho, Córito. Enone é uma ninfa, filha do deus-rio Cébren. Quando Páris decide abandonar Enone por Helena, aquela tenta dissuadi-lo e, mesmo rejeitada, promete que, se Páris um dia precisar, ela o curará com plantas medicinais, dom que recebeu de Apolo. Durante a guerra de Troia, Páris é flechado e procura Enone, que não o ajuda devido ao abandono. Páris morre e Enone, arrependida, suicida-se¹³⁶ por enforcamento ou, segundo uma variante, lançou-se na pira funerária de Páris¹³⁷.

A carta retrata uma situação (Enone presencia o retorno de Páris da Grécia, com Helena no navio) ausente tanto em Homero quanto nos trágicos gregos¹³⁸. Conforme exposto ao longo do capítulo 3, a figura do(a) rival é essencial ao cenário elegíaco, uma vez que a disputa pela atenção da pessoa amada – e a comoção de perdê-la – provoca a tensão necessária ao canto elegíaco amoroso.

Como destacamos na carta anterior (Fedra a Hipólito), Ovídio recorre ao assunto da riqueza e do poder como argumentos no jogo do amor. Vimos que no *tópos* do *diues amator*, o poeta tenta vencer o rival na disputa pela atenção da *puella* argumentando que a poesia e a fama proporcionadas por ela são mais valiosas que a riqueza. Aqui, Enone (como no exemplo de Fedra) subverte os papéis, argumentando que é mais merecedora de ser esposa de um rico

¹³⁵ “Tenho por dote uma ilha, a terra de Júpiter, Creta; que toda a corte sirva a meu Hipólito.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹³⁶ GRIMAL, 1993, p. 137 e 355.

¹³⁷ BRANDÃO, 1993, Vol I, p. 335.

¹³⁸ OVÍDIO, 2003, p. 75.

príncipe do que Helena:

Nunc tibi conueniunt, quae te per aperta sequantur

aequora legitimos destituantque uiros.

*At cum **pauper** eras armentaque pastor agebas,*

*nulla nisi Oenone **pauperis** uxor erat.*

*Non ego miror **opes**, nec me tua **regia** tangit*

nec de tot Priami dicar ut una nurus.

Non tamen ut Priamus nymphae socer esse recuset

aut Hecubae fuerim dissimulanda nurus.

*Dignaque sum et cupio fieri matrona **potentis**;*

*sunt mihi, quas possint **sceptra** decere, manus.*

Nec me, faginea quod tecum fronde iacebam,

*despice; **purpureo** sum magis apta toro¹³⁹.* (OVÍDIO, *Heroides* V.79-90) [grifos meus]

A seguir um esquema de como ocorre a inversão de papéis do *diues amator* nas *Heroides*. A 1ª pessoa do texto (i. e., quem escreve as cartas), que deveria estar na posição de quem condena o uso da riqueza no jogo da conquista, passa a ser quem a usa para tentar conquistar o amado.

	<i>pauper</i> , não rico	alvo do amor	<i>diues</i> , rico, nobre
<i>Diues amator</i> convencional	poeta (eu-lírico, “autor” do texto)	<i>puella</i>	rival do <i>poeta</i>
<i>Heroides</i> IV.163-164		Hipólito	Fedra (autora da carta)
<i>Heroides</i> V.79-90	Enone e Páris no passado, quando se conheceram	Páris	Enone (autora da carta)

¹³⁹ “Convêm a ti agora as que te sigam por mar aberto e abandonem os legítimos maridos. Mas, quando eras pobre e, pastor, conduziás rebanhos, a esposa do pobre ninguém era senão Enone. Não me fascina a riqueza, nem teu palácio me seduz, nem ser dita uma de tantas noras de Príamo. Mas não que Príamo recuse ser sogro de uma ninfa ou, nora, tenha devido ocultar-me Hécuba. Mereço-o e quero tornar-me esposa de um poderoso; podem os cetros convir às mãos que tenho. Não me desprezes porque deitava contigo sobre ramos de faia; sou mais apta a um leito púrpura.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

<i>Heroides</i> VI.115-120		Jasão	Hipsípila (autora da carta)
----------------------------	--	-------	------------------------------------

Quadro 1: inversão de papéis do *diues amator* nas *Heroides*

É curioso que, mais à frente, ela utilize o mesmo *tópos*, desta vez num sentido mais próximo ao usual, ou seja, ressaltando que as riquezas não devem comprar o amor (o sexo, a honra, etc.):

*Nec pretium stupri gemmas aurumque poposci;
turpiter ingenuum munera corpus emunt.*¹⁴⁰ (OVÍDIO, *Heroides* V.145-146)

A metáfora do **amor como ferida** aparece logo adiante:

*Vt minor Atrides temerati foedera lecti
clamat et externi laesus amore dolet,
tu quoque clamabis.*¹⁴¹ (OVÍDIO, *Heroides* V.103-105a) [grifo meu]

Ao discorrer sobre o dom da cura pelas plantas, que lhe fora dado por Apolo, Enone lamenta que o amor não possa ser curado por plantas. É um caso de caracterização do **amor como doença**, ainda reforçado pelo uso do termo *auxilium* que, de acordo com Robert Maltby (2006, p. 154), é característico deste *tópos*, quando usado no sentido de “medicação, remédio”:

*Iipse, ratus dignam, medicas mihi tradidit artes
admisitque meas ad sua dona manus.
Quaecumque herba potens ad opem radixque medendo
utilis in toto nascitur orbe, mea est.
Me miseram, quod amor non est medicabilis herbis.
Deficior prudens artis ab arte mea.
[Ipse repertor opis uaccas pauisse Pheraeas*

¹⁴⁰ “Não pedi gemas nem ouro como paga da desonra: presentes comprem torpemente um corpo nascido livre.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁴¹ Assim como o atrida mais moço grita as juras do leito ultrajado e sofre ferido por este amor a um estrangeiro, tu também gritarás.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

fertur et e nostro saucius igne fuit.]

Quod nec graminibus tellus fecunda creandis

*nec deus, **auxilium** tu mihi ferre potes.*¹⁴² (OVÍDIO, *Heroides* V.147-156) [grifos meus]

4.3 Hipsípila a Jasão

Hipsípila é filha de Toante, rei da ilha de Lemnos, e da rainha Mirina. Portanto, é neta de Dioniso e Ariadne pelo lado paterno e descendente de Éolo pelo lado materno. Como as mulheres de Lemnos se negaram a prestar culto a Afrodite, ela as castigou com um odor tão insuportável que os maridos as abandonaram. Para se vingar, as Lemníades mataram todos os homens da ilha e fundaram uma república de mulheres, que durou até o dia em que os Argonautas, comandados por Jasão, passaram por lá. Tendo herdado o trono, Hipsípila une-se a Jasão e com ele tem dois filhos. Até que Jasão parte em busca do toão de ouro, abandonando Hipsípila e envolvendo-se com Medeia, que o ajuda a conquistar o objetivo¹⁴³.

O tema desta carta fora abordado por Ésquilo, Sófocles e Eurípides em tragédias perdidas¹⁴⁴. *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes, relatam as aventuras de Jasão tal como foram resumidas por Ovídio a partir do verso 9¹⁴⁵.

Hipsípila dedica considerável parte do texto a citar as aventuras de Jasão. Fala também de seu conturbado passado. Não por acaso, a primeira ocorrência de um *tópos* elegíaco encontrada foi a *militia amoris*, no momento em que ela lamenta não ter rechaçado Jasão e seus companheiros quando aportaram na ilha, nota-se como ela usa uma linguagem claramente militar:

Certa fui primo (sed me mala fata trahebant)

***hospita** feminea pellere castra manu,*

*Lemniadesque uiros, nimium quoque, **uincere** norunt;*

¹⁴² “Ele mesmo, tendo-me por merecedora, transmitiu-me as artes médicas e permitiu seus dons às minhas mãos. Qualquer erva de eficaz auxílio e raiz útil para a cura que nasça em todo o mundo é minha. Pobre de mim, pois o amor não se cura com ervas! Hável em minha arte, falta-me a própria arte. [O próprio criador dos remédios se conta ter apascentado as vacas do fereu, e foi ferido por minha chama.] O que nem a terra, fértil ao produzir as ervas, nem um deus, tu podes fazer em meu auxílio.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁴³ BRANDÃO: 1993, Vol. I, p. 109 e 579 e Vol. II, p. 17.

¹⁴⁴ OVÍDIO, 2003, p. 85.

¹⁴⁵ OVÍDIO, 2003, p. 85.

*milite tam forti uitta tuenda fuit*¹⁴⁶. (OVÍDIO, *Heroides* VI:53-56) [grifos meus]

Mais adiante, a metáfora do **amor como doença**, tendo a dor como consequência:

*Cor dolet atque ira mixtus abundat amor*¹⁴⁷. (OVÍDIO, *Heroides* VI:78)

Como nas cartas anteriores, Hipsípile também emprega o recurso da riqueza e do poder de sua família como “ferramentas” de persuasão amorosa. Ovídio se serve com frequência desta situação, que pode ser entendida como uma variação do *tópos* do *diues amator*, porém com os papéis trocados¹⁴⁸:

Si te nobilitas generosaque nomina tangunt,

em, ego Mino nata Thoante feror.

Bacchus auus; Bacchi coniunx redimita corona

praeradiat stellis signa minora suis.

Dos tibi Lemnos erit, terra ingeniosa colenti;

*me quoque dotales inter habere potes*¹⁴⁹. (OVÍDIO, *Heroides* VI.115-120) [grifos meus]

4.4 Dejanira a Hércules

Dejanira era filha de Eneu, rei de Cálidon, e de Alteia, e irmã de Meleagro. Era hábil condutora de carro e uma guerreira destemida. Quando Hércules, no seu décimo primeiro trabalho, desceu ao Hades para buscar o cão Cérbero, conheceu Meleagro, irmão morto de Dejanira. Ao contar como foi sua vida na terra, Meleagro emocionou Hércules, que prometeu casar-se com sua irmã ao retornar. O casal teve um filho, Hilo, e permaneceu na corte de Eneu até que Hércules assassina sem querer o copeiro real, Êunomo. Então, partem com o filho para Tráquis, na Tessália, onde reinava Cêix, primo de Hércules. Na travessia do rio Eveno, o

¹⁴⁶ “De início estive decidida (mas um cruel destino me arrastava) a repelir as forças estrangeiras com uma tropa feminina: as mulheres de Lemnos sabem, até demais, vencer os homens; com tão forte exército devia defender meu pudor.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁴⁷ “Meu coração dói e abunda o amor misturado à ira.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁴⁸ Ver Quadro 1, na página 38.

¹⁴⁹ “Se a nobreza e nomes ilustres te impressionam, eis-me, dizem-me nascida de Toante de Minos. Baco é meu avô; a esposa de Baco, coroada, ofusca com suas estrelas os astros menores. Teu dote será Lemnos, terra pródica ao cultivador; podes também incluir-me entre os dotes.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

centauro Nesso, que trabalhava como barqueiro, tentou violentar Dejanira, já que Hércules atravessava a nado. Ao chegar à margem, o herói matou-o com uma lança envenenada com o sangue da Hidra de Lerna. Antes de morrer, Nesso deu a Dejanira sua túnica, manchada com o sangue envenenado e disse que esta peça de roupa teria o poder de restituir-lhe o esposo caso este um dia a abandonasse. Certa vez, Hércules derrotou Êurito, rei da Ecália, na prova do arco, e obteve como prêmio a princesa Íole. Quando Dejanira descobriu que Hércules apaixonara-se e pretendia abandoná-la por Íole, enviou a ele a túnica que, ao ser vestida, fez infiltrar o veneno no corpo do herói, causando sua morte. Ao saber que foi enganada por Nesso e que matara, sem querer, o marido, Dejanira comete o suicídio¹⁵⁰.

O pano de fundo da carta é semelhante ao encontrado nas *Traquínias*, de Sófocles. A vida do herói está no fim. Ele acaba de tomar a cidade de Ecália, na Eubeia, mas se apaixonou por Íole, filha do rei vencido Êurito. Ele a enviou para a cidade de Traquine, na Tessália, onde estava Dejanira.¹⁵¹

No verso 143 ocorre um fato inesperado: a voz pública anuncia que Hércules vai morrer. Essa intervenção exterior ao ato da escritura, única na coletânea, acentua a confusão de Dejanira e sua solidão. Logo após o fim da carta, ela se suicida. Nas *Metamorfoses*, Ovídio contou de outra forma o combate de Hércules (IX:1-97), a morte de Nesso (IX:98-133) e a morte e apoteose de Hércules (IX: 134-272).

Na maior parte da carta, Dejanira usa as próprias façanhas de Hércules como material argumentativo. Não foram identificados neste texto nenhum dos *tópoi* estudados. No entanto, podemos perceber outros traços comuns da elegia amorosa, como a afirmação da grandiosidade do Amor, o *triumphus amoris*:

Quem non mille ferae, quem non Stheneleius hostis,

*non potuit Iuno uincere, uincit Amor.*¹⁵² (OVÍDIO, *Heroides* IX.25-26)

Mais adiante, Dejanira dedica longos trechos da carta, dos versos 54 ao 82 e do 105 ao 116, criticando Hércules por ter se sujeitado a vestir-se de mulher em obediência a Ônfale, rainha da Lídia. A sujeição de um homem a uma figura feminina, especialmente a uma

¹⁵⁰ BRANDÃO, 1993, Vol. I, p. 268.

¹⁵¹ OVÍDIO, 2003, p. 115-116.

¹⁵² Aquele que nem mil feras, nem o inimigo, filho de Estênelo, nem Juno pôde vencer, vence o Amor. (tradução minha, texto latino: OVIDE, 1965)

amante, é uma das cenas prototípicas da elegia romana. Talvez por isso Dejanira deu tanto destaque a essa passagem em meio a dezenas de outras atribuídas ao herói:

Crederis infelix scuticae tremefactus habenis

*ante pedes dominae...*¹⁵³ (OVÍDIO, *Heroides* IX.81-82)

4.5 Cânace a Macareu

Cânace é filha de Éolo e Enareta. Apaixonou-se por seu irmão Macareu, com quem teve um filho. Éolo, advertido sobre o incesto, ordenou que o recém-nascido fosse oferecido como alimento aos lobos e mandou um punhal à sua filha, para que ela pagasse pela desonra com a morte¹⁵⁴. A carta é escrita quando Cânace está prestes a morrer. Não é um suasório, mas um longo monólogo que, diferentemente das demais cartas em estudo, não está focado no abandono pelo homem amado, mas na crueldade de Éolo.

A carta retoma um tema que havia sido narrado por Eurípides¹⁵⁵ numa tragédia quase completamente perdida chamada *Éolo*, nome do senhor dos ventos. Assemelha-se à história de BÍblis, também apaixonada pelo irmão e que, no final, transforma-se em fonte (*Metamorphoseon*, IX:453-665), à de Mirra, apaixonada por seu pai (*Metamorphoseon*, X:298-518), e à de Hipermnestra, na carta XIV das *Heroides*.¹⁵⁶

O isolamento de Cânace, que declara ter dado à luz pela primeira vez, não é compatível com outras lendas que lhe atribuem cinco filhos nascidos de sua relação com Netuno. A personagem de Éolo, que foi de extrema severidade com a filha, tampouco condiz com aquela que, segundo Homero (*Odisseia*, X:7) deu suas seis filhas como esposas a seis filhos seus, dando um exemplo invocado por BÍblis, para justificar sua paixão (*Metamorphoseon*, IX:507).¹⁵⁷

A primeira ocorrência de *tópos* elegíaco que encontramos na carta é a do **amor como doença**, quando Cânace descreve os efeitos do amor arrebatador que sentiu por Macareu. São efeitos físicos, tal qual uma enfermidade, inclusive com a típica palidez do rosto (*fugerat ore color...*), ressaltada por Robert Maltby (2006, p. 155) como traço marcante deste *tópos*:

¹⁵³ Creem-te infeliz, a tremer das vergastadas com correias aos pés da amante... (tradução minha, texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁵⁴ MESTICA, 1993, p. 49.

¹⁵⁵ Segundo GRIMAL (1993, p. 73), Ovídio baseou-se em Eurípides para elaborar esta carta.

¹⁵⁶ OVÍDIO, 2003, p. 135.

¹⁵⁷ BRANDÃO, 1993, Vol. I, p. 267.

*Ipsa quoque incalui, qualemque audire solebam,
nescio quem sensi corde tepente deum.
Fugerat ore color, macies adduxerat artus,
sumebant minimos ora coacta cibos;
nec somni faciles et nox erat annua nobis,
et gemitum nullo laesa dolore dabam*¹⁵⁸. (OVÍDIO, *Heroides* XI.27-32)

No relato do parto, Cânace faz uso de uma comparação com o mundo militar (*militia amoris*). O doloroso nascimento está para a jovem e imatura mãe como uma batalha para o recruta:

*Nescia quae faceret subitos mihi causa dolores.
Et rudis ad partus et noua miles eram*¹⁵⁹; (OVÍDIO, *Heroides* XI.49-50) [grifo meu]

4.6 Medeia a Jasão

Medeia é filha do rei Eeta (ou Eetes), da Cólquida. Portanto, é neta do Sol e sobrinha da feiticeira Circe. Na literatura alexandrina e em Roma, Medeia é o protótipo da feiticeira. Sem ela, Jasão não teria conquistado o velo de ouro. Por sua ajuda, Jasão prometera-lhe casamento. Para proporcionar a vitória ao herói, ela inclusive traiu e abandonou seu pai e ainda levou o irmão Apsirto como refém. Para atrasar a perseguição náutica de seu pai, ela matou e despedaçou o irmão, lançando seus pedaços ao mar. Viveram juntos como casal em Corinto, até que o rei Creonte deu sua filha Creúsa em casamento a Jasão e banuiu Medeia. Em vingança, Medeia matou Creúsa, Creonte, seus próprios filhos e incendiou o palácio. Então fugiu para Atenas num carro puxado por cavalos alados¹⁶⁰.

A carta está relacionada à carta VI, de Hipsípila a Jasão. A história pode ser comparada com o conteúdo de *Argonautas*, de Apolônio de Rodes e *Medeia*, de Eurípedes. Em *Metamorphoseon* Ovídio narrou a conquista do toso de ouro com a ajuda de Medeia (VII:1-158), a colheita de ervas mágicas por Medeia, para rejuvenescer o pai de Jasão

¹⁵⁸ “Eu própria também me inflamei e, como costumava ouvir, não sei qual deus senti em meu tépido coração. A cor fugira do rosto, a magreza extenuara meus membros, minha boca tomava à força mínimos alimentos; nem o sono era fácil, a noite durava um ano para mim gemia ferida por dor alguma;” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁵⁹ “Ignorava que motivo me dava súbitas dores. Eu tanto era inexperiente no parto, quanto soldado aprendiz;” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁶⁰ GRIMAL, 1993, p. 293.

(VII:159-296), a fuga de Medeia pelos ares até Corinto (VII:350-397) e a continuação da vida da feiticeira em Atenas (VII:394-424). A Medeia das *Heroides* enfatiza a própria participação nos feitos de Jasão, deixando bem claro seu protagonismo e contribuição. Já em *Metamorphoseon*, ficam tão ou mais evidentes os atos funestos da feiticeira. Enquanto nas *Heroides* ela é uma mulher apaixonada e abandonada que lamenta a traição e apresenta-se como alguém que serviu o amado (*seruitium amoris*), na obra épica ela é retratada como desequilibrada e vingativa, em quem o amor deu lugar à fúria.

No início da carta, ao relatar sobre o início do relacionamento, Medeia faz uma comparação entre as riquezas de seu pai e as do pai de Creúsa. Em outros momentos das cartas estudadas aqui, Ovídio também lançou mão do argumento da riqueza como ferramenta de persuasão no jogo da conquista. Na elegia amorosa, as referências ao dinheiro ocorrem pelo *tópos* do *diues amator*, como vimos:

Iussus inexpertam Colchos aduertere puppim

intrasti patriae regna beata meae.

Hoc illic Medea fui noua nupta quod hic est;

*quam pater est illi, tam mihi **diues** erat;*

hic Ephyren bimarem, Scythia tenus ille niuosa

*omne tenet, Ponti qua plaga laeua iacet*¹⁶¹. (OVÍDIO, *Heroides* XII.23-28) [grifo meu]

Para complementar a insinuação de que Jasão é influenciado pelo poder e riqueza de Creúsa, Medeia recorda, não sem uma irônica redundância, esta condição. Neste ponto, temos um caso de *diues amator* tal qual ele ocorre na elegia típica, ou seja, o autor (no caso, a heroína que escreve a carta) queixa-sede que o amado procura a rival por causa de sua riqueza:

*Quam tibi tunc longe regnum **dotale** Creusae*

¹⁶¹ “Forçado a dirigir um navio não testado para a Cólquida, adentraste os felizes reinos de minha pátria. Lá, Medeia, fui o que tua nova esposa é aqui; tanto quanto o pai dela, era rico o meu; este Éfira de dois mares, aquele, até a nevada Cítia, domina tudo o que se estende à esquerda do Ponto.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

*et socer et magni nata Creontis erat?*¹⁶² (OVÍDIO, *Heroides* XII.53-54) [grifo meu]

Mais adiante, a mesma alusão ao dote, desta vez em contraposição à condição atual de Medeia, que passaria a ser “pobre” para Jasão. No tópos do *diues amator* típico, o poeta contrapõe a riqueza e os presentes do rival à fama proporcionada por sua poesia. Neste caso, Medeia segue um caminho parecido: a riqueza de Creúsa não se compara à glória a ele proporcionada pelas conquistas colhidas com auxílio da feiticeira:

Dotis opes ubi erant? Vbi erat tibi regia coniunx

quique maris gemini distinet Isthmos aquas?

Illa ego, quae tibi sum nunc denique barbara facta,

*nunc tibi sum **pauper**, nunc tibi uisa nocens,*

flammea subduxi medicato lumina somno

*et tibi, quae raperes, uellera tuta dedi*¹⁶³. (OVÍDIO, *Heroides* XII.103-108) [grifo meu]

A ferida a que Medeia se refere no verso 57 não é senão uma ferida da alma. Ela está ferida pela partida de Jasão, ferida pelo amor que sente por ele. É um caso de **amor como doença ou ferida**:

Tristis abis; oculis abeuntem prosequor udis,

et dixit tenui murmure lingua "uale".

*Vt positum tetigi thalamo male **saucia** lectum,*

*acta est per lacrimas nox mihi, quanta fuit;*¹⁶⁴ (OVÍDIO, *Heroides* XII.55-58) [grifo meu]

A história da jovem que auxilia seu amado, de forma decisiva, a vencer batalhas e cumprir um objetivo militar (capturar e trazer o velo de ouro) pode ser caracterizada como

¹⁶² “Quão longe estava de ti, então, o reino, dote de Creúsa, teu sogro e a filha do grande Creonte?” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁶³ “Onde estavam as **riquezas do dote**? Onde estava tua esposa real e o Istmo que separa as águas do duplo mar? Eu mesma, que agora enfim me tornei bárbara para ti, agora sou **pobre** para ti, agora pareci nociva, sujeitei ao sono, com filtros, flamejantes olhos e, em segurança, dei-te o toirão a roubar.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁶⁴ “Partes triste; sigo-te a partir com úmidos olhos, e, com um murmúrio tênue, a língua disse ‘adeus’. Quando, gravemente **ferida**, toquei o leito posto no quarto, minha noite passou-se inteira entre lágrimas;” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

exemplo do topos da *militia amoris*. Ao assumir o compromisso de ajudar Jasão, Medeia age como um soldado ao se alistar no exército. É como se ela passasse a ser mais um dos Argonautas, inclusive acompanhando as ações *in loco*.

Então, mais uma vez, ela enumera os feitos de Jasão, agora destacando sua participação, sua cota de sacrifício pelo amado. Podemos interpretar no trecho tanto a *militia* (auxílio nas batalhas) quanto o *seruitium amoris* (servidão, entrega total em favor do amor):

Illa ego, quae tibi sum nunc denique barbara facta,

nunc tibi sum pauper, nunc tibi uisa nocens,

flammea subduxi medicato lumina somno

et tibi, quae raperes, uellera tuta dedi.

Proditus est genitor, regnum patriamque reliqui;

optima cum cara matre relictas soror;

uirginitas facta est peregrini praeda latronis;

munus, in exilio quodlibet esse, tuli.

*At non te fugiens sine me, germane, reliqui*¹⁶⁵; (OVÍDIO, *Heroides* XII.105-113)

Ou, ainda, em demonstração de absoluta obediência:

Ausus es (O! Iusto desunt sua uerba dolori),

ausus es "Aesonia", dicere, "cede domo."

Iussa domo cessi natis comitata duobus

*et, qui me sequitur semper, amore tui*¹⁶⁶. (OVÍDIO, *Heroides* XII.133-136)

Por fim, a submissão:

Tam tibi sum supplex quam tu mihi saepe fuisti,

*nec moror ante tuos procubuisse pedes*¹⁶⁷. (OVÍDIO, *Heroides* XII.185-186)

¹⁶⁵ “Eu mesma, que agora enfim me tornei bárbara para ti, agora sou pobre para ti, agora pareci nociva, sujeitei ao sono, com filtros, flamejantes olhos e, em segurança, dei-te o tosão a roubar. Meu pai foi traído, abandonei a realeza e a pátria; foi a melhor irmã abandonada com a mãe querida; minha virgindade tornou-se butim de um ladrão estrangeiro; aceitei o dom, em qualquer exílio que fosse. Mas, irmão, ao fugir não te deixei sem mim;” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁶⁶ “Ousaste (Ó! Faltam suas palavras a uma justa dor!) ousaste dizer ‘deixa a casa de Éson’. Mandada, deixei a casa acompanhada pelos dois filhos pelo amor, que sempre me segue, a ti.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

No final da carta, Medeia retoma o *tópos* do *diues amator* ao novamente contrapor a riqueza da rival aos favores que ela própria prestou ao amado. É o mesmo discurso do início da carta, o que reforça a influência elegíaca no texto:

Dos ubi sit, quaeris? Campo numerauimus illo

qui tibi laturo uellus arandus erat;

arduus ille aries uillo spectabilis auro

dos mea, quam, dicam si tibi "redde", neges.

Dos mea tu sospes, dos est mea Graia iuuentus.

I nunc, Sisyphias, improbe, confer opes.

Quod uiuis, quod habes nuptam socerumque potentis,

*hoc ipsum, ingratus quod potes esse, meum est*¹⁶⁸. (OVÍDIO, *Heroides* XII.199-206)

5 CONCLUSÃO

As *Heroides* são um trabalho único dentre o que restou da elegia antiga grega e romana¹⁶⁹. Na *Ars Amatoria*, Ovídio celebra a novidade e ineditismo das cartas ao recomendar algumas de suas obras como material de leitura para mulheres:

Atque aliquis dicet 'nostri lege culta magistri

carmina, quis partes instruit ille duas:

deue tribus libris, titulus quos signat Amorum,

elige, quod docili molliter ore legas:

uel tibi composita cantetur Epistola uoce:

*ignotum hoc aliis ille nouauit opus*¹⁷⁰. (OVÍDIO, *Ars Amatoria* III.341-346)

¹⁶⁷ “Sou tão suplicante contigo quanto tu, muitas vezes, foste comigo, e não hesito em prostrar-me a teus pés.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁶⁸ “Perguntas onde está o dote? Paguei naquele campo que era para ser arado por ti para levares o toirão; aquele difícil e notável carneiro de áureo velo é meu dote, que, se te pedisse de volta, negarias. Meu dote é tua salvação, meu dote é a juventude grega. Vai agora, malvado, a isso compara as riquezas do descendente de Sísífo. Se vives, se tens esposa e sogro poderosos, mesmo isto, se podes ser ingrato, deves a mim.” (tradução minha; texto latino: OVIDE, 1965)

¹⁶⁹ KNOX, 1995, p. 14.

¹⁷⁰ (...) e alguém diga: “Lê os cultos poemas de nosso mestre, preceptor dos dois sexos, escolhe dentre os três livros que designa pelo nome de *Amores* o que ler voluptuosamente e com voz branda, ou declama com arte uma epístola de sua lavra; este gênero, que outros desconheciam, ele o criou.” (tradução: TREVIZAM, 2003, p. 260)

Mas por que Ovídio diz que “criou” um novo gênero, uma nova tipologia literária? Segundo Peter Knox¹⁷¹, a originalidade das *Heroides* consiste, primordialmente, na combinação de elementos de outras formas literárias, além da elegia, representando, portanto, “o mais interessante exemplo de inovação de gênero na poesia romana”. Há na obra diversos traços das tradições literária e retórica – que Ovídio estudou quando jovem. Havia um tipo de exercício de retórica chamado *ethopoeia* (ἠθοποιία), que consistia em o estudante imaginar-se um personagem famoso da história ou da mitologia e criar um discurso apropriado para alguma circunstância específica vivida por este personagem.¹⁷² Esta forma de criação, que envolve a personificação de figuras famosas, pode ter sido, segundo Knox, influência para a composição das *Heroides*. Mas ele adverte que também há analogias com outros tipos de poesia, sobretudo os de caráter monológico. Muitos trabalhos apresentam algumas dessas características, como a referência mitológica, a identificação do poeta (ou do “autor”, fictício ou não, do texto), mas nenhuma obra elegíaca combina todos esses elementos ao mesmo tempo e sob a forma epistolar.

Como referido anteriormente (seção 2.4.5), Propércio já havia escrito um poema (IV.3) no formato de uma carta de uma certa Aretusa ao seu amado Lícotas, um soldado em campanha. Mas a ideia de adaptar essa fórmula a heroínas míticas é original de Ovídio.

Uma particularidade importante em relação a toda a literatura clássica é a representação da voz feminina de uma personagem, ou seja, uma mulher falando em primeira pessoa¹⁷³, embora em muitos trechos das cartas as heroínas não façam muito mais do que enobrecer os feitos dos homens que elas amam¹⁷⁴. De qualquer forma, são cartas que falam de amor e desejo¹⁷⁵. E personagens femininas falando abertamente de seus desejos num mundo masculino era, por si só, um diferencial das *Heroides*.

¹⁷¹ KNOX, 2005, p. 15.

¹⁷² Quintiliano, na sua *Institutio Oratoria*, III:8.52, cita um exercício semelhante, senão idêntico: *Quae omnia possunt uideri prosopopoeiae, quam ego suasoriis subieci, quia nullo alio ab his quam persona distat. Quamquam haec aliquando etiam in controuersias ducitur, quae ex historiis compositae certis agentium nominibus continentur.* “Todo lo anterior se encuentra en la prosopopeya, que yo incluyo entre los discursos deliberativos, porque sólo difiere de éstos en que requiere de la representación de un papel, bien que la misma situación se da ocasionalmente también en las controversias que han sido compuestas sobre temas históricos y se presentan bajo los nombres de ciertos personajes.” (tradução: Carlos Gerhard Hortet in QUINTILIANO, 2006, p. 272)

¹⁷³ A poetisa lírica Safo (que viveu provavelmente entre os séculos VII e VI a. C.) é um caso raro e, até onde sabemos, isolado de uma mulher cantando suas paixões, no contexto da literatura clássica ocidental.

¹⁷⁴ “(...) granted the opportunity to tell her own story, the heroine prefers to remove herself to the margins of her tale and to empower the absent hero in her stead.” (LINDHEIM, 2003, p. 78)

¹⁷⁵ “(...) the heroines are, because of their very abandonment, perfectly situated to become (like) male Augustan elegists: for both, desire creates poetry.” (FULKERSON, 2005, p. 1)

No que diz respeito ao gênero literário, Alessandro Barchiesi¹⁷⁶ é enfático ao classificar as *Heroides* como elegia. Não apenas porque o tema principal é o amor, mas sobretudo porque o texto está centrado na figura do poeta-amante e sua incansável luta pela “conquista e defesa do amor”. Também está presente a “característica identificadora da elegia”, que ele define como “redução monológica”, pois na elegia só há espaço para uma voz. A influência elegíaca sobre as *Heroides* reside principalmente na redução de toda perspectiva externa ao ponto de vista pessoal do poeta, que concentra toda a sua atenção, todo o seu esforço no pragmatismo da busca por seus objetivos amorosos.

Além disso, o autor ressalta a relevância das *Heroides* ao recontar o mito pelo filtro elegíaco:

In the *Heroides*, Ovid has turned the monologic constraint typical of Roman elegy – restrictions of voice, thematic spheres, and ideology – into a *narrative* convention. His epistles make ‘elegiac’ incisions into the narrative bodies of epic, tragedy and myth. (BARCHIESI, 2001, p. 33)

Outro aspecto importante é o tom de lamento, a chamada *querela*, sem o qual somente o metro utilizado não seria suficiente para caracterizar um texto como elegíaco. Nas palavras de Gianpiero Rosati:

La affinità che accomunano le *Heroides* alla poesia elegiaca – affinità di linguaggio, di toni, di temi e motivi – sono d'altronde immediatamente evidente, e sono state più volte sottolineate: è l'elegia a fornire il codice in cui il materiale mitico della tradizione epico-tragica viene inquadrato e interpretato. Già la stessa scelta del metro, il distico, sembra definire il quadro di riferimento ideologico dell'opera; e la sintomatica frequenza di un termine-chiave del lessico elegiaco, *querela*, dichiara il genere, tradizionalmente associato al dolore e al lamento, cui le epistole si riconducono. (ROSATI, 2008, p. 34)

Por todas as características formais, pela redução monológica e sobretudo pelo tom de lamento, fica evidente que as *Heroides* são elegias, mesmo que escritas em esquema epistolar e de temática mítica.

A presença reiterada de *tópoi* elegíacos ao longo das cartas estudadas, como demonstrado no capítulo 4, mostra que Ovídio escreveu as cartas sob influência de seus

¹⁷⁶ BARCHIESI, 2001, p. 32.

primeiros passos poéticos. As convenções mais comuns de que ele lançou mão foram o *seruitium amoris*, a *militia amoris*, o amor como doença ou ferida e o *diues amator*. O poeta mesclou a elegia ao mito, à épica, à tragédia, ao gênero epistolar e à retórica, o que torna as *Heroides* um retrato da rica e diversa formação intelectual de um literato romano da época.

6 TRADUÇÃO DE CARTAS SELECIONADAS D'AS *HEROIDES*

Para este trabalho, é proposta uma tradução de seis das cartas integrantes da obra em questão. Utilizou-se como critério de seleção das epístolas dois elementos que conferem maior carga de dramaticidade aos relatos: a troca por outra mulher (Enone é trocada por Helena, Hipsípila é trocada por Medeia, Dejanira é trocada por Íole e Medeia é trocada por Creúsa) e o tabu social envolvido na relação (Fedra é madrasta de Hipólito e Cânace, irmã de Macareu).

Para facilitar o estudo, optou-se por uma tradução semanticamente mais fiel ao original (tradução filológica), mesmo que isso implicasse numa maior assimetria dos versos. Também tentou-se, sempre que possível, aproximar a sintaxe da tradução àquela do português. Isto se deve ao fato de o latim ser uma língua altamente flexional, o que permite que os poetas alterem a ordem das palavras com maior liberdade, de acordo com as exigências da métrica ou buscando efeitos estéticos. Já o português é uma língua sem flexão de caso, o que faz com que a ordem das palavras na frase seja importante para definir sua função sintática. Assim, se a tradução respeitasse a estrita ordem das palavras do texto original, o resultado seriam incompreensível em português.

O texto latino usado como referência é o da edição das *Belles Lettres* (OVIDE. *Heroides*. Trad. Marcel Prévost. Paris: Société D'Édition "Les Belles Lettres", 1965).

6.1 Phaedra Hippolyto¹⁷⁷

Fedra¹⁷⁸ a Hipólito¹⁷⁹

1. Qua, nisi tu dederis, caritura est ipsa, salutem
A moça cretense envia ao homem amazônio
2. mittit Amazonio Cressa puella uiro.
a saudação que, se não a deres, fará falta à própria.
3. Perlege, quodcumque est:quid epistula lecta nocebit?
Lê tudo o que estiver aqui:como ler uma carta fará mal?
4. Te quoque, in hac aliquid, quod iuuet esse potest.
Nela ainda pode haver algo que também a ti agrade.
5. His arcana notis terra pelagoque feruntur;
Por estes escritos, segredos são levados por terra e por mar;
6. inspicit acceptas hostis ab hoste notas.
o inimigo examina os escritos recebidos de um inimigo.
7. Ter tecum conata loqui, ter inutilis haesit
Três vezes tentei falar contigo, três vezes a língua hesitou
8. lingua, ter in primo destitit ore sonus.
inútil, três vezes o som junto aos lábios cessou.
9. Qua licet et quitur, pudor est miscendus amor:
Quanto é lícito e se pode, o pudor deve mesclar-se ao amor:
10. dicere quae puidit, scribere iussit amor.
o que envergonhou dizer, o amor ordenou escrever.

¹⁷⁷ Carta de número IV.

¹⁷⁸ Fedra (Φαιδρα) é filha de Minos e de Pasífae, irmã de Ariadne. Seu irmão Deucalião deu-a em casamento a Teseu, na altura em que este reinava em Atenas, apesar de ele ser casado com a Amazona Antíope (Melanipe ou Hipólita, segundo outras tradições). As segundas núpcias foram pretexto para um ataque das Amazonas. Fedra teve dois filhos de Teseu: Acamante e Demofonte, mas apaixonou-se pelo filho que Teseu tivera da Amazona – Hipólito. Este, que detestava as mulheres, não correspondeu à paixão da madrasta. Fedra, então, temendo que o jovem denunciase ao pai o ardor com que ela o perseguia, decidiu preparar uma farsa. Acusou Hipólito de tentar seduzi-la, e com tanta convicção levantou tais suspeitas que Teseu suplicou a Posídon que fizesse morrer o filho. Não tardou muito que este fosse arrastado pelos seus cavalos, encontrando assim a morte (ver nota 179). Não resistindo ao desespero e ao remorso, Fedra enforcou-se. Há outra versão do mito que diz que Fedra suicidou-se antes de revelar seu amor. (GRIMAL, 1993, p. 168)

¹⁷⁹ Hipólito (Ἴππόλυτος) filho de Teseu com a Amazona Antíope (ou Melanipe, ou Hipólita, conforme a versão). Da mãe herdou a paixão pela caça e pelos exercícios violentos. Dentre todas as divindades, venerava Ártemis de forma especial. Desprezava Afrodite. A deusa vingou-se cruelmente deste desprezo suscitando no coração de Fedra, a segunda mulher de Teseu, uma viva paixão pelo jovem. Fedra ofereceu-se-lhe, mas Hipólito rejeitou-a. Receando então que ele fosse revelá-la a Teseu, Fedra rasgou os vestidos, arrombou a porta do quarto e fingiu que Hipólito a quisera violar. Teseu foi tomado pela cólera e, não querendo ser ele mesmo a matar o filho, recorreu a Posídon, que lhe havia prometido realizar três votos que ele quisesse formular. A seu pedido, o deus enviou um monstro marinho que emergiu das ondas na altura em que Hipólito conduzia seu carro à beira mar, em Trezena, assustou os cavalos e provocou a morte do jovem (Hipólito foi arrastado pelos cavalos, caiu do carro, prendeu os pés nas rédeas e foi arrastado por cima dos rochedos). Ao saber da desgraça por si provocada, Fedra enforcou-se. (GRIMAL, 1993, p. 232)

11. Quidquid amor iussit, non est contemnere tutum:
Tudo o que o amor ordena, não é seguro desdenhar:
12. regnat et in dominos ius habet ille deos.
ele reina e tem autoridade sobre os deuses soberanos.
13. Ille mihi primo dubitanti scribere, dixit:
Ele disse a mim, que no início hesitava em escrever:
14. “scribe;dabit uictas ferreus ille manus.”
“escreve; aquele insensível estenderá as mãos vencidas.”
15. Adsit et, ut nostras auido fouet igne medullas,
Que ele me defenda e, assim como queima minhas entranhas
16. figat sic animos in mea uota tuos.
com fogo devorador, traspasse o teu peito por meu desejo.
17. Non ego nequitia sociata foedera rumpam:
Eu não romperei por devassidão os laços conjugais:
18. Fama (uelim quaeras) crimine nostra uacat.
Minha fama (gostaria que te informasses) está isenta de crimes.
19. Venit amor grauius, quo serius:urimur intus,
O amor vem tanto mais forte quanto mais tarde: queimo por dentro,
20. urimur, et caecum pectora uulnus habent.
queimo, e meu coração mantém oculta chaga.
21. Scilicet ut teneros laedunt iuga prima iuuencos,
Decerto, assim como os primeiros jugos ferem tenros novilhos
22. frenaque uix patitur de grege captus equus,
e um cavalo capturado da tropa dificilmente tolera os freios,
23. sic male uixque subit primos rude pectus amores;
mal e a custo um peito inexperiente suporta os primeiros amores;
24. sarcinaque haec animo non sedet apta meo.
e este fardo não se assenta bem a meu peito.
25. Ars fit, ubi a teneris crimen condiscitur annis:
Quando um crime é aprendido desde tenros anos, torna-se uma arte:
26. quae uenit exacto tempore, peius amat.
quem se acerca tarde ama mais forte.
27. Tu noua seruatae capies libamina famae,
Receberásas frescas primícias de uma honra preservada,

28. et pariter nostrum fiet uterque nocens.
e cada um de nós far-se-á igualmente culpado.
29. Est aliquid plenis pomaria carpere ramis,
Já é algo colher em pomares de cheios ramos
30. et tenui primam deligere ungue rosam.
e tirar com unha delicada a primeira rosa.
31. Si tamen ille prior, quo me sine crimine gessi,
Mas, se aquela inicial pureza, com que sem crime procedi,
32. candor ab insolita labe notandus erat,
havia de ser manchada por insólita nódoa,
33. at bene successit, digno quod adurimur igne:
ao menos sucedeu bem, pois ardo por digna chama:
34. peius adulterio turpis adulter obest.
vilmente adular é mais nocivo que o adultério.
35. Si mihi concedat Iuno fratremque uirumque,
Se Juno me entregasse o irmão e marido¹⁸⁰,
36. Hippolytum uideor praepositura Ioui.
parece-me que preferiria Hipólito a Júpiter.
37. Iam quoque, uix credas! Ignotas mittor in artes:
Agora também, a custo acreditas! Lanço-me a novas artes:
38. est mihi per saeuas impetus ire feras.
tenho ímpetos de seguir para as feras selvagens.
39. Iam mihi prima dea est arcu praesignis adunco
agora, minha deusa preferida é a de Delos¹⁸¹, bem notável
40. Delia: iudicium subsequor ipsa tuum.
pelo adunco arco: eu própria te sigo o julgamento.
41. In nemus ire libet pressisque in retia ceruis
Apraz-me adentrar a floresta e, pelos cumes das montanhas,
42. hortari celeres per iuga summa canes
excitar céleres cães aos servos presos em redes,
43. aut tremulum excusso iaculum uibrare lacerto
lançar trêmulo dardo com um movimento de braço,

¹⁸⁰ Júpiter é, ao mesmo tempo, irmão e marido de Juno.

¹⁸¹ Diana, que nasceu na ilha de Delos.

44. aut in graminea ponere corpus humo.
ou pousar o corpo no relvado chão.
45. Saepe iuuat uersare leues in puluere currus,
Muitas vezes, agrada-me guiar ligeiros carros no pó,
46. Torquentem frenis ora sequacis equi;
retendo com freios a boca desequaz cavalo;
47. nunc feror, ut Bacchi furiis Eleleides actae,
ora me arretrato, como as Eleleides¹⁸² impelidas por báquicos furores,
48. quaeque sub Idaeo tympana colle mouent,
as que tocam tímpanos sob o monte Ida,
49. aut quas semideae Dryades Faunisque bicornes
ou as que as Dríades semideusas e os bicornes Faunos
50. numine contactas attonuere suo.
aturdiram, tocadas por seu divino poder¹⁸³.
51. Namque mihi referunt, cum se furor ille remisit,
Pois tudo me relatam, quando meu furor se abrandou:
52. omnia: me tacitam conscius urit Amor.
o Amor culpado me queima calada.
53. Forsitan hunc generis fato reddamus amorem,
Talvez paguemos este amor ao destino da minha estirpe
54. et Venus e tota gente tributa petat.
e Vênus cobre tributos de toda minha gente¹⁸⁴.
55. Iuppiter Europam (prima est ea gentis origo)
Júpiter amou Europa (esta é a origem primeira de minha gente),
56. dilexit, tauro dissimulante deum.
vindo um touro a mascarar o deus.¹⁸⁵
57. Pasiphae mater, decepto subdita tauro,
Minha mãe Pasífae, montada pelo touro enganado,

¹⁸² Eleleides (ou Eleleidas) era um apelativa das Basárides [um dos nomes das companheiras de Dioniso, as Mênades], derivado de ἐλελέν, grito com que era invocado Dioniso (Baco). (MESTICA, 1993, pp. 85 e 41)

¹⁸³ Fedra enumera três casos de delírio, o das Bacantes (Eleleu é um nome de Baco), o das sacerdotisas de Cibele e o das mulheres que foram tomadas por demônios campestres, cujo contato, diziam, provocava, como em Pã, o pânico. (OVÍDIO, 2003, p. 68)

¹⁸⁴ Vênus, surpreendida por seu marido nos braços de Marte, vingou-se na descendência do Sol, que a tinha denunciado. Ora, Pasífae é uma das filhas do Sol.

¹⁸⁵ Após ter seduzido Europa na forma de um touro, Júpiter deu-lhe três filhos: Sárpedon, Radamanto e Minos, pai de Fedra. O touro, que está nas origens da família, indica aquele que amou Pasífae.

73. quemque uocant aliae uultum rigidumque truce[m]que,
e o que outras chamam de duras e ferozes feições,
74. pro rigido, Phaedra iudice, fortis erat.
em vez de duras, para Fedra, eram viris.
75. Sint procul a nobis iuuenes, ut femina, compti:
Longe de mim os moços adornados como mulher:
76. fine coli modico forma uiril[is] amat.
uma beleza viril ama apenas os pequenos ajustes.
77. Te tuus iste rigor positique sine arte capilli
Esta tua sobriedade, os cabelos arrumados sem arte
78. et leuis egregio puluis in ore decet.
e um pequeno cisco na egrégia face convêm.
79. Siue ferocis equi luctantia colla recuruas,
Se o colo relutante de feroz cavalo dobras,
80. exiguo flexos miror in orbe pedes;
admiro teus pés curvados em pequeno círculo;
81. seu lentum ualido torques hastile lacerto,
se brandes flexível lança com o forte braço,
82. ora ferox in se uersa lacertus habet;
este braço cruel tem voltados para si meus olhares;
83. siues tenes lato uenabula cornea ferro,
se seguras lanças de caçador com grande ponta,
84. denique, nostra iuuat lumina, quidquid agas.
agrada, enfim, a meus olhos, como tudo o que fazes.
85. Tu modo duritiam siluis depone iugosis:
Deixa apenas a dureza nas montanhosas selvas:
86. non sum duritia digna perire tua.
não mereço morrer por tua dureza.
87. Quid iuuat incinctae studia exercere Dianae,
De que adianta praticar os exercícios da solta Diana
88. et Veneri numeros eripuisse suos?
e furta[r] a Vênus o que se lhe deve?
89. Quod caret alterna requie, durable non est:
O que carece de revezado descanso, durável não é:

90. haec reparat uires, fessaque membra nouat.
é ele que repara as forças e renova os estafados membros.
91. Arcus – et arma tuae tibi sunt imitanda Dianae, –
o arco – também as armas de tua Diana debes imitar, –
92. si nunquam cesses tendere, mollis erit.
se nunca cessares de estirar, ficará frouxo.
93. Clarus erat siluis Cephalus, multaeque per herbam
Céfalo era afamado nas selvas e, na relva,
94. conciderant, illo percutiente, ferae.
tombaram muitas feras atingidas por ele.
95. Nec tamen Aurorae male se praebebat amandum:
Mas, sem mal, entregava-se a Aurora para amar:
96. ibat ad hunc sapiens a sene diua uiro.
a deusa astuta ia do velho marido para ele¹⁸⁹.
97. Saepe sub ilicibus Venerem Cinyraque creatum
Muitas vezes, sob as azinheiras, qualquer relva
98. sustinuit positos quaelibet herba duos.
acomodou Vênus e o filho de Ciniras¹⁹⁰, reclinados os dois.
99. Arsit et Oenides in Maenalia Atalanta:
Ardeu também o filho de Eneu¹⁹¹ por Atalanta do Mênalos¹⁹²:
100. illa ferae spoliium, pignus amoris, habet.
ela tem os despojos de uma fera como amoroso penhor.
101. Nos quoque iam primum turba numeremur in ista:
Também nós sejamos, antes de tudo, contados nesta multidão:
102. si Venerem tollas, rustica silua tua est.
se abolires Vênus, tua selva é rústica.
103. Ipsa comes ueniam; nec me latebrosa mouebunt
Eu mesma serei tua companheira; nem me perturbarão

¹⁸⁹ Aurora (em latim, *Aurora* e, em grego, *Ἥως*) significa “leste, onde nasce a luz”. Pertence à primeira geração divina, a dos Titãs, como filha de Hipérion e de Téia, portanto irmã do Sol (Hélio) e da Lua (Selene). Foi uma grande amante. Por castigo de Afrodite por ter se enamorado de Ares, Aurora estava sempre insatisfeita com seus amores, o que a fez apaixonar-se seguidamente por vários personagens, inclusive o jovem Céfalo, que ela raptou e levou para a Síria. (BRANDÃO, 1993, p. 338)

¹⁹⁰ Adônis.

¹⁹¹ Meleagro, filho de Eneu, amou Atalanta.

¹⁹² Monte da Arcádia, dedicado a Pã.

104. saxa, nec obliquo dente timendus aper.
obscuros rochedos, nem se haverá de temer o javali de oblíqua presa.
105. Aequora bina suis oppugnant fluctibus Isthmon,
Dois mares sitiam o Istmo com suas ondas
106. et tenuis tellus audit utrumque mare.
e uma tênue terra ouve as duas águas.
107. Hic tecum Troezena colam, Pittheia regna;
Ali, contigo habitarei Trezena¹⁹³, reinos de Piteu¹⁹⁴;
108. iam nunc est patria gratior illa mea.
agora mesmo ela me é mais cara que minha pátria.
109. Tempore abest, aberitque diu, Neptunius heros:
O herói Netúnio¹⁹⁵ está neste instante ausente e ainda mais estará:
110. illum Pirithoi detinet ora sui.
o país do seu querido Pirítoo o detém¹⁹⁶.
111. Praeposuit Theseus, nisi si manifesta negamus,
A não ser que neguemos o óbvio,
112. Pirithoum Phaedrae, Pirithoumque tibi.
Teseu preferiu Pirítoo a Fedra, Pirítoo a ti mesmo.
113. Nec sola haec nobis iniuria uenit ab illo:
Esta não é a única ofensa que dele nos vem:
114. in magnis laesi rebus uterque sumus.
ambos fomos lesados em graves coisas.
115. Ossa mei fratris claua perfracta trinodi
Espalhou no chão os ossos de meu irmão, esmagados pela clava
116. sparsit humi; soror est praeda relictá feris.
de três nós; minha irmã foi abandonada como presa às feras.
117. Prima securigeras inter uirtute puellas
A primeira em valor entre as moças que portam machados¹⁹⁷
118. te peperit, nati digna uigore parens.
deu-te à luz, mãe digna da bravura do filho.

¹⁹³ Cidade na entrada do istmo de Cotrinto.

¹⁹⁴ Rei de Trezena. Sua filha Etra foi a mãe de Teseu. Ele educou sucessivamente Teseu e Hipólito.

¹⁹⁵ Referência que atribui a Netuno a paternidade de Teseu.

¹⁹⁶ Teseu está na Tessália.

¹⁹⁷ Antíope, rainha das Amazonas e mãe de Hipólito.

119. Si quaeras ubi sit, Theseus latus ense peregit,
se perguntas onde ela está, Teseu atravessou seu flanco a espada,
120. nec tanto mater pignore tuta fuit.
nem com tamanho penhor esteve tua mãe a salvo.
121. At ne nupta quidem taedaque accepta iugali.
Mas sequer era casada, nem com tocha nupcial recebida;
122. Cur, nisi ne caperes regna paterna nothus?
por que, se não para impedir-te, como bastardo, de tomar seu paterno poder?
123. Addidit et fratres ex me tibi: quos tamen omnes
Juntou também os irmãos que te dei: mas não fui eu
124. non ego tollendi causa, sed ille fuit.
o motivo de aceitá-los todos, foi ele.
125. O utinam nocitura tibi, pulcherrime rerum,
Ó belíssimo, pudessem minhas entranhas
126. in medio nisu uiscera rupta forent!
por perder-te rasgar-se em meio aos partos!
127. I nunc, sic meriti lectum reuerere parentis,
Vai agora, respeita de um pai tão merecedor o leito,
128. quem fugit, et factis abdicat ille suis.
que ele mesmo evita e enjeita por seus atos.
129. Nec, quia priuigno uidear coitura nouerca,
Nem, por parecer eu uma madrasta pronta a unir-se ao enteado,
130. terruerint animos nomina uana tuos.
tenham-te nomes vãos apavorado o peito.
131. Ista uetus pietas, aeuo moritura futuro,
Este escrúpulo antigo, que devia cessar no futuro,
132. rustica Saturno regna tenente, fuit.
existiu quando Saturno rústicos reinos dominava¹⁹⁸.
133. Iuppiter esse pium statuit quodcumque iuuaret
Júpiter determinou ser correto o que quer que agradasse,
134. et fas omne facit fratre marita soror.
e sua irmã desposada com o irmão torna tudo lícito¹⁹⁹.

¹⁹⁸ Saturno instaurou a Idade de Ouro no Lácio, mas Cronos, do qual era parente, esposou sua irmã Réia.

¹⁹⁹ Juno é irmã e esposa de Júpiter.

135. Illa coit firma generis iunctura catena,
Fecha-se por firmes laços familiares aquele laço de sangue,
136. imposuit nodos cui Venus ipsa suos.
a que a própria Vênus impôs seus elos.
137. Nec labor est; celare licet. Pete munus ab illa:
E não há trabalho; pode-se esconder. Pede o favor a ela:
138. cognato poterit nomine culpa tegi.
a culpa poderá ser encoberta pelo parentesco.
139. Viderit amplexos aliquis; laudabimur ambo:
Vendo alguém os abraços; seremos ambos louvados:
140. dicar priuigno fida nouerca meo.
dir-me-ão madrasta leal a meu enteado.
141. Non tibi per tenebras duri reseranda mariti
Não há de ser aberta por ti, nas sombras, a porta
142. ianua, non custos decipiendus erit.
de um cruel marido, não haverá um guarda a enganar.
143. Vt tenuit domus una duos, domus una tenebit.
Assim como uma só casa dois já abrigou, uma só casa dois abrigará.
144. Oscula aperta dabas, oscula aperta dabis.
beijos às claras davas, beijos às claras darás.
145. Tutus eris mecum, laudemque merebere culpa,
Estarás seguro comigo e pela falta merecerás louvor,
146. tu licet in lecto conspiciare meo.
ainda que sejas visto em meu leito.
147. Tolle moras tantum, properataque foedera iunge.
Apenas cessa de tardar e faz depressa as alianças.
148. Qui mihi nunc saeuit, sic tibi parcat Amor!
Assim te poupe o Amor que agora me tortura!
149. Non ego dedignor supplex humilisque precari.
Eu não desdenho pedir suplicante e humilhada.
150. Heu! Vbi nunc fastus altaque uerba? Iacent.
Ai! Onde agora a soberba e as orgulhosas palavras? Morreram.
151. Et pugnare diu nec me submittere culpae
Eu estive certa de lutar por muito tempo

152. certa fui; certi si quid haberet amor!
e de não ceder à culpa; se algo de certo houvesse no amor!
153. Victa precor, genibusque tuis regalia tendo
Vencida, suplico e estendo meus braços reais
154. bracchia. Quid deceat non uidet ullus amans.
a teus joelhos. O que convém, nenhum amante vê.
155. Depuduit, profugusque Pudor sua signa relinquit.
Não teve vergonha, e abandona suas insígnias o fugitivo Pudor.
156. Da ueniam fassae, duraque corda doma.
Perdoa a confidente e doma um coração cruel.
157. Quo mihi, quod genitor, qui possidet aequora, Minos?
Que me serve Minos, que possuí os mares, ser meu pai?
158. Quod ueniant proavi fulmina torta manu?
Ou que venham os sinuosos raios das mãos de meu bisavô?
159. Quod sit auus, radiis frontem uallatus acutis,
Ou que tenha a fronte cingida por agudos raios meu avô,
160. purpureo tepidum qui mouet axe diem?
que move o tépido dia no flâmeco carro?
161. Nobilitas sub amore iacet. Miserere priorum,
A nobreza jaz sob o amor. Tem piedade de meus ancestrais
162. et, mihi si non uis parcere, parce meis.
e, se não desejas poupar-me, poupa os meus.
163. Est mihi dotalis tellus, Iouis insula, Crete.
Tenho por dote uma terra, Creta, ilha de Júpiter.
164. Seruiat Hippolyto regia tota meo.
Que toda a corte sirva a meu Hipólito.
165. Flecte feros animos. Potuit corrumpere taurum
Sê flexível, ó cruel! Minha mãe pôde corromper
166. mater: eris tauro saeuior ipse truci?
um touro: tu próprio serás mais cruel que um touro feroz?
167. Per Venerem parcas, oro, quae plurima mecum est:
Por Vênus, que me arrebatou inteira, imploro que me poupes:
168. sic nunquam, quae te spernere possit, ames;
que, assim, nunca ames quem possa desprezar-te;

169. sic tibi secretis agilis dea saltibus adsit,
que, assim, a ágil deusa te assista nos secretos bosques
170. siluaque perdendas praebat alta feras;
e as fundas matas proporcionem feras para o abate;
171. sic faueant Satyri montanaque numina Panes;
que, assim, favoreçam-te Sátiros e Pãs, divindades das montanhas;
172. et cadat aduersa cuspide fossus aper;
e tombe o javali perfurado pela adversa lança;
173. sic tibi dent Nymphae, quamuis odisse puellas
que, assim, deem-te as Ninfas, embora digam detestares
174. diceris, arentem quae leuet unda sitim.
as moças, água que alivie tua árida sede.
175. Addimus his precibus lacrimas quoque:uerba precantis
Também junto lágrimas a estes pedidos:lês até o fim as palavras
176. perlegis; at lacrimas finge uidere meas.
de uma suplicante; mas imagina ver minhas lágrimas.

6.2 Oenone Paridi²⁰⁰

Enone²⁰¹ a Páris²⁰²

1. [Nympha suo Paridi, quamuis suus esse recuset,
[Uma ninfa envia dos montes do Ida ao seu Páris
2. mittit ab Idaeis verba legenda iugis.
palavras por ler, ainda que ele recuse ser dela.
3. Perlegis? an coniunx prohibet noua? Perlege; non est
Lês tudo? Ou a nova esposa proíbe? Pois leia! Esta
4. ista Mycenaea littera facta manu.]
carta não foi escrita por mão de Micenas.]²⁰³
5. Pegasis Oenone, Phrygiis celeberrima siluis,
Enone de Pégaso,²⁰⁴ bem célebre nos bosques frígios,
6. laesa queror de te, si sinis, ipsa meo.
queixo-me eu injuriada de ti que, se permites, me pertences.
7. Quis deus opposuit nostris sua numina uotis?

²⁰⁰ Carta de número V.

²⁰¹ Enone (Οἰνώνη) é uma ninfa, filha do deus-rio Cébrén. Afastado de Tróia, Páris passou a juventude nos montes, criado por pastores, onde enamorou Enone, com quem teve um filho, Córito. Mas depois de eleger, por ordem de Zeus, a mais bela das deusas que compareceram ao célebre julgamento (Hera, Atena e Afrodite), Páris decidiu abandonar Enone em troca do amor de Helena, prometida a ele por Afrodite, a deusa escolhida (ver nota 202). A ninfa, que conhecia o futuro, quis dissuadi-lo, mas foi em vão. Disse-lhe então que, se alguma vez fosse ferido, só teria de voltar para junto dela, que era a única que saberia curá-lo, pois havia recebido de Apolo, por sua virgindade, o dom de conhecer as plantas medicinais. Algum tempo depois de ele ter abandonado Enone, durante os últimos anos do cerco de Troia, Filoctetes atingiu-o com uma flecha. Desesperado por ver que a cura tardava, lembrou-se da promessa de Enone e foi procurá-la (ou enviou-lhe mensageiros) para que o curasse. Mas Enone, furiosa por ter sido abandonada, recusou-lhe auxílio e Páris morreu. Em breve a ninfa arrependeu-se de sua crueldade e acorreu com remédios, pensando encontrar com vida o antigo amante. Ao saber que ele morrerá, o desgosto fê-la pôr fim aos seus dias: enforcou-se ou, segundo outra versão, lançou-se sobre a pira fúnebre. (BRANDÃO, 1991, p. 335 e GRIMAL, 1993, p. 137).

²⁰² Páris (Πάρις) é o filho mais novo de Príamo e Hécuba. No final da gravidez, Hécuba sonhou que dava à luz uma tocha que punha fogo à cidade de Troia. Príamo pediu a explicação deste sonho a seu filho Ésaco (nascido de uma mulher chamada Arisbe), que afirmou que o nascituro causaria a ruína de Troia e aconselhou que o eliminasse ao nascer. Mas, em vez de matar o menino, Hécuba mandou escondê-lo no monte Ida. Páris foi criado por pastores, que o recolheram e lhe deram o nome de Alexandre (o “homem que protege” [o rebanho], ou o “homem protegido” [por uma urso, quando fora abandonado]). Outra tradição conta que um servo de Príamo chamado Agelau levou-o à montanha, uma urso o amamentou por cinco dias. Ao voltar e encontrar o menino vivo, Agelau o adotou. (...) Mais tarde Páris volta a Troia e revela sua identidade. (...) O segundo episódio da lenda de Páris é o julgamento que daria origem à Guerra de Troia. Quando os deuses se encontravam reunidos para celebrar as núpcias de Tétis e Peleu, Éris (a Discórdia) lançou para o meio deles uma maçã de ouro, dizendo que ela deveria ser dada à mais bela das três deusas: Atena, Hera ou Afrodite. Gerou-se a confusão: ninguém queria encarregar-se de escolher entre as divindades, e Zeus ordenou a Hermes que as conduzisse ao monte Ida, onde Páris julgaria a questão. Cada uma advogou em sua própria causa, prometendo proteção e algumas recompensas caso ele escolhesse a seu favor. Hera lhe daria o domínio sobre a Ásia. Atena lhe daria a sabedoria e a vitória em todos os combates. Afrodite ofereceu-lhe o amor de Helena de Esparta. Páris decidiu então que Afrodite era a mais bela. (GRIMAL, 1993, p. 355)

²⁰³ Refere-se à mão de Menelau, filho de Atreu, rei de Micenas e esposo traído por Helena com Páris.

²⁰⁴ Pégaso (Πήγασος) é um cavalo alado, filho de Netuno (Posídon) e da Medusa (Górgona). Nasceu do sangue desta, quando Perseu lhe cortou a cabeça. Pégaso pertenceu a Belerofonte, que dele se serviu para matar a Quimera e derrotar as Amazonas. (GRIMAL, 1993 e *Dicionário de mitologia greco-romana*, 1976)

Que deus opôs suas vontades a nossos votos?

8. ne tua permaneam, quod mihi crimen obest?
Para que eu não continue tua, que culpa me obsta?
9. Leniter, ex merito quidquid patiare, ferendum est;
Devemos sofrer calmamente tudo o que for merecido;
10. quae uenit indigno poena, dolenda uenit.
mas o castigo a um inocente é um castigo doloroso.
11. Nondum tantus eras, cum te contenta marito
Ainda não eras tão importante quando eu, ninfa nascida
12. edita de magno flumine nympha fui.
de grande rio, contentei-me com ter-te por marido.
13. Qui nunc Priamides (absit reuerentia uero)
Tu, agora filho de Príamo²⁰⁵ (não temamos a verdade),
14. seruus eras; seruo nubere nympha tuli.
eras escravo; ninfa, tolerarei casar-me com um escravo.
15. Saepe greges inter requieuimus arbore tecti
Muitas vezes repousamos entre rebanhos protegidos
16. mixtaque cum foliis praebuit herba torum;
por uma árvore, e a relva misturada a folhas estendeu o leito;
17. saepe super stramen fenoque iacentibus alto
muitas vezes sobre a palha, e para nós deitados no feno espesso,
18. defensa est humili cana pruina casa.
por humilde casebre a branca geada foi barrada.
19. Quis tibi monstrabat saltus uenatibus aptos
Quem te mostrava os bosques próprios às caçadas
20. et tegeret catulos qua fera rupe suos?
e em qual antro a fera escondia seus filhotes?
21. retia saepe comes maculis distenta tetendi,
Muitas vezes abri contigo redes cobertas de malhas,
22. saepe citos egi per iuga longa canes.
muitas vezes conduzi cães ligeiros por serras vastas.
23. Incisae seruant a te mea nomina fagi

²⁰⁵ Rei de Troia e pai de Páris, cf. nota 202.

As faias entalhadas por ti conservam meus nomes

24. et legor Oenone falce notata tua;
e lêem-me "Enone" marcada por tua foice;
25. et quantum trunci, tantum mea nomina crescunt.
e, tanto quanto os troncos, meus nomes crescem.
26. Crescite et in titulos surgite recta meos.
Crescei, retos elevai-vos para mostrarmeus títulos!²⁰⁶
27. [Populus est, memini, fluuiali consita riuo,
[Havia, lembro-me, um choupo justaposto a caudal rio,
28. est in qua nostri littera scripta memor.]
onde há palavras gravadas em nossa memória.]
29. Popule, uiue, precor, quae consita margine ripae
Vive, suplico-te, choupo, que, posto à borda
30. hoc in rugoso cortice carmen habes:
da margem, tens na rugosa casca estes versos:
31. "Cum Paris Oenone poterit spirare relictā,
"Quando Páris puder respirar longe de Enone,
32. ad fontem Xanthi uersa recurret aqua."
a água do Xanto²⁰⁷ correrá de volta à fonte".
33. Xanthe, retro propera, uersaeque recurrere lymphae.
Xanto, corre de volta! Águas, fluí para trás!
34. Sustinet Oenonen deseruisse Paris.
Páris suporta ter abandonado Enone.
35. Illa dies fatum miserae mihi dixit, ab illa
Revelou o destino a mim, uma infeliz, aquele dia, nele
36. pessima mutati coepit amoris hiemps,
começou a horrenda borrasca de um amor inconstante,
37. qua Venus et Iuno sumptisque decentior armis
quando Vênus, Juno e – mais bela sem as armas –,
38. venit in arbitrium nuda Minerua tuum.

²⁰⁶ "Títulos" eram inscrições colocadas no alto de longos bastões nos cortejos triunfais e nos quais eram inscritos os nomes das cidades conquistadas, o número de prisioneiros e a composição dos despojos dos inimigos. Enone atribuía a seu nome e aos juramentos de Páris gravados nas árvores o mesmo caráter solene.

²⁰⁷ Pequeno rio do Epiro; ou: Rio da Tróade. Opôs-se, com o Escamandro e o Símois, à invasão dos gregos; ergue sua água contra Aquiles e lutou com ele durante muito tempo. Também chamado Escamandro. (SPALDING, 1965, p. 273)

Minerva nua, vieram a teu julgamento.²⁰⁸

39. Attoniti micuere sinus, gelidusque cucurrit,
O peito atônito palpitou e um gélido tremor duramente
40. ut mihi narrasti, dure, per ossa tremor.
percorreu, quando me contaste, os meus ossos.
41. Consului (neque enim modice terrebar) anusque
Consultei (nem, de fato, foi pouco o medo!) feiticeiras
42. longaevosque senes; constitit esse nefas.
e longevos anciãos; confirmou-se ser nefasto.
43. Caesa abies sectaeque trabes, et classe parata
O abeto foi derrubado, vigas talhadas e, preparada a frota,
44. caerula ceratas accipit unda rates.
cerúlea onda acolhe as enceradas naus.
45. Flesti discedens; hoc saltem parce negare.
Choraste ao partir; evita ao menos negá-lo.
46. Praeterito magis est iste pudendus amor.
Este amor deve envergonhar mais que o antigo.
47. Et flesti et nostros uidisti flentis ocellos;
Choraste e viste meus olhos a chorar;
48. miscuimus lacrimas maestus uterque suas;
os dois, tristes, misturamos nossas lágrimas;
49. non sic adpositis uincitur uitibus ulmus,
O olmo não é cerrado por apostas videiras
50. ut tua sunt collo bracchia nexa meo.
como teus braços se enlaçaram ao meu colo.
51. A! quotiens, cum te uento quererere teneri,
Ah! Quantas vezes, quando te queixavas de ser retido pelo vento,
52. riserunt comites; ille secundus erat.
riram teus companheiros; ele era propício.
53. Oscula dimissae quotiens repetita dedisti;
Quantas vezes renovados beijos deste a quem deixavas;
54. quam uix sustinuit dicere lingua "uale!"

²⁰⁸ Refere-se ao julgamento da deusa mais bela, conforme notas 201 e 202.

com que custo tua língua suportou dizer "adeus"!

55. Aura leuis rigido pendentia linteata malo
Uma leve brisa ergue as velas que pendem do duro
56. suscitata et remis eruta canet aqua.
mastro, e a água embranquece, escavada pelos remos.
57. Prosequor infelix oculis abeuntia vela,
Até onde posso, persigo infeliz com os olhos as velas em partida,
58. qua licet, et lacrimis umet arena meis,
e a areia molha-se com minhas lágrimas;
59. utque celer uenias, uirides Nereidas oro,
suplico às verdejantes Nereidas²⁰⁹ para vires rápido,
60. scilicet ut uenias in mea damna celer.
naturalmente, para vires rápido por meu mal.
61. Votis ergo meis alii rediture redisti.
Ao tornar tornaste para a outra, então, pelos meus votos.
62. Ei mihi! pro dira paelice blanda fui.
Ai de mim! Fui persuasiva em prol da funesta rival!
63. Aspicit immensum moles natia profundum;
Um rochedo natural se volta para o imensurável abismo
64. mons fuit; aequoreis illa resistit aquis.
(era um monte), ele resiste às águas marinhas;
65. Hinc ego uela tuae cognoui prima carinae.
Daqui reconheci as velas dianteiras de tua quilha
66. Et mihi per fluctus impetus ire fuit.
e meu ímpeto foi arrojá-lo às vagas.
67. Dum moror, in summa fulsit mihi purpura prora.
Enquanto hesito, púrpura²¹⁰ sobre alta proa luziu para mim.

²⁰⁹ Νηρηίδες, “filhas de Nereu”. Divindades marinhas, filhas de Nereu e Dóris, portanto netas de Oceano. Personificam as ondas infinitas do mar. Normalmente são cinquenta, mas alguns autores falam de cem. Algumas são mais célebres, como Tétis, mãe de Aquiles e Anfitrite, mulher de Posídon. (BRANDÃO, 1993, p. 165) Passavam o tempo a fiar e cantar. Eram dotadas de faculdades proféticas e eram consideradas divindades benéficas. (SPALDING, 1965, p. 181)

²¹⁰ Cor típica das vestes reais. No caso, de Helena (Ελένη), mulher de Menelau, por quem os gregos combateram durante dez anos na Guerra de Troia. Sua lenda se alterou bastante depois da epopeia homérica, quando sua genealogia era bem clara: filha de Zeus e de Leda, seu pai “humano” é Tíndaro e seus irmãos são os Dioscuros, Cástor e Pólux. Sua irmã é Clitemnestra. Versão mais recente diz que ela é filha de Zeus e Nêmesis, mas ainda há diversas outras. Quando seu pai decidiu que ela estava no tempo de se casar, apareceram príncipes de toda a Grécia. Para não escolher um e desagradar os outros, Tíndaro fez com que jurassem aceitar a escolha de Helena e defender o escolhido quando necessário. E ela escolheu Menelau, com quem teve Hermíone (outras tradições também lhes atribuem um filho, Nicóstrato, nascido após o retorno de

68. Pertimui; cultus non erat ille tuus.
Apavorei-me: aquele traje não era teu.
69. Fit propior terrasque cita ratis attigit aura;
Aproximou-se o navio e, com uma brisa rápida, chegou às terras:
70. femineas uidi corde tremente genas.
vi, palpitando o coração, um rosto de mulher.
71. Non satis id fuerat (quid enim furiosa morabar?);
Ainda não bastara (por que em desvario ali eu permanecia?),
72. haerebat gremio turpis amica tuo.
a indigna amante estava agarrada ao teu peito.
73. Tunc uero rupique sinus et pectora planxi
Então feri com força o seio e bati no peito,
74. et secui madidas ungue rigente genas
rasguei com rija unha a úmida face
75. impleuique sacram querulis ululatibus Iden;
e enchi com dolentes urros o sagrado Ida;²¹¹
76. illuc has lacrimas in mea saxa tuli.
para lá, entre minhas rochas, levei estas lágrimas.
77. Sic Helene doleat desertaque coniuge ploret,
Que Helena sofra e chore assim, abandonada pelo esposo,
78. quaeque prior nobis intulit, ipsa ferat.
que ela própria aguenta o que me causou primeiro.
79. Nunc tibi conueniunt, quae te per aperta sequantur
Convêm a ti agora as que te sigam por mar aberto
80. aequora legitimos destituantque uiros.
e abandonem os legítimos maridos.
81. At cum pauper eras armentaue pastor agebas,
Mas, quando eras pobre e, pastor, conduziás rebanhos,
82. nulla nisi Oenone pauperis uxor erat.

Troia). Foi esse juramento que Menelau lançou mão anos mais tarde para que todos os príncipes gregos entrassem na guerra contra Troia. Afrodite prometeu Helena a Páris se fosse escolhida por ele a mais bela dentre as deusas (ver nota 202). Então, estando no palácio de Menelau, Páris rapta a rainha, considerada a mais bela das mulheres. As muitas versões do mito divergem a respeito da concordância de Helena com o rapto. (GRIMAL, 1993, p. 193)

²¹¹ Ida, monte da Frígia (na Ásia Menor), centro do culto a Cibele, onde Páris fez o julgamento de qual deusa era a mais bela, entregando a maçã da discórdia a Afrodite, ganhando Helena como prêmio, o que precipitou a guerra de Tróia, cf. nota 202. (EVANS, 1991, p. 137)

a esposa do pobre ninguém era senão Enone.

83. Non ego miror opes, nec me tua regia tangit
Não me fascina a riqueza, nem teu palácio me seduz,
84. nec de tot Priami dicar ut una nurus.
nem ser dita uma de tantas noras de Príamo.
85. Non tamen ut Priamus nymphae socer esse recuset
Mas não que Príamo recuse ser sogro de uma ninfa
86. aut Hecubae fuerim dissimulanda nurus.
ou, nora, tenha devido ocultar-me Hécuba.
87. Dignaque sum et cupio fieri matrona potentis;
Mereço-o e quero tornar-me esposa de um poderoso;
88. sunt mihi, quas possint scepra decere, manus.
podem os cetros convir às mãos que tenho.
89. Nec me, faginea quod tecum fronde iacebam,
Não me desprezes porque deitava contigo sobre ramos de faia;
90. despice; purpureo sum magis apta toro.
sou mais apta a um leito púrpura.²¹²
91. Denique tutus amor meus est; mihi nulla parantur
Enfim, meu amor é seguro; nenhuma guerra é preparada
92. bella nec ultrices aduehit unda rates.
para mim, nem a onda traz naus vingativas.
93. Tyndaris infestis fugitiua reposcitur armis;
A filha fugida de Tíndaro²¹³ é reclamada por infesto exército;
94. hac uenit in thalamos dote superba tuos.
a insolente traz este dote ao teu leito.
95. Quae si sit Danais reddenda, uel Hectora fratrem,
Pergunta quer ao teu irmão Heitor,²¹⁴ quer a Polidamante²¹⁵
96. uel cum Deiphobo Polydamanta roga;
com Deífobo²¹⁶, se ela deve ser restituída aos Dânaos;
97. quid grauis Antenor, Priamus quid suadeat ipse

²¹² Mais uma vez, a cor púrpura remete à realeza, cf. nota 210.

²¹³ Helena é apresentada como filha fugitiva de Tíndaro.

²¹⁴ Irmão de Páris e importante personagem da guerra de Troia.

²¹⁵ Herói troiano que aparece em diversos momentos da *Iliada*.

²¹⁶ Irmão de Páris e Heitor.

- pondera o que o grave Antenor²¹⁷, o que aconselha
98. consule, quis aetas longa magistra fuit.
o próprio Príamo, de quem a longevidade foi mestra.
99. Turpe rudimentum, patriae praeponere raptam;
Torpe aprendizado, preferir uma raptada à pátria;
100. causa pudenda tua est; iusta uir arma mouet.
tua causa é vergonhosa; o marido move justas armas.
101. Nec tibi, si sapias, fidam promitte Lacaenam,
Não te prometas fiel, se tens juízo, uma espartana
102. quae sit in amplexus tam cito uersa tuos.
que se entregou tão rápido a teus braços.
103. Vt minor Atrides temerati foedera lecti
Assim como o atrida mais moço²¹⁸ grita as juras do leito ultrajado
104. clamat et externi laesus amore dolet,
e sofre ferido por este amor a um estrangeiro,
105. tu quoque clamabis. Nulla reparabilis arte
tu também gritarás. O pudor ferido não é
106. laesa pudicitia est; deperit illa semel.
reparável de modo algum; ele morre uma só vez.
107. Ardet amore tui. Sic et Menelaon amauit;
Ela arde por teu amor. Assim também ela amou Menelau;
108. nunc iacet in uiduo credulus ille toro.
agora, crédulo, ele jaz num leito abandonado.
109. Felix Andromache, certo bene nupta marito!
Feliz é Andrômaca,²¹⁹ bem casada com um marido fiel!
110. Vxor ad exemplum fratris habenda fui;
Como fez teu irmão, por esposa mereci que me tivesses;
111. tu leuior foliis, tum cum sine pondere suci
és mais leviano que as folhas, quando, sem o peso da seiva,

²¹⁷ Ancião troiano, conselheiro do rei Príamo.

²¹⁸ Menelau, irmão mais jovem de Agamêmnon.

²¹⁹ Andrômaca (Ἀνδρομάχη) filha de Éécion, rei de Tebas da Mísia, cidade que foi destruída por Aquiles pouco antes do nono ano da Guerra de Troia. Foi mulher de Heitor até a morte do herói e teve com ele um filho, Astínax. Segundo a tradição, teria sido uma mulher morena, forte e dominadora. Após a guerra se torna escrava de Neoptólemo, filho de Aquiles, e depois é cedida por aquele a Heleno, irmão de Heitor, mas continua, por toda a vida, amando seu primeiro esposo e venerando sua memória. (MÉSTICA, 1993, p. 24)

112. mobilibus uentis arida facta uolant;
voam secas aos móveis ventos;
113. et minus est in te quam summa pondus arista,
e há menos peso em ti que na ponta da aresta,
114. quae leuis assiduis solibus usta riget.
quando, ligeira, enrijece queimada pelo sol constante.
115. Hoc tua (nam recolo) quondam germana canebat,
Certa vez (na verdade, eu me lembro), isto tua irmã predizia,
116. sic mihi diffusis uaticinata comis:
assim me tendo profetizado com desalinhados cabelos:
117. "quid facis, Oenone? quid arenae semina mandas?
"Que fazes, Enone? Por que semeias na areia?"
118. non profecturis litora bubus aras.
Aras praias com bois fadados ao fracasso.
119. Graia iuuenca uenit, quae te patriamque domumque
Vem novilha grega que te perca a pátria
120. perdat. Io! prohibe. Graia iuuenca uenit.
e a casa. Ai! Impede! Vem uma novilha grega!
121. Dum licet, obscenam ponto demergite puppim.
Enquanto podeis, afundai no mar a popa agourenta!
122. Heu! quantum Phrygii sanguinis illa uehit."
Ai! Quanto de frígio sangue ela traz!"
123. Dixerat; in cursu famulae rapuere furentem,
Falou; em transe, levaram as criadas a delirante,
124. at mihi flauentes diriguere comae.
mas meus louros cabelos se arrepiaram.
125. Al nimium miserae uates mihi uera fuisti:
Ah, foste profetisa por demais verdadeira de meus infortúnios:
126. possidet, en, saltus Graia iuuenca meos.
eis que uma novilha grega tem os meus pastos.
127. Sit facie quamuis insignis, adultera certe est.
Por mais que seja notável pela beleza, certamente é adúltera.
128. Deseruit socios hospite capta deos.
Seduzida por um hóspede, abandonou os deuses nupciais.

129. Illam de patria Theseus (nisi nomine fallor)
Teseu (se não me engano quanto ao nome),
130. nescio quis Theseus abstulit ante sua.
não sei qual Teseu, antes a tirou de sua pátria.
131. A iuvene et cupido credatur reddita uirgo?
É suposto que foi devolvida virgem por um jovem e apaixonado?
132. Unde hoc compererim tam bene, quaeris? Amo!
Perguntas donde me informei tão bem? Eu amo!
133. Vim licet appelles et culpam nomine ueles;
Ainda que o chames de violência e encubras sua culpa sob um nome,
134. quae totiens rapta est, praebuit ipsa rapi.
quem tantas vezes foi raptada expôs-se, ela própria, ao rapto.
135. At manet Oenone fallenti casta marito;
Mas Enone permanece fiel ao marido enganador;
136. et poteras falli legibus ipse tuis.
e tu próprio, por tuas leis, podias ser enganado.
137. Me Satyri celeres (siluis ego tecta latebam)
Céleres Sátiros²²⁰ (eu me escondia ocultada pelos bosques),
138. quaesierunt rapido, turba proterua, pede
turba insolente, buscaram-me a passo rápido
139. cornigerumque caput pinu praecinctus acuta
com Fauno, de cornígera cabeça coroada por agudo pinho,
140. Faunus in immensis, qua tumet Ida, iugis.
na imensa serra, onde assoma o Ida.
141. Me fide conspicuus Troiae munitor amauit;
O ilustre construtor de Troia²²¹ amou-me fielmente;
142. ille meae spoliū uirginitatis habet,
ele tem o espólio de minha virgindade,
143. id quoque luctando; rupi tamen ungue capillos,

²²⁰ Deuses (ou gênios) dos bosques, faziam parte do séquito de Dioniso. Eram tidos como filhos de Hermese da ninfa Ífime. Simboizavam a natureza em seus vários aspectos. Originalmente eram seres de aspecto demoníaco e caráter agressivo. Astutos e maliciosos, levavam uma vida de ócio e vícios. Dançavam freneticamente nos bosques e aliviavam nas ninfas sua sexualidade agressiva. Eram temidos pelos camponeses por estuprar suas mulheres e causar danos ao rebanho. A partir do séc. VI a. C. passam a ser associados a Dioniso e suas feições tornam-se menos monstruosas e mais humanas. (MESTICA, 1993, p. 239)

²²¹ Alguns mitos atribuem a Apolo a construção de Tróia.

- até isso à força; arranquei-lhe cabelos com as unhas
144. oraque sunt digitis aspera facta meis.
e seu rosto foi sulcado pelos meus dedos.
145. Nec pretium stupri gemmas aurumque poposci;
Não pedi gemas nem ouro como paga da desonra:
146. turpiter ingenuum munera corpus emunt.
presentes compram torpemente um corpo nascido livre.
147. Ipse, ratus dignam, medicas mihi tradidit artes
Ele mesmo, tendo-me por merecedora, transmitiu-me as artes médicas
148. admisitque meas ad sua dona manus.
e permitiu seus dons às minhas mãos.
149. Quaecumque herba potens ad opem radixque medendo
Qualquer erva de eficaz auxílio e raiz útil para a cura
150. utilis in toto nascitur orbe, mea est.
que nasça em todo o mundo é minha.
151. Me miseram, quod amor non est medicabilis herbis.
Pobre de mim, pois o amor não se cura com ervas!
152. Deficior prudens artis ab arte mea.
Hábil em minha arte, falta-me a própria arte.²²²
153. [Ipse repertor opis uaccas pauisse Pheraeas
[O próprio criador dos remédios se conta ter apascentado
154. fertur et e nostro saucius igne fuit.]
as vacas do fereu,²²³ e foi ferido por minha chama.]
155. Quod nec graminibus tellus fecunda creandis
O que nem a terra, fértil ao produzir as ervas, nem um deus,
156. nec deus, auxilium tu mihi ferre potes.
tu podes fazer em meu auxílio.
157. Et potes, et merui. Dignae miserere puellae.

²²² N'As *Metamorfoses*, I, 521-524, Apolo, que ama Dafne, grita: "A medicina é uma das minhas invenções; em todo o universo, chamam-me terapeuta, e o poder das plantas é a mim submetido. Infeliz! Não há plantas capazes de curar o amor: minha arte, útil a todos, é inútil a seu mestre." (NÉRADAU, 2003, p. 83)

²²³ Admeto era filho de Feres, rei da cidade também chamada Feres, capital do reino da Tessália e da Periclímene. No início do reinado de Admeto, Apolo foi exilado em Feres, em sua corte, servindo-o como pastor durante um ano, a fim de purificar-se do sangue derramado durante o assassinato dos Ciclopes. Apolo ajudou o rei em várias passagens. Algumas interpretações atribuem esses gestos de Apolo à gratidão por ter sido bem acolhido em Feres. Outras acreditam que Apolo era apaixonado por Admeto. (BRANDÃO, 1993, p. 24)

Podes e mereço. Piedade da moça merecedora!

158. Non ego cum Danais arma cruenta fero;
Eu não porto com os dânaos guerras sangrentas;
159. sed tua sum tecumque fui puerilibus annis,
mas sou tua, contigo passei meus anos de menina,
160. et tua, quod superest temporis, esse precor.
e suplico ser tua, enquanto durar meu tempo.

6.3 Hypsipyle Iasoni²²⁴

6. Hipsípila²²⁵ a Jasão²²⁶

1. [Lemnias Hypsipyle, Bacchi genus, Aesone nato
[Hipsípila de Lemnos, de Baco gerada, fala ao filho de Éson,
2. dicit, et in uerbis pars quota mentis erat.]
e um pouco de sua alma estava em suas palavras.]
3. Litora Thessaliae reduci tetigisse carina
Dizem que tocaste com a quilha em retorno as praias
4. diceris auratae uellere diues ouis.
da Tessália, rico com o tosão da áurea ovelha.
5. Gratulor incolumi, quantum sinis; hoc tamen ipsa
Felicitos-te são e salvo, quanto permites; disto, porém,
6. debueram scripto certior esse tuo.
eu própria deveria ser informada por uma carta tua.
7. Nam ne pacta tibi praeter mea regna redires,

²²⁴ Carta de número VI.

²²⁵ Hipsípila (Υψιπύλη) é filha de Toas (ou Toante), rei da ilha de Lemnos, e de Mirina. Portanto é neta de Dioniso e Ariadne pelo lado paterno e descendente de Éolo pelo lado materno. Como as mulheres de Lemnos se negaram a prestar culto a Afrodite, esta as castigou com um odor tão insuportável que os maridos as abandonaram pelas escravas da Trácia. Para se vingar, as Lemníades mataram todos os homens da ilha e fundaram uma república de mulheres, que durou até o dia em que os Argonautas, comandados por Jasão, passaram pela ilha e lhes deram filhos. Para que seu pai não fosse sacrificado junto aos outros homens, ela o vestiu com a indumentária de Dioniso, pôs numa arca e o lançou ao mar, dizendo estar purificando a estátua do deus do sangue do massacre. Tendo herdado o trono, une-se a Jasão e com ele tem dois filhos. Até que Jasão parte em busca do tosão de ouro. (BRANDÃO, 1993, Vol. I, p. 579) Ver também notas 226 e 282.

²²⁶ Jasão (Ίάσων) era descendente de Éolo, filho de Éson (ou Esão), rei de Iolco, e de Alcimedea, filha de Fílaço ou Polimede, filha de Autólico. Seu pai, legítimo herdeiro do trono de Iolco, foi destronado pelo irmão Pélias. Então Jasão foi levado às escondidas para o monte Pélion, junto do Centauro Quíron, que o instruiu em diversas artes. Terminada a iniciação, Jasão, com vinte anos, retorna à sua cidade natal para reclamar ao tio o trono que deveria lhe pertencer por direito. Pélias concordou, desde que o sobrinho lhe trouxesse da Cólquida o velocino (ou “velo”, ou ainda “tosão”) de ouro, arrancado do carneiro de Frixo. O precioso tosão estava em poder de Eetes, rei da Cólquida, mas havia sido consagrado a Ares e guardado no bosque sagrado do deus, sob a vigilância de um monstruoso dragão. Pélias julgou que Jasão jamais conseguiria cumprir a missão. Com respaldo e ajuda de Atena, Jasão pediu a Argos, filho de Frixo, que construísse a nau Argo. Convocou os príncipes e heróis da Hélade para fazerem parte da missão. Junto aos Argonautas (como ficaram conhecidos os integrantes da missão), Jasão passa por várias aventuras e contratemplos, em diversos lugares, inclusive a ilha de Lemnos, onde uniu-se a Hipsípila. Tendo que continuar sua jornada, deixa Hipsípila em Lemnos e parte rumo à Colquida. Chegando lá, dirige-se ao rei Eeta (ou Eetes) e explica sua missão. Para livrar-se de um importuno, o rei prontificou-se a entregar o tosão, desde que Jasão executasse quatro tarefas consideradas impossíveis a qualquer mortal: por um jogo em dois touros ferozes, presentes de Hefesto a Eetes, com pés e chifres de bronze e que lançavam chamas pelas narinas e atrelá-los a uma charrua de diamante; lavar com eles uma vasta área e nela semear os dentes do dragão morto por Cadmo na Beócia, presentes de Atena ao rei; matar os gigantes que nasceriam desses dentes; eliminar o dragão que guardava o tosão, no bosque sagrado de Ares. Quando estava prestes a desistir diante da dificuldade das tarefas, Jasão conhece Medeia, filha do rei e mágica poderosa, que havia se apaixonado por ele. Ela se compromete a ajudá-lo a vencer todas as povas sob juramento solene de casamento e de levá-la à Grécia. Então Medeia lhe dá um bálsamo que o torna invulnerável ao ferro e ao fogo, lhe recomenda jogar uma pedra entre os gigantes que nascessem da terra para que estes se acusassem mutuamente e lutassem entre si até o extermínio. Por fim, ela fez dormir o dragão no bosque de Ares para que Jasão o matasse e capturasse o tosão. Como o rei não pretendia cumprir a promessa, Jasão foge com Medeia e o tosão. (BRANDÃO, 1993, Vol. II, p. 17 e Vol. I, p. 109) Ver também nota 282.

De fato, querendo, podes não ter tido ventos

8. cum cuperes, uentos non habuisse potes.
para não voltares, ultrapassando meus reinos a ti prometidos.
9. Quamlibet aduerso signetur epistula uento,
Posto que uma carta seja selada por contrário vento,
10. Hypsipyle missa digna salute fui!
Hipsípyle mereceu que se enviasse uma saudação!
11. Cur mihi fama prior de te quam littera uenit
Por que chegam a mim, antes que uma carta tua, os rumores
12. isse sacros Martis sub iuga panda boues,
de que os touros consagrados a Marte foram submetidos por jugos curvos,
13. seminibus iactis segetes adolesse uirorum
de que, lançadas as sementes, cresceu uma seara de homens,
14. inque necem dextra non eguisse tua,
não necessitados de tuas mãos para morrer,
15. peruigilem spoliū pecudis seruasse draconem,
de que um vigilante dragão guardou os despojos do carneiro
16. rapta tamen forti uellera fulua manu?
e de que, no entanto, o dourado tosão foi tomado por tua mão valente?²²⁷
17. Haec ego si possem timide credentibus "ista
Se eu pudesse dizer aos que duvidam disso "ele
18. ipse mihi scripsit" dicere, quanta forem!
mesmo escreveu-me a respeito", ficaria orgulhosa!
19. Quid queror officium lenti cessasse mariti?
Por que me queixo de ter diminuído a deferência do marido que tarda?
20. Obsequium, maneo si tua, grande tuli.
Se continuo tua, grande favor obtive.
21. Barbara narratur uenisse uenefica tecum,
Uma bárbara feiticeira, diz-se, veio contigo,
22. in mihi promissi parte recepta tori.
acolhida num lado da cama prometida a mim.
23. Credula res amor est. Vtinam temeraria dicar

²²⁷ Sobre as tarefas de Jasão, ver nota 226.

O dragão foi vencido.²²⁹ Novamente pergunto

40. quaerimus; alternant spesque timorque fidem.]
se Jasão vive; na minha crença esperança e temor se revezam.]
41. Singula dum narrat, studio cursuque loquendi
Enquanto narra cada feito, pelo zelo e fluência ao falar,
42. detegit ingenio uulnera facta tuo.
descobre-me as feridas feitas por teu gênio.
43. Heu! Vbi pacta fides? Vbi conubialia iura
Ai! Onde está a fidelidade prometida? Onde os direitos conjugais
44. faxque sub arsueros dignior ire rogos?
e a tocha mais digna de se aproximar de minha pira acendida?
45. Non ego sum furto tibi cognita; pronuba Iuno
Não fui conhecida por ti ilicitamente; tive Juno como
46. adfuit et sertis tempora uinctus Hymen;
madrinha²³⁰, e Himeneu coroado com grinaldas;
47. [At mihi nec Iuno, nec Hymen, sed tristis Erinys
[Não é, contudo, Juno nem Himeneu, mas a triste Erínia²³¹
48. praetulit infaustas sanguinolenta faces.]
ensanguentada que adiante portou sinistras tochas.]
49. Quid mihi cum Minyis, quid cum Tritonide pinu?
Que me importam os Míniás²³², que o lenhoda Tritônida²³³?
50. Quid tibi cum patria, nauita Tiphy, mea?
Que te importa minha pátria, piloto Tífis²³⁴?
51. Non erat hic aries uillo spectabilis aureo,
Aqui não havia vistoso carneiro de áureo velo,
52. nec senis Aeetae regia Lemnos erat.

²²⁹ Sobre as tarefas de Jasão, ver nota 226.

²³⁰ Juno tinha, como um de seus epítetos, "*Iuno Pronuba*", ou seja, a madrinha (ou paraninfa) do casamento ou da noiva.

²³¹ As Erínias (também chamadas Eumênides e Semnas entre os gregos ou ainda Diras e Fúrias entre os romanos) eram divindades da vingança, semelhantes a Nêmesis. Enquanto Nêmesis punia os deuses, as Erínias puniam os mortais. Eram Tisífone (Castigo), Megera (Rancor) e Alecto (Interminável). Viviam nas profundezas do submundo, onde torturavam as almas dos injustos julgadas por Hades e Perséfone. Nasceram das gotas do sangue que caíram sobre Gaia quando o deus Urano foi castrado por Cronos. Eram assustadoras, possuíam asas de morcego e cabelo de serpente. (ZIMMERMAN, 1971, p. 78)

²³² Os Argonautas.

²³³ Tritônida é epíteto de Minerva (Atena), que nasceu às margens do lago Tritão, na Líbia. O navio de Minerva é o Argo, que foi construído com sua ajuda.

²³⁴ Pilotava o navio Argo.

nem Lemnosera a corte do velho Eeta.

53. Certa fui primo (sed me mala fata trahebant)
De início estive decidida (mas um cruel destino me arrastava)
54. hospita feminea pellere castra manu,
a repelir as forças estrangeiras com uma tropa feminina:
55. Lemniadesque uiros, nimium quoque, uincere norunt;
as mulheres de Lemnos sabem, até demais, vencer os homens²³⁵;
56. milite tam forti uitta tuenda fuit.
com tão forte exército devia defender meu pudor.
57. Vrbe uirum ut uidi, tectoque animoque recepi.
Quando vi o varão na cidade, acolhi-o em casa e no peito.
58. Hic tibi bisque aestas bisque cucurrit hiemps.
Aqui te passou duas vezes o verão, duas vezes o inverno.
59. Tertia messis erat, cum tu dare uela coactus
Era a terceira colheita quando, coagido a levantar velas,
60. implesti lacrimis talia uerba tuis:
encheste tais palavras com tuas lágrimas:
61. "abstrahor, Hypsipyle, sed (dent modo fata recursus!)
"Sou arrastado, Hipsípyle, mas (o destino dê apenas o retorno!)
62. uir tuus hinc abeo, uir tibi semper erro;
daqui vou-me teu marido, sempre vagueio como teu marido;
63. quod tamen e nobis grauida celatur in aluo,
viva, porém, o que de nós se oculta em teu ventre
64. uiuat, et eiusdem simus uterque parens!"
prenhe, e dele sejamos, um e outro, os pais!"
65. Hactenus et lacrimis in falsa cadentibus ora
Até então também caindo as lágrimas no rosto fingido,
66. cetera te memini non potuisse loqui.
lembro-me de que não pudeste mais falar.
67. Vltimus e sociis sacram conscendis in Argo.
Último dos companheiros, embarcas na sagrada Argo.
68. Illa uolat; uentus concaua uela tenet;

²³⁵ As mulheres de Lemnos mataram todos os homens da ilha, conforme explicado na nota 225.

Ela voa; o vento mantém as velas infladas;

69. [caerula propulsae subducitur unda carinae;
[a cerúlea onda se furta à propelida quilha;
70. terra tibi, nobis aspiciuntur aquae.]
a terra é divisada por ti, as águas, por mim.]
71. In latus omne patens turris circumspicit undas;
Uma torre, de todo lado aberta, contempla ao redor as águas;
72. huc feror et lacrimis osque sinusque madent.
para ali sou levada, e minha face e meu seio se molham com as lágrimas.
73. Per lacrimas specto cupidaeque fauentia menti
Olho através das lágrimas e, favorecendo um peito desejoso,
74. longius adsueto lumina nostra uident.
meus olhos veem mais longe que o normal.
75. Adde preces castas immixtaeque uota timori,
Junta castas preces e, mescladas ao temor, promessas,
76. nunc quoque te saluo persoluenda mihi.
que ainda agora devem ser pagas por mim por estares salvo.
77. Vota ego persoluam? uotis Medea fruatur!
Pagarei as promessas? Medeia usufruirá delas!
78. Cor dolet atque ira mixtus abundat amor.
Meu coração dói e abunda o amor misturado à ira.
79. Dona feram templis, uiuum quod Iasona perdo?
Levarei oferendas aos templos por perder Jasão vivo?
80. Hostia pro damnis concidat icta meis?
Tombaria, por minhas perdas, uma vítima ferida?
81. Non equidem secura fui semperque uerebar
Nunca estive segura, de fato, e sempre receava
82. ne pater Argolica sumeret urbe nurum.
que teu pai escolhesse uma nora numa cidade argólica.
83. Argolidas timui; nocuit mihi barbara paelex.
Temi as argólicas; bárbara rival me prejudicou.
84. Non exspectata uulnus ab hoste tuli.
De uma inimiga inesperada sofri o mal.
85. Nec facie meritisque placet, sed carmina nouit

Não agrada nem pela beleza nem pelos méritos, mas conhece

86. diraque cantata pabula falce metit.
 feitiços e, com uma foice encantada, ceifa plantas funestas.
87. [Illa reluctantem cursu deducere Lunam
 [Ela forcejou por desviar do curso a Lua relutante
88. nititur et tenebris abdere Solis equos;
 e por ocultar nas trevas os cavalos do Sol²³⁶;
89. illa refrenat aquas obliquaque flumina sistit;
 ela refreia as águas e retém os rios sinuosos;
90. illa loco siluas uiuaque saxa mouet;
 ela muda selvas e pedras vivas de lugar;
91. per tumulos errat passis discincta capillis
 erra desleixada pelos túmulos, os cabelos soltos,
92. certaque de tepidis colligit ossa rogis.
 coleta de tépidas piras determinados ossos.
93. Deuouet absentis simulacraque cerea figit,
 Enfeitiça ausentes, espeta estátuas de cera,
94. et miserum tenuis in iecur urget acus,]
 crava num pobre fígado finas agulhas]
95. et quae nescierim melius. Male quaeritur herbis
 e o que melhor seria ignorar. Busca-se indignamente
96. moribus et forma conciliandus amor.
 com ervas o amor, que deve ser obtido com os costumes e a beleza.
97. Hanc potes amplecti thalamoque relictus in uno
 Podes enlaçá-la e, entregue corajoso no mesmo leito,
98. impavidus somno nocte silente frui?
 desfrutar do sono na muda noite?
99. Scilicet ut tauros, ita te iuga ferre coegit,
 Naturalmente ela te forçou, assim como os touros, a suportar jugos,
100. quaque feros anguis, te quoque mulcet ope.
 também a ti ela amansa do mesmo modo que cruéis serpentes.
101. Adde, quod adscribi factis procerumque tuisque

²³⁶ Sobre Medeia, ver nota 282.

Junta que logra associar-se aos feitos dos chefes

102. se facit et titulo coniugis uxor obest.
e aos teus, e que a esposa prejudica o título do marido.
103. Atque aliquis Peliae de partibus acta uenenis
Alguém da facção de Pélias atribui tais feitos
104. imputat et populum, qui sibi credat, habet:
aos filtros e tem o povo a crer nele:
105. “non haec Aesonides, sed [filia] Phasias Aetine
“Não o Esônida, mas a filha de Eeta, do Fásis²³⁷,
106. aurea Phrixeae terga reuellit ouis.”
furtou estes áureos velos da ovelha de Frixo.”
107. Non probat Alcimede mater tua (consule matrem).
Alcimede, tua mãe, não aprova (toma-lhe o conselho).
108. Non pater, a gelido cui uenit axe nurus;
Nem teu pai, cuja nora vem do gélido polo;
109. illa sibi a Tanai Scythiaeque paludibus udae
que ela procure para si um marido junto ao Tânais,
110. quaerat et a patria Phasidis usque uirum!
aos paludes da úmida Cítia, desde a pátria do Fásis!
111. Mobilis Aeonide uernaque incertior aura,
Volúvel Esônida, mais inconstante que a brisa da primavera,
112. cur tua polliciti pondere uerba carent?
por que tuas palavras de promessa não têm valor?
113. Vir meus hinc ieras, uir non meus inde redisti;
Partiras daqui meu marido, não mais meu marido de lá voltaste;
114. sim reducis coniunx, sicut euntis eram!
que eu seja esposa no teu retorno, assim como eu era na vinda!
115. Si te nobilitas generosaque nomina tangunt,
Se a nobreza e nomes ilustres te impressionam,
116. em, ego Mino nata Thoante feror.
eis-me, dizem-me nascida de Toante²³⁸ de Minos.

²³⁷ Rio da Cólquida.

²³⁸ Rei de Lemnos, filho de Dioniso (Baco) e Ariadne e pai de Hipsípila. (ZIMMERMAN, 1971, p. 270) Ver também nota 225.

117. Bacchus auus; Bacchi coniunx redimita corona
Baco é meu avô; a esposa de Baco, coroada,
118. praeradiat stellis signa minora suis.
ofusca com suas estrelas os astros menores.
119. Dos tibi Lemnos erit, terra ingeniosa colenti;
Teu dote será Lemnos, terra pródica ao cultivador;
120. me quoque dotales inter habere potes.
podes também incluir-me entre os dotes.
121. Nunc etiam peperit; gratare ambobus, Iason.
Agora, além disso, dei à luz; felicita a nós dois, Jasão.
122. Dulce mihi grauidae fecerat auctor onus.
O autor tornara suave o peso de minha gravidez.
123. Felix in numero quoque sum prolemque gemellam,
Até no número sou feliz, tive gêmeos,
124. pignora Lucina bina fauente dedi.
dois penhores, com o favor de Lucina²³⁹.
125. Si quaeris cui sint similes, cognosceris illis;
Se perguntas com quem se parecem, neles serás reconhecido;
126. fallere non norunt; cetera patris habent,
não sabem mentir; o resto, herdaram do pai,
127. legatos quos paene dedi pro matre ferendos;
quase os dei a serem levados como embaixadores de sua mãe;
128. sed tenuit coeptas saeva nouerca uias.
mas a cruel madrasta conteve a travessia empreendida.
129. Medeam timui; plus est Medea nouerca;
Temi Medeia; Medeia é mais que uma madrasta;
130. Medae faciunt ad scelus omne manus.
as mãos de Medeia praticam todo tipo de crime.
131. Spargere quae fratris potuit lacerata per agros
A que pôde espalhar os membros lacerados de um irmão
132. corpora, pignoribus parceret illa meis?
pelos campos pouparia meus filhos?

²³⁹ Lucina (a que traz à luz) ou Juno Lucina era um epíteto de Juno como protetora dos partos. (MESTICA, 1993, p. 165)

133. Hanc, hanc, o demens Colchisque ablate uenenis,
Ó louco, ó arrebatado pelo venenos da Cólquida,
134. diceris Hypsipyles praeposuisse toro!
conta-se que preferiste esta, esta mulher ao leito de Hipsípile!
135. Turpiter illa uirum cognouit adultera uirgo;
Torpemente aquela moça adúltera conheceu o esposo;
136. me tibi teque mihi taeda pudica dedit.
pudica chama deu-me a ti e tu a mim.
137. Prodidit illa patrem; rapui de caede Thoanta.
Ela traiu o pai; tirei Toante do massacre.
138. Deseruit Colchos; me mea Lemnos habet.
Abandonou os colcos; minha Lemnos me tem.
139. Quid refert, scelerata piam si uincet et ipso
Que importa, se a criminosa vence a justa, pelo próprio
140. crimine dotata est emeruitque uirum?
crime foi recompensada e obteve o esposo?
141. Lemniadum facinus culpo, non miror, Iason;
Reprovo o crime das lemníades, mas não me espanto, Jasão;
142. quamlibet infirmis ipse dat arma dolor.
a própria dor dá, a seu gosto, armas aos fracos.
143. Dic age, si uentis, ut oportuit, actus iniquis
Fala, eia: se, impelido por ventos hostis, como era mister,
144. intrasses portus tuque comesque meos
tu e a companheira tivessem adentrado meus portos
145. obuiaque exissem fetu comitante gemello,
e eu saído ao teu encontro acompanhada dos gêmeos,
146. hiscere nonne tibi terra roganda fuit?
acaso não era de suplicares para a terra se abrir?
147. Quo uultu natos, quo me, scelerate, uideres?
Com que rosto, ó criminoso, olharias teus filhos, com que rosto a mim?
148. Perfidiae pretio qua nece dignus eras?
De que morte eras digno como paga da perfídia?
149. Ipse quidem per me tutus sospesque fuisses,
Decerto tu próprio estarias seguro e salvo por mim,

não bastou para que, tamanho, fosses concebido²⁴⁶.

11. Plus tibi quam Iuno nocuit Venus; illa premendo
Mais do que Juno, Vênus prejudicou-te; aquela te elevou
12. sustulit, haec humili sub pede colla tenet.
oprimindo, esta retém teu colo sob o mero pé.
13. Respice uindicibus pacatum uiribus orbem,
Contempla o orbe pacificado pela força vingadora,
14. qua latam Nereus caeruleus ambit humum;
onde o cerúleo Nereu rodeia a vasta terra;
15. se tibi pax terrae, tibi se tuta aequora debent;
a ti se deve a paz das terras, a ti devem os mares a sua segurança;
16. implesti meritis solis utramque domum;
encheste com teus méritos as duas moradas do sol²⁴⁷;
17. quod te laturum est, caelum prius ipse tulisti;
há de portar-te o céu que, antes, tu mesmo portaste²⁴⁸;
18. Hercule supposito sidera fulsit Atlans.
Atlas, substituindo Hércules, aguentou os astros²⁴⁹.
19. Quid nisi notitia est misero quaesita pudori,
Que é, exceto uma notoriedade buscada à infeliz vergonha,
20. si maculas stupri facta priora nota?
se maculas os feitos anteriores com a mancha da desonra?
21. Tene ferunt geminos pressisse tenaciter angues,
Tu mesmo contam teres tenazmente estrangulado duas serpentes,
22. cum tener in cunis iam Ioue dignus eras?
quando, criança, já eras digno de Júpiter no berço?
23. Coepisti melius quam desinis; ultima primis
Começaste melhor do que terminas; o final cede
24. cedunt; dissimiles hic uir et ille puer.
ao início; são diferentes este homem e aquele menino.
25. Quem non mille ferae, quem non Stheneleius hostis,

²⁴⁶ Júpiter, assumindo a aparência de Anfitrião para seduzir sua esposa Alcmena, fez prolongar a noite que passou com ela.

²⁴⁷ Oriente e Ocidente.

²⁴⁸ Dejanira sabe que Hércules está prometido ao céu onde se tornará um deus. Ela não sabe que ele vive sua última prova terrestre.

²⁴⁹ Atlas, que sustentava a abóbada celeste, foi substituído por Hércules para ir colher os frutos do jardim das Hespérides.

Aquele que nem mil feras, nem o inimigo, filho de Estênelo²⁵⁰,

26. non potuit Iuno uincere, uincit Amor.
nem Juno pôde vencer, vence o Amor.
27. At bene nupta feror, quia nominer Herculis uxor,
Mas me dizem bem casada, pois sou chamada esposa de Hércules,
28. sitque socer rapidis qui tonat altus equis.
e por ser meu nobre sogro quem troveja com impetuosos corcéis.
29. Quam male inaequales ueniunt ad aratra iuuenci,
Tanto quanto novilhos desiguais se quadram mal ao arado,
30. tam premitur magno coniuge nupta minor;
uma esposa menor é esmagada por um grande marido;
31. [non honor est sed onus species laesura ferentis;
[não é uma honra, mas um adorno que ferirá o portador do peso;
32. siqua uoles apte nubere, nube pari.]
se quiseres desposar adequadamente, desposa um igual.]
33. Vir mihi semper abest, et coniuge notior hospes
Meu esposo sempre está ausente, e, mais conhecido como hóspede
34. monstraque terribiles persequiturque feras;
que como marido, persegue monstros e feras terríveis;
35. ipsa domo uidua uotis operata pudicis
eu própria, na casa sozinha, ocupada em castos votos,
36. torqueor, infesto ne uir ab hoste cadat;
me atormento, não caia meu homem pelo inimigo hostil;
37. inter serpentes aprosque auidosque leones
agito-me entre serpentes, javalis, ávidos leões
38. iactor et hausuros terna per ora canes.
e cães, que hão de devorar por três bocas²⁵¹.
39. Me pecudum fibrae simulacraque inania somni
As entranhas das vítimas, os fantasmas sem corpo de um sonho
40. ominaque arcana nocte petita mouent.
e os presságios tirados à noite misteriosa me inquietam.

²⁵⁰ Euristeu.

²⁵¹ Dejanira imagina-se passando pelas provações de Hércules.

41. Aucupor infelix incertae murmura famae
Infeliz, espreiro murmúrios de um boato incerto,
42. speque timor dubia spesque timore cadit.
o temor sucumbe à dúbia esperança e a esperança ao temor.
43. Mater abest queriturque deo placuisse potenti,
Tua mãe está ausente e lamenta ter agradado ao poderoso deus,²⁵²
44. nec pater Amphitryon nec puer Hyllus adest;
e nem teu pai Anfitrião nem Hilo, nosso filho, estão aqui;
45. arbiter Eurystheus irae Iunonis iniquae
Euristeu, executor da ira da injusta Juno,
46. sentitur nobis iraque longa deae.
padeço, assim como a duradoura ira da deusa.
47. Haec mihi ferre parum. Peregrinos addis amores
Suportá-los é pouco para mim. Juntas amores estrangeiros,
48. et mater de te quaelibet esse potest.
e qualquer uma pode ser mãe por tua causa.
49. Non ego Partheniis temeratam uallibus Augen,
Não mencionarei Auge, violada nos vales Partênios²⁵³,
50. nec referam partus, Ormeni nympha, tuos;
nem teu parto, ninfa de Ormênio²⁵⁴;
51. non tibi crimen erunt, Teuthrantia turba, sorores,
não te serão uma falta as irmãs, gente de Teutras,
52. quarum de populo nulla relictæ tibi est;
de cuja turba nenhuma foi desprezada por ti²⁵⁵;
53. una, recens crimen, referetur adultera nobis,
de uma só amante me contam, falta recente,
54. unde ego sum Lydo facta nouerca Lamo.
por quem tornei-me madrasta do lídio Lamo²⁵⁶.
55. Maeandros, terris totiens errator in isdem,

²⁵² Alcmena, vendo os perigos por que passa Hércules, lamenta ter sido seduzida por Júpiter.

²⁵³ Auge, filha de Áleo, rei da Arcádia, onde se encontra o monte Partênio, foi mãe de Télefo.

²⁵⁴ Apesar de casado com Dejanira, Hércules pediu a mão de Astidâmia, filha do rei da cidade de Ormênio, Amintor, e como o rei recusou, raptou a jovem e deu-lhe um filho, Ctésipo. (GRIMAL, 1993, p. 216 e BRANDÃO, 1993, Vol. I, p. 533)

²⁵⁵ As netas de Teutras são as cinquenta filhas do rei Téspio, seduzidas por Hércules.

²⁵⁶ Filho de Hércules e de Ônfale, rainha da Lídia a quem Hércules, tendo cometido um crime, foi vendido. Ela o obrigou a vestir-se de mulher e a fiar a lã a seus pés.

de tal modo vencedor, decerto devias envergonhar o vencido²⁶¹.

71. Detrahat Antaeus duro redimicula collo,
Anteu arrancaria os colares do rijo colo,
72. ne pigeat molli subcubuisse uiro.
para não se remoer por ter sucumbido a um homem afeminado.
73. Inter Ioniacas calathum tenuisse puellas
Dizem que seguraste um cesto entre as mulheres da Jônia
74. diceris et dominae pertimuisse minas.
e muito temeste as ameaças de tua senhora.
75. Non fugis, Alcide, uictricem mille laborum
Não evitas, Alcides, aproximar a mão vencedora
76. rasilibus calathis supposuisse manum
de mil trabalhos de polidos cestos,
77. crassaque robusto deducis pollice fila
fias com forte polegar grosseiros fios
78. aequaque formosae pensa rependis erae!
e distribuis roçadas iguais, para a formosa amante!
79. A! Quotiens, digitis dum torques stamina duris,
Ah! Quantas vezes, enquanto torces os fios com rijos dedos,
80. praeualidae fusos comminuere manus!
tuas poderosas mãos esmigalharam fusos!
81. [Crederis infelix scuticae tremefactus habenis]
[Creem-te infeliz, a tremer das vergastadas com correias]
82. ante pedes dominae...
aos pés da amante [...]
83. [eximias pompas, immania semina laudum]
[dos exímios triunfos, prodigioso resultado de tua glória,]
84. factaque narrabas dissimulanda tibi,
e dos feitos que devias esconder contavas,
85. scilicet immanes elisis faucibus hydros
naturalmente, que as enormes serpentes, estranguladas,

²⁶¹ Busíris, rei do Egito, sacrificava seus hóspedes. Hércules, passando pelo Egito em direção do jardim das Hespérides, matou-o.

86. infantem caudis inuoluisse manum,
envolveram com as caudas tua mão infantil,
87. ut Tegeaeus aper [in] cupressifero Erymantho
como cai o javali de Tegeia no Erimanto portador
88. incubet et uasto pondere laedat humum.
de ciprestes e, com o enorme peso, fere o chão.
89. Non tibi Threiciis adfixa penatibus ora,
Não te calas das cabeças afixadas em trácios lares,
90. non hominum pingues caede tacentur equae
nem das éguas engordadas pelo sangue humano,
91. prodigiumque triplex, armenti diues Hiberi
do monstro triplo, o rico Gerião do rebanho
92. Geryones, quamuis in tribus unus erat,
ibero – ainda que em três, era uno –,
93. inque canes totidem trunco digestus ab uno
de Cérbero, em outros tantos cães dividido
94. Cerberos implicitis angue minante comis,
de um só tronco, ameaçantes as víboras na enlaçada crina,
95. quaeque redundabat fecundo uulnere serpens
da serpente que brotava de prolífera ferida,
96. fertilis et damnis diues ab ipsa suis,
fértil e ela própria rica por suas perdas,
97. quique inter laeuumque latus laeuumque lacertum
do que, comprimindo-se o colo entre o flanco esquerdo e o braço
98. prae graue compressa fauce pependit onus,
esquerdo, pendeu como pesado fardo,
99. et male confisum pedibus formaque bimembri
e da turba equina, erroneamente confiante nos pés
100. pulsum Thessalicis agmen equestre iugis.
e na forma bímembre²⁶², expulsa dos montes tessálicos²⁶³.

²⁶² Os centauros.

²⁶³ Dejanira enumera alguns dos trabalhos de Hércules, organizados pelos mitógrafos alexandrinos do século III a. C. Fazem parte dessa lista canônica a caça ao javali do Erimanto (terceiro trabalho), a morte de Diomedes, rei da Trácia, e de seus cavalos, evocada nos versos 67-68 e repetida aqui pelas duas imagens redundantes das cabeças expostas e dos equinos (oitavo trabalho), a morte de Gerião, monstro de três corpos situado em Cádiz (décimo), o rapto de Cérbero (décimo segundo), a morte da Hidra de Lerna, cujas cabeças renasciam à medida em que eram cortadas (segundo). Também há

101. Haec tu Sidonio potes insignitus amictu
Podes, ornado com sidônio²⁶⁴ manto, contar esses
102. dicere? Non cultu lingua retenta silet?
feitos? Tua língua não se cala, segura pelo enfeite?
103. Se quoque nympha tuis ornauit Iardanis armis
A ninfa de Iárdano também se adornou com tuas armas
104. et tulit e capto nota tropaea uiro.
e portou do marido capturado os famosos troféus.
105. I nunc, tolle animos et fortia gesta recense;
Vai agora, toma coragem e enumera os valorosos feitos;
106. quom tu non esses, iure uir illa fuit.
tu mesmo não sendo, com direito foi ela o homem.
107. Qua tanto minor es, quanto te, maxime rerum,
És inferior a ela, ó maior de todos, tanto quanto
108. quam quos uicisti, uincere maius erat.
era superior vencer-te a derrotar aqueles que venceste.
109. Illi procedit rerum mensura tuarum;
A medida de tuas ações traz proveito a ela;
110. cede bonis, heres laudis amica tuae.
cede o que te pertence, a amante é herdeira de tua glória.
111. O pudor! Hirsuti costis exuta leonis
Vergonha! Ásperos velos tirados dos flancos
112. aspera texerunt uellera molle latum.
de hirsuto leão cobriram o delicado corpo.
113. Falleris et nescis; non sunt spolia illa leonis,
Tu te enganas e ignoras; aqueles couros não são do leão,
114. sed tua, tuque feri uictor es, illa tui.
mas teus, tu és o vencedor da fera, ela, de ti.
115. Femina tela tulit Lernaeis atra uenenis,
Portou dardos terríveis com venenos de Lerna²⁶⁵
116. ferre grauem lana uix satis apta colum,

referência à morte de Anteu e dos centauros. (NÉRADAU, 2003, p. 121)

²⁶⁴ Originário de Sidon, cidade fenícia onde é produzida a tintura púrpura, típica de trajes reais.

²⁶⁵ Ver nota 241.

uma mulher a custo capaz de portar a roca carregada de lã,

117. instruxitque manum claua domitrice ferarum
armou a mão com clava domadora de feras
118. uidit et in speculo coniugis arma sui.
e viu num espelho as armas de seu marido.
119. Haec tamen audieram; licuit non credere fama.
Eu o ouvira, porém; consegui não crer nos rumores.
120. Et uenit ad uisus mollis ab aure dolor.
Mas a branda dor passa do ouvido à visão.
121. Ante meos oculos adducitur aduena paelex,
Uma concubina estrangeira põe-se ante meus olhos,
122. nec mihi, quae patior, dissimulare licet.
nem a mim, o que soffro, é permitido esconder.
123. Non sinis auerti; mediam captiua per urbem
Não deixas que se desvie; a cativa atravessa a cidade
124. inuitis oculis adspicienda uenit,
para que a observem meus constrangidos olhos,
125. nec uenit incultis captarum more capillis,
nem vem com cabelos desgrenhados ao modo das cativas,
126. fortunam uultu fassa iacente suam;
tendo mostrado, pelo face abatida, sua sina;
127. ingreditur late lato spectabilis auro,
prossegue visível de longe pela largueza do ouro,
128. qualiter in Phrygia tu quoque cultus eras;
como tu também te adornavas na Frígia;
129. dat uultum populo sublimis, ut Hercule uicto
ela mostra altiva ao povo a face, de modo que se pensaria,
130. Oechaliam uiuo stare parente putes.
vencido Hércules, Ecália estar de pé e seu pai vivo.
131. Forsitan et pulsa Aetolide Deianira
E talvez, abatida a etólia Dejanira
132. nomine deposito paelicis uxor erit
e deposto o título de concubina, será esposa,
133. Eurytidosque Ioles atque insani Alcidae

e o infame Himeneu unirá os torpes corpos

134. turpia famosus corpora iunget Hymen.
de Iole, filha de Êurito, e do insano Alcides.
135. Mens fugit admonitu frigusque perambulat artus
Minha mente perde o juízo, um arrepio percorre os membros
136. et iacet in gremio languida facta manus.
e jaz a mão lânguida em meu seio.
137. Me quoque cum multis, sed me sine crimine amasti;
A mim também amaste como a muitas, mas a mim amaste sem crime;
138. ne pigeat, pugnae bis tibi causa fui.
não te desgoste, duas vezes fui motivo de luta para ti.
139. Cornua flens legit ripis Achelous in udis
Aqueloo, chorando, recolheu os cornos nas úmidas margens
140. truncaque limosa tempora mersit aqua;
e mergulhou a mutilada cabeça na lodosa água²⁶⁶;
141. semiuir occubuit in letifero Eueno
o meio-homem²⁶⁷ Nesso pereceu no mortífero Eveno
142. Nessus, et infecit sanguis equinus aquas.
e infectou as águas o seu sangue equino²⁶⁸.
143. Sed quid ego haec refero? Scribenti nuntia uenit
Mas por que rememoro isso? A mim, que escrevo, chegam rumores
144. fama, uirum tunicae tabe perire meae.
que anunciam morrer-me o marido pela peçonha de minha túnica.
145. Ei mihi! Quid feci? Quo me furor egit amantem?
Ai de mim! O que fiz? Aonde levou a fúria a mim, tua amante?
146. Impia quid dubitas Deianira mori?
Ímpia Dejanira, por que hesitas em morrer?
147. [An tuus in media coniunx lacerabitur Oeta,
[Acaso teu marido será dilacerado no meio do Eta,

²⁶⁶ O deus rio Aqueloo desejava esposar Dejanira. Hércules, que a disputava, venceu-o e quebrou seus cornos, atributos usuais dos deuses rios.

²⁶⁷ Ou seja, um centauro, que é metade homem, metade animal.

²⁶⁸ Como o rio Eveno estivesse salobre, o centauro Nesso tinha proposto a Hércules levar Dejanira para a outra margem, mas o desejo o levou a raptar a jovem. Hércules o perfurou com uma flecha envenenada com o sangue da Hidra de Lerna. Nesso deu a Dejanira uma túnica impregnada com seu sangue levando-a a acreditar que era um talismã amoroso.

148. tu sceleris tanti causa superstes eris?
e tu, causa de tamanho crime, sobreviverás a ele?
149. Ecquid adhuc habeo facti cur Herculis uxor
Acaso algum feito ainda me resta, para que me creiam
150. credar? Coniugii mors mea pignus erit!
esposa de Hércules? Minha morte será o penhor de nossa união.
151. Tu quoque cognosces in me, Meleagre, sororem.
Tu também, Meleagro, reconhecerás em mim uma irmã.
152. Impia quid dubitas Deianira mori?]
Ímpia Dejanira, por que hesitas em morrer?]
153. Heu deuota domus! Solio sedet Agrios alto,
Ó casa maldita! Ágrio senta-se em nobre trono,
154. Oenea desertum nuda senecta premit;
uma despida velhice esmaga Eneu desamparado;
155. exulat ignotis Tydeus germanus in oris;
meu irmão Tideu está exilado em ignotas plagas;
156. alter fatali uiuus in igne fuit;
a vida do outro dependeu de um tição fatal;
157. exegit ferrum sua per praecordia mater.
minha mãe atravessou um punhal por suas entranhas²⁶⁹.
158. Impia quid dubitas Deianira mori?
Ímpia Dejanira, por que hesitas em morrer?
159. Deprecor hoc unum per iura sacerrima lecti,
Suplico isto apenas, pelos mais sagrados laços nupciais,
160. ne uidear fatis insidiata tuis.
que eu não pareça ter armado ciladas contra tua vida.
161. Nessus, ut est auidum percussus arundine pectus,
Nesso, quando atingido no peito ávido por uma flecha,
162. "hic," dixit, "uires sanguis amoris habet."
disse: "Este sangue tem propriedades amorosas."²⁷⁰

²⁶⁹ Assim como fizeram, em suas cartas, Fedra e Hermíone, Dejanira enumera as desgraças de sua família: o tio Agro, irmão de seu pai Eneu, usurpa o trono; o irmão Tideu cometeu um crime e teve de deixar sua pátria; o outro irmão, Meleagro, e sua mãe Alteia estão mortos. A vida de Meleagro estava ligada à conservação de um tição que sua mãe guardava cuidadosamente, mas Meleagro matou os irmãos de Alteia que, irada, atirou o tição no fogo, causando a morte do filho, e depois suicidou-se. Ovídio tratou de Meleagro também na carta de Briseida (III:91-97) e nas *Metamorfoses* (VIII:298-444, a caçada de Cálidon, 445-525, sua morte e, 526-545, a morte de Alteia e a metamorfose de suas filhas em pássaros).

163. Inlita Nesseo misi tibi texta ueneno.
Enviei-te panos impregnados na peçonha de Nesso.
164. Impia quid dubitas Deianira mori?
Ímpia Dejanira, por que hesitas em morrer?
165. Iamque uale, seniorque pater germanaque Gorge
E agora adeus, velho pai e irmã Gorge,
166. et patria et patriae frater adempte tuae,
pátria minha, tu, irmão, privado de tua pátria,
167. et tu lux oculis hodierna nouissima nostris
e tu, luz hodierna, derradeira para os meus olhos,
168. uirque (sed o possis!) et puer Hylle, uale.
esposo (ó, possas viver!) e filho Hilo, adeus.

²⁷⁰ Sobre Nesso, ver nota 241.

6.5 Canace Macareo²⁷¹

11. Cãnace²⁷² a Macareu

1. (...)
2. (...)
3. Siqua tamen caecis errabunt scripta lituris,
No entanto, se os escritos perder-se-ão em escuros borrões,
4. oblitus a dominae caede libellus erit.
a carta estará manchada do sangue de tua amante.
5. Dextra tenet calamum, strictum tenet altera ferrum,
A destra segura uma pena, a outra mão uma espada nua,
6. et iacet in gremio charta soluta meo.
e no meu colo jaz uma folha desenrolada.
7. Haec est Aeolidos fratri scribentis imago;
Esta é uma imagem da Eólide que escreve ao irmão;
8. sic uideor duro posse placere patri.
assim parece-me poder agradar a um duro pai.
9. Ipse necis cuperem nostrae spectator adesset
Gostaria que ele próprio, espectador da minha morte, estivesse presente,
10. auctorisque oculis exigere tur opus.
e que a obra fosse executada sob os olhos do instigador.
11. Vt ferus est multoque suis truculentior Euris,
Como é selvagem e muito mais truculento que os seus Euros²⁷³,
12. spectasset siccis uulnera nostra genis.
olharia minhas chagas com rosto insensível.
13. Scilicet est aliquid cum saeuis uiuere uentis;
Decerto é algo viver com ventos furiosos;
14. ingenio populi conuenit ille sui.
ele se ajusta ao caráter de sua gente.

²⁷¹ Carta de número XI.

²⁷² Filha de Éolo e Enareta. Apaixonou-se por seu irmão Macareu, com quem teve um filho. Éolo, advertido sobre o incesto, ordenou que o recém-nascido fosse oferecido como alimento aos lobos e mandou um punhal a sua filha para que ela pagasse pela desonra com a morte. (MESTICA, 1993, p. 49)

²⁷³ Euros são ventos do leste (ou do sudeste). Éolo, pai de Cãnace e Macareu, é o “Rei dos Ventos” (BRANDÃO, 1993, Vol. I, p. 337).

15. Ille Noto Zephyroque et Sithonio Aquiloni
Ele comanda o Noto, o Zéfiro, o Aquilão sitônio
16. imperat et pinnis, Eure proterue, tuis.
e também tuas asas, audacioso Euro²⁷⁴.
17. Imperat heu! uentis, tumidae non imperat irae,
Ai! Ele comanda os ventos, não a soberba ira,
18. possidet et uitiis regna minora suis.
e possui um reino menor que seus vícios.
19. Quid iuuat admotam per auorum nomina caelo
De que serve a mim, próxima ao céu pelos sobrenomes dos avós,
20. inter cognatos posse referre Iouem?
poder entre parentes referir a Júpiter²⁷⁵?
21. Num minus infestum, funebria munera, ferrum
Acaso seguro menos na feminina mão ferro hostil,
22. feminea teneo, non mea tela, manu?
funéreos dons, armas que não me pertencem?
23. O utinam, Macareu, quae nos commisit in unum,
Oxalá, Macareu, o instante que nos uniu
24. uenisset leto serior hora meo!
tivesse vindo mais tarde que minha morte!
25. Cur umquam plus me, frater, quam frater amasti,
Por que, irmão, um dia me amaste mais do que um irmão,
26. et tibi, non debet quod soror esse, fui?
e, para ti, fui o que uma irmã não deve ser?
27. Ipsa quoque incalui, qualemque audire solebam,
Eu própria também me inflamei e, como costumava ouvir,
28. nescio quem sensi corde tepente deum.
não sei qual deus senti em meu tépido coração.
29. Fugerat ore color, macies adduxerat artus,
A cor fugira do rosto, a magreza extenuara meus membros,
30. sumebant minimos ora coacta cibos;

²⁷⁴ O Noto é um vento do sul, o Zéfiro, do oeste, o Aquilão, um vento do norte cuja origem poderia ser a Sitônia, nome dado à Trácia por causa do monte Sítone. O Euro é um vento do leste.

²⁷⁵ Ovídio adotou a tradição que considerava Júpiter pai de Éolo.

minha boca tomava à força mínimos alimentos;

31. nec somni faciles et nox erat annua nobis,
nem o sono era fácil, a noite durava um ano para mim
32. et gemitum nullo laesa dolore dabam;
e gemia ferida por dor alguma;
33. nec, cur haec facerem, poteram mihi reddere causam
nem podia dar-me um motivo de agir assim
34. nec noram²⁷⁶ quid amans esset; at illud erat.
nem sabia o que era amante, mas o era.
35. Prima malum nutrix animo praesensit anili,
A nutriz, com experiência dos anos, foi a primeira a pressentir o mal,
36. prima mihi nutrix "Aeoli," dixit, "amas."
foi a primeira a dizer-me a nutriz "filha de Éolo, tu amas".
37. Erubui gremioque pudor deiecit ocellos;
Enrubesci, e o pudor baixou meus pobres olhos ao peito;
38. haec satis tacita signa fatentis erant.
esses tácitos sinais eram bastante confessionais.
39. Iamque tumescebant uitiati pondera uentris
Já se intumescia o peso do meu ultrajado ventre
40. aegraque furtiuum membra grauabat onus.
e o furtivo fardo sobrecarregava meus aflitos membros.
41. Quas mihi non herbas, quae non medicamina nutrix
Que ervas, que remédios a nutriz não me
42. attulit audaci supposuitque manu,
trouxe e aplicou com mão audaz,
43. ut penitus nostris (hoc te celauimus unum)
para que, do fundo de minhas vísceras (isto somente escondi de ti)
44. uisceribus crescens excuteretur onus!
fosse arrancado o fardo que crescia!
45. A! Nimum uiuax admotis restitit infans
Ah! A criança vivaz demais sobreviveu às artes
46. artibus et tecto tutus ab hoste fuit.

²⁷⁶ O mesmo que *noueram*.

empregadas e foi protegida do secreto inimigo.

47. *Iam nouiens erat orta soror pulcherrima Phoebi.*
Nove vezes já nascera a muito bela irmã de Febo.
48. *Denaque luciferos Luna mouebat equos.*
E a décima Lua conduzia os cavalos que portam luz²⁷⁷.
49. *Nescia quae faceret subitos mihi causa dolores.*
Ignorava que motivo me dava súbitas dores.
50. *Et rudis ad partus et noua miles eram;*
Eu tanto era inexperiente no parto, quanto soldado aprendiz;
51. *nec tenui uocem. "Quid", ait, "tua crimina prodis?"*
não contive a voz. "Por que", diz, "revelas teus crimes?"
52. *Oraque clamantis conscia pressit anus.*
Minha idosa confidente tapou-me a boca, que gritava.
53. *Quid faciam infelix? Gemitus dolor edere cogit,*
Que faria, infeliz? A dor obriga a gemer
54. *sed timor et nutrix et pudor ipse uetant.*
mas o temor, a nutriz e o próprio pudor o vetam.
55. *Contineo gemitus elapsaque uerba rependo*
Contenho os gemidos, seguro as palavras escapadas
56. *et cogor lacrimas combibere ipsa meas.*
e sou forçada eu mesma a engolir minhas lágrimas.
57. *Mors erat ante oculos et opem Lucina negabat*
A morte estava diante de meus olhos, Lucina²⁷⁸ negava auxílio
58. *et graue, si moriar, mors quoque crimen erat,*
e a morte, se morresse, seria também um grave crime,
59. *cum super incumbens scissa tunicaque comaque*
quando, reclinando-te sobre mim, arrancada a túnica e os cabelos,
60. *pressa refouisti pectora nostra tuis*
reaqueceste meu peito comprimido pelo teu
61. *et mihi: "uiue, soror, soror o carissima," aisti,*
e me disseste: "Vive, irmã, ó caríssima irmã,

²⁷⁷ Os romanos contavam o tempo da gravidez pelos meses lunares.

²⁷⁸ Juno Lucina protegia os partos. Ver também nota 239.

62. "uiue nec unius corpore perde duos.
vive, nem perde dois em um só corpo.
63. Spes bona det uires; fratri es nam nupta futura;
Que a boa Esperança dê forças; pois és a futura esposa de teu irmão;
64. illius, de quo mater, et uxor eris."
e, daquele por quem és mãe, também serás esposa."
65. Mortua, crede mihi, tamen ad tua uerba reuixi,
Estava morta, crê-me, mas revivi por tuas palavras,
66. et positum est uteri crimen onusque mei.
e o crime e fardo de meu ventre foi deposto.
67. Quid tibi grataris? Media sedet Aeolus aula;
Por que te regozijas? Éolo está no meio do palácio;
68. crimina sunt oculis subripienda patris.
os crimes devem subtrair-se aos olhos do pai.
69. Frugibus infantem ramisque albentis oliuae
A zelosa ama oculta a criança com espigas,
70. et leuibus uittis sedula celat anus
alvos ramos de oliveira e delicadas faixas,
71. fictaque sacra facit dicitque precantia uerba;
faz falsos sacrifícios e pronuncia palavras de prece;
72. dat populus sacris, dat pater ipse uiam.
o povo e o próprio pai dão, dão passagem ao cortejo.
73. Iam prope limen erat; patrias uagitus ad auris
Já estava perto da soleira; um vagido chega aos ouvidos
74. uenit et indicio proditur ille suo.
de meu pai e a criança é denunciada por seu sinal.
75. Eripit infantem mentitaque sacra reuelat
Éolo arrebatava a criança e descobre o falso
76. Aeolus; insana regia uoce sonat.
sacrifício; o palácio ecoa com insana voz.
77. Vt mare fit tremulum, tenui cum stringitur aura,
Assim como o mar se agita, quando roçado por tênue brisa,
78. ut quatitur tepido fraxinus acta noto,
assim como o ramo do freixo é sacudido pelo tépido Noto,

79. sic mea uibrari pallentia membra uideres;
verias meus pálidos membros estremece-rem;
80. quassus ab imposito corpore lectus erat.
o leito fora sacudido pelo corpo ali deitado.
81. Inruit et nostrum uulgat clamore pudorem
Ele se lança, propala minha desonra com um brado
82. et uix a misero continet ore manus;
e com esforço contém a mão de meu rosto miserável;
83. ipsa nihil praeter lacrimas pudibunda profudi;
envergonhada, nada fiz além de derramar lágrimas;
84. torpuerat gelido lingua retenta metu.
minha língua se entorpecera, segura pelo gélido medo.
85. Iamque dari paruum canibusque auibusque nepotem
E já ordenara que o netinho fosse dado
86. iusserat in solis destituique locis.
aos cães e às aves e abandonado em local ermo.
87. Vagitus dedit ille miser (sensusse putares)
A pobre criança deu um grito (pensarias ter entendido)
88. quaque suum poterat uoce rogabat auum.
e rogava a seu avô com a voz que podia.
89. Quid mihi tunc animi credis, germane, fuisse
Irmão, qual pensas ter sido meu sentimento
90. (nam potes ex animo colligere ipse tuo),
(pois podes tu mesmo entender por teu sentimento),
91. cum mea me coram siluas inimicus in altas
quando o inimigo, diante de mim, levava o fruto de minhas entranhas
92. uiscera montanis ferret edenda lupis?
para o fundo das selvas a ser comido por lobos monteses?
93. Exierat thalamo; tunc demum pectora plangi
Afastara-se dos aposentos; então enfim sucedeu
94. contigit inque meas unguibus ire genas.
ser ferido o peito e atacar com as unhas o meu rosto.
95. Interea patrius uultu maerente satelles
Enquanto isso, chegou de semblante abatido um guarda

96. uenit et indignos edidit ore sonos:
de meu pai e com a boca emitiu odiosas palavras:
97. “Aeolus hunc ensem mittit tibi (tradidit ensem)
“Éolo envia a ti esta espada (entregou a espada),
98. et iubet ex merito scire quid iste uelit.”
e ordena saberes o que ele quer por tua culpa.”
99. Scimus et utemur uiolento fortiter ense;
Bem sei, e usarei a violenta espada com coragem;
100. pectoribus condam dona paterna meis.
enterrarei o dom paterno em meu peito.
101. His mea muneribus, genitor, conubia donas?
Dás estes presentes, pai, pelo meu casamento?
102. Hac tua dote, pater, filia diues erit!
Com este dote, pai, tua filha será rica!
103. Tolle procul de caede faces, Hymenaeae, maritas
Himeneu, leva as tochas nupciais para longe do sangue
104. et fuge turbato tecta nefanda pede.
e foge desta ímpia morada com agitado passo.
105. Ferte faces in me, quas fertis, Erinyes atrae,
Trazei para mim as tochas que portais, sombrias Erínias²⁷⁹,
106. et meus ex isto luceat igne rogas.
e que minha pira funerária se acenda com este fogo.
107. [Nubite felices Parca meliore sorores,
[Casai, felizes irmãs, sob uma Parca²⁸⁰ melhor,
108. amissae memores sed tamen este mei.]
sede, porém, lembradas de mim, que me perdi.]
109. Quid puer admisit tam paucis editus horis?
O que a criança cometeu em tão poucas horas de nascida?
110. Quo laesit facto uix bene natus auum?
Mal tendo nascido, por qual feito lesou o avô?
111. Si potuit meruisse necem, meruisse putetur.

²⁷⁹ Divindades infernais, filhas de Gea, nascidas do sangue que Urano espargiu quando foi castrado por seu filho Cronos. São a personificação do rancor e do castigo divino. (MESTICA, 1993, p. 92)

²⁸⁰ Nome genérico das deusas que teciam os destinos dos homens; destino.

Se pôde merecer a morte, julgue-se ter merecido.

112. A! Miser admisso plectitur ille meo.
Ah! Aquele infeliz é punido pelo que cometi.
113. Nate, dolor matris, rapidarum praeda ferarum,
Filho, dor de tua mãe, presa de feras violentas,
114. ei mihi! Natali dilacerate tuo,
ai de mim! Dilacerado no dia em que nasceste,
115. nate, parum fausti miserabile pignus amoris,
filho, deplorável penhor de um pouco fausto amor,
116. haec tibi prima dies, haec tibi summa fuit.
este é teu primeiro dia, este foi teu derradeiro.
117. Non mihi te licuit lacrimis perfundere iustis,
Não me foi permitido banhar-te com justas lágrimas,
118. in tua non tonsas ferre sepulcra comas,
nem levar a teu sepulcro uma mecha de cabelo,
119. non super incubui, non oscula frigida carpsi.
não me reclinei sobre ti, nem roubei beijos frios.
120. Diripiunt auidae uiscera nostra ferae.
Ávidas feras despedaçam-me as entranhas.
121. Ipsa quoque infantis cum uulnere prosequar umbras
Eu própria, também, ferida, seguirei as sombras da criança,
122. nec mater fuero dicta nec orba diu.
e, por muito tempo, não serei chamada mãe nem a sem-filhos.
123. Tu tamen, o frustra miserae sperate sorori,
Tu, porém, ó vã esperança de uma irmã infeliz,
124. sparsa, precor, nati collige membra tui
recolhe, imploro, os membros dispersos de teu filho,
125. et refer ad matrem socioque impone sepulcro,
traz de volta para a mãe e põe no mesmo sepulcro,
126. urnaque nos habeat quamlibet arta duos.
e que uma urna, o quanto exígua for, guarde a nós dois.
127. [Viue memor nostri lacrimasque in uulnere funde
[Vive lembrado de mim, derrama lágrimas nas feridas
128. neue reformida corpus amantis amans;

nem, amante, rejeites o corpo da amante;

129. tu, rogo, dilectae nimium mandata sororis

tu, peço, realiza os pedidos da tão querida irmã;

130. perfer; mandatum persequar ipsa patris.]

eu própria seguirei a ordem de meu pai.]

13. Aut, semel in nostras quoniam noua puppis harenas
Ou, como uma só vez ignoto navio chegara
14. uenerat audacis attuleratque uiros,
a nossas areias e trouxera intrépidos homens,
15. isset anhelatos non praemedicatus in ignes
tivesse o ingrato Esônida, sem prévia imunidade,
16. inmemor Aesonides aeraque adunca boum;
ido às chamas exaladas e ao curvo bronze bovino;
17. semina iecisset, totidem quot seuerat [et] hostes,
que lançasse tantas sementes quantos também os inimigos semeados,
18. ut caderet cultu cultor ab ipse suo.
para que o próprio cultivador tombasse por seu cultivo.
19. Quantum perfidiae tecum, scelerate, perisset!
Quanta perfídia teria morrido contigo, criminoso!
20. Dempta forent capiti quam mala multa meo!
De quantos males haveria de ser poupada minha cabeça!
21. Est aliqua ingrato meritum exprobrare uoluptas;
Há certo prazer em censurar um delito a um ingrato;
22. hac fruar, haec de te gaudia sola feram.
que eu usufrua disto, esta é a única alegria que terei de ti.
23. Iussus inexpertam Colchos aduertere puppim
Forçado a dirigir um navio não testado para a Cólquida,
24. intrasti patriae regna beata meae.
adentraste os felizes reinos de minha pátria.
25. Hoc illic Medea fui noua nupta quod hic est;
Lá, Medeia, fui o que tua nova esposa é aqui;
26. quam pater est illi, tam mihi diues erat;
tanto quanto o pai dela, era rico o meu;
27. hic Ephyren bimarem, Scythia tenus ille niuosa
este Éfira²⁸⁵ de dois mares, aquele, até a nevada Cítia,
28. omne tenet, Ponti qua plaga laeua iacet.
domina tudo o que se estende à esquerda do Ponto.

²⁸⁵ Antigo nome de Corinto.

29. Accipit hospitio iuuenes Aeeta Pelasgos,
Eeta²⁸⁶ dá hospedagem aos jovens pelasgos²⁸⁷,
30. et premitis pictos, corpora Graia, toros.
e, gregos corpos, pressionais leitos bordados²⁸⁸.
31. Tunc ego te uidi; tunc coepi scire quid esses;
Então eu te vi; então comecei a saber como eras;
32. illa fuit mentis prima ruina meae.
aquela foi a primeira ruína da minha mente.
33. Et uidi et perii nec notis ignibus arsi,
Vi, perdi-me e ardi em fogo desconhecido,
34. ardet ut ad magnos pinea taeda deos.
como queima a tocha de pinho perante os grandes deuses.
35. Et formosus eras et me mea fata trahebant;
Eras belo e meu destino me arrastava;
36. abstulerant oculi lumina nostra tui.
teus olhos atraíram a luz dos meus.
37. Perfide, sensisti. Quis enim bene celat amorem?
Tu entendeste, pérfido. Quem, de fato, bem oculta o amor?
38. Eminent indicio prodita flamma suo.
A chama, traída por seu sinal, aparece.
39. Dicitur interea tibi lex, ut dura ferorum
Enquanto isso, dá-se a ti uma condição, que os duros colos
40. insolito premeres uomere colla boum.
dos bois ferozes amarres com insólito arado.
41. Martis erant tauri plus quam per cornua saeui,
Eram os touros de Marte, mais que violentos pelos cornos,
42. quorum terribilis spiritus ignis erat,
seu terrível alento era de fogo,
43. aere pedes solidi praetentaque naribus aera,
os pés sólidos de bronze, também o bronze recobrimdo as narinas,
44. nigra per adflatus haec quoque facta suos;

²⁸⁶ Rei da Cólquida.

²⁸⁷ Gregos.

²⁸⁸ Leitos de mesa em que os gregos comiam a refeição com o rei.

mesmo elas enegrecidas por sua respiração;

45. semina praeterea populos genitura iuberis
além disso, mandam-te espalhar por vastos campos,
46. spargere deuota lata per arua manu,
com mão obediente, sementes geradoras de povos,
47. qui peterent natis secum tua corpora telis;
que atacassem teu corpo com dardos nascidos consigo;
48. illa est agricolae messis iniqua suo;
aquela é uma colheita adversa a seu agricultor;
49. lumina custodis succumbere nescia somno
enganar, com alguma arte, os olhos do guarda que não sabem
50. ultimus est aliqua decipere arte labor.
sucumbir ao sono é teu último trabalho²⁸⁹.
51. Dixerat Aeetes: maesti consurgitis omnes,
Eeta o dissera: todos levantais aflitos
52. mensaque purpureos deserit alta toros.
e a alta mesa deixa os purpúreos leitos.
53. Quam tibi tunc longe regnum dotale Creusae
Quão longe estava de ti, então, o reino, dote de Créusa,
54. et socer et magni nata Creontis erat?
teu sogro e a filha do grande Creonte?²⁹⁰
55. Tristis abis; oculis abeuntem prosequor udis,
Partes triste; sigo-te a partir com úmidos olhos,
56. et dixit tenui murmure lingua "uale".
e, com um murmúrio tênue, a língua disse "adeus".
57. Vt positum tetigi thalamo male saucia lectum,
Quando, gravemente ferida, toquei o leito posto no quarto,
58. acta est per lacrimas nox mihi, quanta fuit;
minha noite passou-se inteira entre lágrimas;
59. ante oculos taurique meos segetesque nefandae,
ante meus olhos os touros e as terríveis colheitas,

²⁸⁹ Sobre as proezas de Jasão, ver nota 226.

²⁹⁰ Expressão redundante para definir a situação presente de Jasão, casado com Créusa, filha de Creonte.

60. ante meos oculos peruigil anguis erat.
ante meus olhos o dragão vigilante estava.
61. Hinc amor, hinc timor est; ipsum timor auget amorem.
De um lado o amor, de outro o temor; o temor aumenta o próprio amor.
62. Mane erat et thalamo cara recepta soror
Era manhã e a querida irmã, recebida em meus aposentos,
63. disiectamque comas auersaque in ora iacentem
encontrou-me de cabelos emaranhados, deitada com o rosto
64. inuenit et lacrimis omnia plena meis.
desviado e tudo cheio de minhas lágrimas.
65. Orat opem Minyis (...)
Ela pede auxílio para os de Mínia [...]
66. Aesonio iuueni, quod rogat illa, damus.
O que ela pede para o jovem filho de Éson, eu dou.
67. Est nemus et piceis et frondibus ilicis atrum;
Há um bosque escurecido dos pinheiros e das ramagens da azinheira;
68. uix illuc radiis solis adire licet.
ali, dificilmente podem chegar os raios do sol.
69. Sunt in eo (fuerant certe) delubra Dianae;
Há nele (certamente já havia) um templo de Diana;
70. aurea barbarica stat dea facta manu.
posta-se em ouro a deusa feita por bárbara mão.
71. Noscis an exciderunt mecum loca? Venimus illuc;
Reconheces, ou esses lugares foram esquecidos comigo? Fomos lá;
72. orsus es infido sic prior ore loqui:
assim tomaste a iniciativa de falar com pérfida boca:
73. "ius tibi et arbitrium nostrae fortuna salutis
"A Fortuna deu-te o direito e o poder da minha salvação,
74. tradidit inque tua est uitaque morsque manu.
e minha vida e minha morte estão em tuas mãos.
75. Perdere posse sat est, siquem iuuet ista potestas:
Poder destruir basta, se tal poder agrada a alguém:
76. sed tibi seruatus gloria maior ero.
mas, salvo, serei maior glória para ti.

77. Per mala nostra precor, quorum potes esse leuamen,
Suplico por nossos males, de que podes ser alívio,
78. per genus et numen cuncta uidentis aui,
por tua estirpe e divindade do onividente avô²⁹¹,
79. per triplicis uultus arcanaque sacra Dianae
pela tríplice face²⁹² e pelos secretos cultos de Diana
80. et si forte aequos gens habet ista deos,
e, caso este povo tenha justos deuses,
81. o uirgo, miserere mei, miserere meorum;
ó moça, misericórdia de mim, misericórdia dos meus;
82. effice me meritis tempus in omne tuum.
faze-me perpetuamente teu pelos favores.
83. Quodsi forte uirum non dedignare Pelasgum
Caso não desdenhes um marido grego
84. (sed mihi tam faciles unde meosque deos?),
(mas quando os deuses me seriam tão favoráveis e próprios?),
85. spiritus ante meus tenues uanescet in auras
antes se irá na tênue brisa meu alento
86. quam thalamo nisi tu nupta sit ulla meo.
que haja alguma esposa, exceto tu, em meu leito.
87. Conscia sit Iuno sacris praefecta maritis
Seja testemunha Juno, que preside os ritos nupciais,
88. et dea, marmorea cuius in aede sumus."
e a deusa, em cujo marmóreo templo estamos."
89. Haec animum (et quota pars haec sunt?) mouere puellae
Essas palavras (e a que menor parte correspondem?) tocaram o peito
90. simplicis et dextrae dextera iuncta meae.
da ingênua moça, e tua destra juntou-se à minha destra.
91. Vidi etiam lacrimas (an et ars est fraudis in illis?);
Vi até lágrimas (ou também há o ardil da fraude nelas?);
92. sic cito cum uerbis capta puella tuis.
assim, logo foi uma garota seduzida por tuas palavras.

²⁹¹ O Sol, avô paterno de Medeia.

²⁹² Diana na terra, Febe (a Lua) no céu e Prosérpina nos Infernos.

93. Lungis et aeripedes inadusto corpore tauros
Juntas os touros não queimados, de brônzeos pés,
94. et solidam iusso uomere findis humum.
e fendes o duro chão com imposto arado.
95. Arua uenenatis pro semine dentibus imples;
Enches os campos com envenenadas presas por sementes;
96. nascitur et gladios scutaque miles habet;
nasce soldado que porta gládios e escudos;
97. ipsa ego, quae dederam medicamina, pallida sedi,
eu mesma, que dera os filtros, sentei-me pálida,
98. cum uidi subitos arma tenere uiros,
quando vi inesperados homens portarem armas,
99. donec terrigenae, facinus mirabile, fratres
até que os irmãos terrígenas, feito admirável,
100. inter se strictas conseruere manus.
travaram combate entre si a mão armada.
101. Insopor ecce draco squamis crepitantibus horrens
Eis que o insone dragão eriçado das escamas crepitantes
102. sibilat et torto pectore uerrit humum.
sibila e varre a terra com o sinuoso peito.
103. Dotis opes ubi erant? Vbi erat tibi regia coniunx
Onde estavam as riquezas do dote? Onde estava tua esposa real
104. quique maris gemini distinctet Isthmos aquas?
e o Istmo que separa as águas do duplo mar?
105. Illa ego, quae tibi sum nunc denique barbara facta,
Eu mesma, que agora enfim me tornei bárbara para ti,
106. nunc tibi sum pauper, nunc tibi uisa nocens,
agora sou pobre para ti, agora pareci nociva,
107. flammea subduxi medicato lumina somno
sujeitei ao sono, com filtros, flamejantes olhos
108. et tibi, quae raperes, uellera tuta dedi.
e, em segurança, dei-te o tosão a roubar.
109. Proditus est genitor, regnum patriamque reliqui;
Meu pai foi traído, abandonei a realeza e a pátria;

112. optima cum cara matre relicta soror;
foi a melhor irmã abandonada com a mãe querida;
111. uirginitas facta est peregrini praeda latronis;
minha virgindade tornou-se o butim de um ladrão estrangeiro;
110. munus, in exilio quodlibet esse, tuli.²⁹³
aceitei o dom, em qualquer exílio que fosse.
113. At non te fugiens sine me, germane, reliqui;
Mas, irmão, ao fugir não te deixei sem mim;
114. deficit hoc uno littera nostra loco;
neste único ponto minha carta está incompleta;
115. quod facere ausa mea est, non audet scribere dextra;
o que minha destra ousou fazer, não ousa escrever;
116. sic ego, sed tecum, dilaceranda fui.
assim eu devia ser dilacerada, porém, contigo.²⁹⁴
117. Nec tamen extimui (quid enim post illa timerem?)
Todavia não temi (o que, de fato, temeria após aquilo?)
118. credere me pelago, femina iamque nocens.
confiar-me ao mar, mulher e já culpada.
119. Numen ubi est? Vbi di? Meritas subeamus in alto
Onde está a divindade? Onde os deuses? Soframos nas profundezas
120. tu fraudis poenas, credulitatis ego.
as merecidas penas: tu, do engano, eu, da credulidade.
121. Complexos utinam Symplegades elisissent
Oxalá as Simplégades²⁹⁵ nos esmagassem abraçados
122. nostraque adhaerent ossibus ossa tuis,
e meus ossos aderissem aos teus,
123. aut nos Scylla rapax canibus misisset edendos
ou a voraz Cila²⁹⁶ nos tivesse lançado aos cães a devorar,
124. (debuit ingratum Scylla nocere uiris),
(Cila devia fazer mal a homens ingratos),

²⁹³ A edição das *Belles Lettres* identificou uma troca entre os versos 110 e 112.

²⁹⁴ Medeia lembra seu irmão, que ela própria despedaçou.

²⁹⁵ Recifes que tornavam difícil o acesso ao Ponto Euxino. Medeia imagina uma viagem que não evitaria os perigos que os marinheiros temiam.

²⁹⁶ Monstro marinho emboscado no estreito de Messina, na costa da Itália: trata-se de uma mulher cujo corpo, na parte inferior, está rodeado de seis cães ferozes que devoram tudo o que lhes passa ao alcance. (GRIMAL, 1993, p. 88)

125. quaeque uomit totidem fluctus totidemque resorbet,
e que quem vomita tantas ondas quantas engole²⁹⁷
126. nos quoque Trinacriae supposuisset aquae!
também nos tivesse submergido nas águas trinácrias²⁹⁸!
127. Sospes ad Haemonias uictorque reuerteris urbes;
Retornas incólume e vitorioso às cidades hemônias;
128. ponitur ad patrios aurea lana deos.
a áurea lã é posta junto aos deuses pátrios.
129. Quid referam Pellae natas pietate nocentes
Por que recordarei as filhas de Pélias, criminosas por afeto,
130. caesaque uirginea membra paterna manu?
e os membros do pai cortados por mão virginal?²⁹⁹
131. [Vt culpent alii, tibi me laudare necesse est,
[Que outros me acusem, tu deves louvar-me,
132. pro quo sum totiens esse coacta nocens.]
tu, por quem tantas vezes fui coagida a ser culpada.]
133. Ausus es (O! Iusto desunt sua uerba dolori),
Ousaste (Ó! Faltam suas palavras a uma justa dor!)
134. ausus es "Aesonia", dicere, "cede domo³⁰⁰."
ousaste dizer "deixa a casa de Éson."
135. Iussa domo cessi natis comitata duobus
Mandada, deixei a casa acompanhada pelos dois filhos
136. et, qui me sequitur semper, amore tui.
e pelo amor, que sempre me segue, a ti.
137. Vt subito nostras Hymen cantatus ad aures
Quando subitamente o canto de Himeneu chegou
138. uenit et accenso lampades igne micant
a meus ouvidos, brilharam as tochas com aceso fogo
139. tibiaque effundit socialia carmina uobis,

²⁹⁷ Caribdes, outro monstro. Vivia em frente a Cila, do outro lado do estreito de Messina.

²⁹⁸ Trinácia é um nome dado à Sicília por causa dos seus três promontórios.

²⁹⁹ Medeia havia rejuvenescido o pai de Jasão. As filhas de Pélias pediram que fizesse o mesmo com seu pai. Porém, Pélias era tio de Jasão e havia imposto a ele a tarefa de buscar o toirão de ouro como condição de lhe entregar o trono. Para puni-lo, Medeia deu às suas filhas uma falsa receita de rejuvenescimento, orientou-lhes a cortá-lo com suas mãos virginais e a atirar os pedaços num caldo fervente. Como o caldo não tinha poder, Pélias foi cozido.

³⁰⁰ *Cede domo* é uma fórmula usada por um marido ao repudiar sua mulher.

e a flauta espalhou hinos nupciais para vós,

140. ei mihi funerea flebiliora tuba,
ai! para mim mais chorosos do que a tuba fúnebre,
141. pertimui nec adhuc tantum scelus esse putabam;
atemorizei-me, nem até então julgava haver tamanho crime;
142. sed tamen in toto pectore frigus erat.
contudo, meu peito estava todo frio.
143. Turba ruunt et "Hymen" clamant "Hymenae!" frequenter;
A multidão corre e grita "Himeneu, Himeneu!" repetidamente;
144. quo propior uox haec, hoc mihi peius erat.
quanto mais próxima esta voz, tanto pior era para mim.
145. Diuersi flebant serui lacrimasque tegebant
Os escravos choravam nos cantos e escondiam suas lágrimas
146. (quis uellet tanti nuntius esse mali?);
(quem gostaria de ser o mensageiro de tamanho mal?);
147. me quoque, quidquid erat, potius nescire iuuabat,
também a mim, o que quer que fosse, antes aprazia ignorar,
148. sed tamquam scirem, mens mea tristis erat,
mas, como se eu soubesse, o coração estava triste
149. cum minor e pueris casu studioue uidendi
quando o filho mais novo, por acaso ou por vontade de ver,
150. adstitit ad geminae limina prima foris:
parou junto ao primeiro limiar da gêmea porta:
151. "huc mihi, mater, adi! pompam pater", inquit, "Iason
"Vem para cá, mãe!", disse, "meu pai Jasão conduz
152. ducit et adiunctos aureus urget equos."
o cortejo e, coberto de ouro, incita juntados cavalos."
153. Protinus abscissa planxi mea pectora ueste
Imediatamente, rasgando a veste, bati em meu peito,
154. tuta nec a digitis ora fuere meis.
nem o rosto ficara a salvo de meus dedos.
155. Ire animus mediae suadebat in agmina turbae
O coração exortava-me a seguir à marcha do meio da multidão
156. sertainque conpositis demere rapta comis;

e a arrancar dos penteados cabelos a grinalda roubada;

157. uix me continui quin sic laniata capillos
mal me contive, com os cabelos desgrehados,
158. clamarem "meus est" iniceremque manus³⁰¹.
para não gritar assim, "ele é meu", nem tomar posse.
159. Laese pater, gaude; Colchi gaudete relict;
Lesado pai, alegre-te; alegrai-vos, colcos abandonados;
160. inferias umbrae fratris habete mei;
sombras de meu irmão, recebei os sacrifícios fúnebres;
161. deseror amissis regno patriaque domoque
abandonam-me, perdido o reino, a pátria, a casa
162. coniuge, qui nobis omnia solus erat.
e meu marido, que sozinho era tudo para mim.
163. Serpentis igitur potui taurosque furentes,
Pois pude subjugar serpentes e touros furiosos,
164. unum non potui perdomuisse, uirum;
mas não pude um só homem;
165. quaeque feros pepuli doctis medicatibus ignes,
e eu, que repeli com doutos filtros ferozes fogos,
166. non ualeo flammam effugere ipsa meas.
não consigo escapar de minhas próprias chamas.
167. Ipsi me cantus herbaeque artesque relinquunt;
Os próprios encantamentos, ervas e artes abandonam-me;
168. nil dea, nil Hecates sacra potentis agunt.
nada a deusa, nada os mistérios da poderosa Hécate obtêm.
169. Non mihi grata dies; noctes uigilantur amarae,
O dia não me agrada; amargas noites se passam em vigília,
170. et tener a misero pectore somnus abit;
e o tenro sono some do meu pobre peito;
171. quae me non possum, potui sopire draconem;
eu, que não posso adormecer, pude adormecer o dragão;

³⁰¹ *Inicere manum* é uma expressão jurídica que designa a reivindicação de uma propriedade, como a de um escravo ou uma criança.

189. Et nimium similes tibi sunt et imagine tangor
São por demais semelhantes a ti, sou tocada pela imagem
190. et quotiens uideo lumina nostra madent.
e, quantas vezes vejo, meus olhos lacrimejam.
191. Per superos oro, per auitae lumina flammae,
Pelos deuses, pelas luzes da chama de meu avô³⁰²,
192. per meritum et natos, pignora nostra, duos,
por meus serviços e pelos dois filhos, nossos penhores,
193. redde torum, pro quo tot res insana reliqui.
suplico que voltes ao leito pelo qual, insana, abandonei tantas coisas.
194. Adde fidem dictis auxiliumque refer.
Junta sinceridade às palavras e paga o auxílio.
195. Non ego te imploro contra taurosque uirosque,
Eu não suplico a ti contra touros e homens,
196. utque tua serpens uicta quiescat ope.
e que adormeça uma serpente vencida por teus recursos.
197. Te peto, quem merui, quem nobis ipse dedisti,
Reclamo a ti, que mereci, que tu próprio me deste,
198. cum quo sum pariter facta parente parens.
com quem, sendo pai, junto eu me tornei mãe.
199. Dos ubi sit, quaeris? Campo numerauimus illo
Perguntas onde está o dote? Paguei naquele campo
200. qui tibi laturo uellus arandus erat;
que era para ser arado por ti para lewares o tosão;
201. arduus ille aries uillo spectabilis auro
aquele difícil e notável carneiro de áureo velo
202. dos mea, quam, dicam si tibi "redde", neges.
é meu dote, que, se te pedisse de volta, negarias.
203. Dos mea tu sospes, dos est mea Graia iuuentus.
Meu dote é tua salvação, meu dote é a juventude grega.
204. I nunc, Sisyphias, improbe, confer opes.
Vai agora, malvado, a isso compara as riquezas do descendente de Sisífo³⁰³.

³⁰² O Sol.

³⁰³ Filho de Sísifo, ou seja, Creonte.

205. Quod uiuis, quod habes nuptam socerumque potentis,
Se vives, se tens esposa e sogro poderosos,
206. hoc ipsum, ingratus quod potes esse, meum est.
mesmo isto, se podes ser ingrato, debes a mim.
207. Quos equidem actutum... Sed quid praedicere poenam
A eles decerto sem tardar... Mas de que interessa prenuciar
208. attinet? Ingentis parturit ira minas.
o castigo? Enormes ameaças gera a ira.
209. Quo feret ira sequar. Facti fortasse pigebit;
Seguirei aonde a ira³⁰⁴ levar. Talvez me arrependa do que faça;
210. et piget infido consuluisse uiro.
também me arrependo de ter olhado por um infiel esposo.
211. Viderit ista deus, qui nunc mea pectora uersat.
Que disto cuide o deus que agora me agita o peito.
212. Nescio quid certe mens mea maius agit.
Certamente não sei em que de maior se ocupa minha mente³⁰⁵.

³⁰⁴ A *ira* (ira, cólera) é a primeira reação a uma agressão. Se ela persiste e se torna ressentimento, conduz ao *furor*, que permite ao herói trágico cometer o crime, conduzido pelo seu destino. Ver, de Sêneca, o tratado *Da ira* e o teatro, especialmente *Medeia*.

³⁰⁵ *Medeia* pressente que fará algo ainda maior do que já fez.

7 BIBLIOGRAFIA

ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum*. São Paulo: EDUSP, 1994.

ANTUNES, C. Leonardo B. *Safo – Fr. 1 e Fr. 31*. in *Nuntius Antiquus*, nº 4, dez. 2009. Belo Horizonte: NEAM/Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/nuntius/data1/arquivos/004.11-C.Leonardo138-146.pdf>> consultado em 20/01/2013.

BARCHIESI, Alessandro. *Speaking volumes – Narrative and intertext in Ovid and other Latin poets*. Edição e tradução de Matt Fox e Simone Marchesi. London: Duckworth, 2001.

BEM, Lucy Ana de. *O amor e a guerra no livro I d'Os Amores de Ovídio*. Dissertação (mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/paulomar/Lucy%20Ana%20de%20Bem%20-%20O%20amor%20e%20a%20guerra%20no%20livro%20I%20d'OsAmores%20de%20Ov%20Eddio.pdf>>, consultado em 12 de novembro de 2012.

BOOTH, Joan. *Introduction in Latin Love Elegy. A companion to translations of Guy Lee*. Bristol: Bristol Classic Press, 1995.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Ed. Petrópolis, 1993.

BOWIE, E. L. *Early Greek elegy, symposium and public festival*. The Journal of Hellenic Studies. Vol. CVI. Cambridge University Press, 1986.

CAIRNS, F. *Generic composition in Greek and Roman poetry*. Edinburg: University Press, 1972.

CARDOSO, Zelia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CATULLE. *Poésies*. Trad. Georges Lafaye. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1949.

CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

CONTE, G. B. *Latin literature: a History*. Trad. Joseph B. Solodow. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.

COPLEY, Frank O. *Exclusus Amator. A study in Latin love poetry*. Madison, Wisconsin: The American Philological Association, 1956.

DAY, Archibald A. *The Origins of Latin Love-Elegy*. Oxford: Basil Blackwell, 1938.

DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA. 2ª Ed. 1976. Abril Cultural.

EVANS, Bergen. *Dictionary of Mythology*. New York: Dell, 1991.

FULKERSON, Laurel. *The Ovidian Heroine as Author*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

GIANGRANDE, G. *Tópoi ellenistici nell'Ars amatoria in Cultura poesia ideologia nell'opera di Ovidio*. A cura di I. Gallo e L. Nicastrì. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1991. p. 61-98.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Victor Jabouille. Ed. Bertrand. Rio de Janeiro, 1993.

HORÁCIO. *Arte Poética*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Editoria Inquérito, 1984.

KNOX, Peter E. (editor) *Ovid Heroides – select epistles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

LAGES, Celina Figueiredo e DIAS, Maria Teresa. *Poema 64 de Catulo – Apresentação e Tradução*. SCRIPTA CLASSICA ON-LINE. Número 1. Tema: Contestações do Mito. Belo Horizonte: NEAM/UFGM, abril de 2003. Disponível em <<http://www.scriptaclassicaonlinebr.gr.eu.org/celinateresa.pdf>> consultado em 15/01/2013

LEONARD, Amy Kirk. *The social and political context for obstruction in Roman loveelegy*. Dissertação de mestrado. The University of Georgia. Athens, Georgia, 2004. Disponível em <http://athenaeum.libs.uga.edu/bitstream/handle/10724/7689/leonard_amy_k_200408_ma.pdf?sequence=1>, consultado em 29/05/2012.

LIDDELL, Henry George e SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. 9ª ed. Clarendon Press: Oxford, 1996.

LINDHEIM, Sara H. *Mail and Female – Epistolary Narrative and Desire in Ovid's Heroides*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2003.

MALTBY, Robert. *Major themes and motifs in Propertius' love poetry*. in GÜNTHER, Hans-Christian (editor). *Brill's Companion to Propertius*. Boston: Brill, 2006.

MARMORALE, *História da Literatura Latina*. Tradução de João Bartolomeu Júnior. Ed.

Estúdios Cor: Lisboa, 1974.

MESTICA, Giuseppina Sechi. *Diccionario de Mitología Universal*. Tradução de BOUYSSOU, Marie-Pierre e QUINTELA, Marco Virgilio Garcia. Madrid: Akal, 1993.

NOBRE, Cristina. *Amor e Poesia nas cantigas d'amor de D. Diniz*. Leiria: Revista Educação & Comunicação – ESECS, nº 6 (dez/2001), pp. 50-65. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/242/1/n6_art4.pdf>, consultado em 14/12/2012

ONELLEY, Glória Braga e PEÇANHA, Shirley Fátima Gomes de Almeida. *Calímaco e Catulo: A cabeleira de Berenice*. Revista de História e Estudos Culturais, Vol. 7, Ano VII, nº 2, Maio-Ago. 2010. Disponível em <http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_9_GLORIA_BRAGA_ONELLEY_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf>, consultado em 04 de outubro de 2012.

OVIDE, *Les Fastes. Tome I*. Trad. Robert Scilling. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 2003.

OVIDE. *Heroïdes*. Trad. Marcel Prévost. Paris: Société D'Édition "Les Belles Lettres", 1965.

OVIDE. *L'Art d'Aimer*. Trad. Henri Bornecque. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1951.

OVIDE. *Les Amours*. Trad. Henri Bornecque. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1952.

OVIDE. *Les Métamorphoses. Tome II*. Trad. Geroges Lafaye. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1955.

OVIDE. *Les Remèdes a l'Amour*. Trad. Henri Bornecque. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1961.

OVÍDIO, *As Metamorfozes*. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, 1983.

OVÍDIO, *As Heroïdes – Cartas de amor*. Prefácio e notas de Jean-Pierre Néraudau. São Paulo: Landy, 2003.

OVÍDIO. *Cartas pânticas*. Introdução, tradução e notas de Geraldo José Albino. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

OXFORD LATIN DICTIONARY. Claredon: Oxford University Press, 1968.

PROPERCE. *Élégies*. Trad. D. Paganelli. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1964.

PUTNAM, M. C. J. *Essays on Latin Lyric, Elegy, and Epic*. Princeton: Princeton University Press, 1982.

QUINTILIANO, Marco Fabio. *Sobre la enseñanza de la oratoria*. Introducción, traducción y notas de Carlos Gerhard Hortet. México D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006.

RIMELL, Victoria. *Ovid's Lovers. Desire, Difference, and the Poetic Imagination*. New York: Cambridge University Press, 2009.

ROSATI, Gianpiero. *Epistola elegiaca e lamento femminile*. In: OVIDIO. *Lettere di eroine*. Introduzione, traduzione e note di Gianpiero Rosati. 5ª Ed. Milano: BUR, 2008.

SILVA, Leyla Thays Brito da. *O drama da retórica: poética do erotismo na Fedra de Sêneca*. XII Congresso Internacional da ABRALIC. 18 a 22 de julho de 2011. UFPR – Curitiba, Brasil. Texto disponível em <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1197-1.pdf>>, consultado em 21 de abril de 2013.

SOARES, M. L. L. *Ovídio e o poema calendário: Os Fastos, Livro II, o mês das expiações*. 2007, 85p. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-05052008-152001/?&lang=pt-br>>, consultado em 11 de novembro de 2012.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário da Mitologia Greco-Latina*. Ed. Itatiaia. Belo Horizonte, 1965.

TIBULLE et les auteurs du Corpus Tibullianum. *Élégies*. Trad. Max Ponchont. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1955.

TREVIZAM, Matheus. *A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da "Ars amatoria" de Ovídio*. Dissertação de mestrado inédita, defendida no IEL-UNICAMP como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Linguística. Campinas: IEL-UNICAMP, 2003.

VEYNE, Paul. *Roman Erotic Elegy. Love, Poetry, and the West*. Tradução para o inglês de David Pellauer. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

ZIMMERMAN, J. E. *Dictionary of Classical Mythology*. Nova Iorque: Bantam Books, 1971.